

NOSSO PAMPA DESCONHECIDO

Organizadores
Luiza Chomenko & Glayson Ariel Bencke

Fotografias
Adriano Becker

.....
Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
.....



NOSSE PAMPA DESCONHECIDO

Organizadores
Luiza Chomenko & Glayson Ariel Bencke

Fotografias
Adriano Becker

Porto Alegre
2016

• • • • •
Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
• • • • •

Nosso Pampa Desconhecido
Publicação do Projeto RS Biodiversidade

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
José Ivo Sartori

Secretária do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
Ana Pellini

Presidente da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
José Alberto Wenzel

Diretora Executiva do Museu de Ciências Naturais
Mariana Silveira Jacques

Projeto RS Biodiversidade

Coordenador Geral: Dennis Nogarolli Marques Patricínio

Coordenadora Técnica: Joana Braun Bassi

Coordenadora na Fundação Zoobotânica: Luiza Chomenko

Fotografias: Adriano Becker

Revisão Editorial: Glayson Ariel Bencke

Projeto Gráfico e Diagramação: krgdesign

Revisão Final: Luciano de Azevedo Moura

C548n Chomenko, Luiza
Nosso Pampa desconhecido / Organizadores Luiza Chomenko, Glayson Ariel
Bencke. Fotografias Adriano Becker - Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio
Grande do Sul, 2016.
208 p.: il. color. ; 29 x 25 cm.

Publicação do Projeto RS Biodiversidade.
ISBN 978-85-60378-12-8

1. Bioma Pampa - Rio Grande do Sul. 2. Paisagem. 3. Biodiversidade. 4. Campos
naturais. 5. Atividades produtivas. I. Chomenko, Luiza. II. Bencke, Glayson Ariel. III.
Becker, Adriano. IV. Projeto RS Biodiversidade.

CDU 574(816.5)

Autores organizadores

Luiza Chomenko

Bióloga, Mestre em Ecologia e Doutora em Biogeografia. Pesquisadora da Seção de Conservação e Manejo do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (MCN-FZBRS). Atua em projetos regionais, nacionais e internacionais nos temas Avaliação e Gestão Ambiental, Análise de Impactos Ambientais, Planejamento Ambiental, Biodiversidade, Desenvolvimento Sustentável e Biossegurança. Integra a Mesa Diretiva da *Alianza del Pastizal*.

Glaysen Ariel Bencke

Biólogo e Mestre em Zoologia. Pesquisador do Setor de Ornitologia do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (MCN-FZBRS). Coordenou a elaboração e revisão da lista das espécies da fauna ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul. É colaborador da *Alianza del Pastizal*.

Autores (em ordem alfabética)

Adriano Nygaard Becker

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC-RS. Fotógrafo autônomo desde 1997, com dedicação especial a temas relativos à conservação da diversidade biológica e cultural.

Álvaro Luiz Heidrich

Geógrafo, Mestre em Geografia e Doutor em Geografia Humana. Professor Associado do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Andrea Marcilio Trentin

Arquiteta e urbanista, MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas e MBA em Gerenciamento de Obras, em andamento, pelo IPOG – Instituto de Pós-Graduação e Graduação.

Danilo Menezes Sant'Anna

Médico Veterinário, Mestre em Ciências Veterinárias e Doutor em Zootecnia. Pesquisador da Embrapa Pecuária Sul – Bagé/RS.

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Geógrafa, Mestre e Doutora em Geografia Física. Professora Titular do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Fernando Aduino Loureiro de Souza (*in memoriam*)

Engenheiro agrônomo e produtor rural em Lavras do Sul. Fundador e membro da Mesa Diretiva da *Alianza del Pastizal*.

Roberto Verdum

Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia e Planejamento. Professor Associado do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



Tributo a Fernando Aduato

– “Não tá morto quem peleia”. Lutaste como poucos pela conservação dos nossos campos. Teu espírito agora vaga pelo desconhecido. Mas teu exemplo e legado permanecerão vivos entre nós por muito tempo. Descansa em paz, que seguiremos cuidando do pago.

Fernando Aduato Loureiro de Souza
*21-02-1947 †10-02-2016

Sumário

Apresentação da FZB.	9
Apresentação dos Organizadores.	11
Projeto RS Biodiversidade.	13
Prefácio.	14
O que é o Pampa?	16
Interlúdio I: Geografia inspiradora.	28
Paisagens do Pampa: monotonia que se rompe no espaço e no tempo.	44
Biodiversidade.	60
Interlúdio II: O paisano.	76
O elemento humano no Pampa: o gaúcho e sua história.	84
Imagens do Pampa.	112
Arquitetura.	148
Atividades produtivas.	168
O Pampa em transformação.	188
Sumário das imagens de abertura dos capítulos.	204
Bibliografia.	205
Agradecimentos.	208

Apresentação da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

Na paisagem aberta do Pampa, onde a imensidão da coxilha horizontaliza terra e firmamento, cavalga o gaúcho. Ao seu lado, um cavalo encilhado sugere um convite: venha para o Rio Grande das campereadas, dos segredos guardados e das perspectivas alvissareiras.

“Te aproxima, monta e me acompanha”, oferta o gaúcho. Atento ao proposto, você, ainda que pouco ou nada habituado – até porque seria desfeita não atender ao chamado –, logo estará se equilibrando no elegante andamento do cavalo gentilmente apresentado.

Percorrerá campestres, atravessará banhados, subirá amontanhados, seguirá por trilhas que contornam rochas, ouvirá a música dos alados, suspeitará de silêncios escorregadios no limo dos lajeados, adentrará capões e ribeirinhas, adivinhará rastejantes e corredores em busca de tocas e lianas protetoras, estremecerá ao roçar da cerração, firmará o chapéu ao frêmito do vento, deixará as pernas mergulharem nas corredeiras dos riachos, conhecerá gente e suas fainas.

Ao seu lado troteia o seu companheiro, resguardado nas palavras, mas amplo em sua acolhida. Se lhe der oportunidade, ele contará das “antigas”, das refregas, das campas mortas, das galponeiras, das saudades e das vontades de ali permanecer e ver seus descendentes.

Ir adiante ali permanecendo. Observando, lembrando, vivenciando... Deslumbrando-se ao surgimento de cada nova coxilha, da página mais recente. Página deste livro que ora lhes apresento. Obra inauguratória no conhecimento diferenciado do Bioma Pampa, ao tempo que desfraldadora de uma saga, alinhada pela narrativa e vivência de ilustres como Barbosa Lessa, que nos apresentou o Rio Grande com prazer e maestria. De tantos mais, que o fizeram com o canto, o poema, a descrição, a fala e com a ilustração.

Siga montado ao sabor destas páginas fartamente ilustradas, densamente inscritas e efusivamente gene-

rosas em sua disponibilidade de revelar um território do tamanho do Pampa. Espacialidade dificilmente mensurável em sua real sociogeobiodiversidade, tema tão acarinhado pela Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, responsável por esta obra, nas pessoas de seus organizadores, os biólogos Luiza Chomenko e Glayson Ariel Bencke. Dois primorosos pesquisadores, exemplarmente acompanhados pelo esmerado fotógrafo Adriano Becker e demais coautores, que se dedicaram durante muito tempo para que esta obra pudesse chegar às suas mãos.

Souberam os organizadores e autores manter a desejável acuidade técnica, ao sabor da linguagem usual eivada do lirismo próprio da vastidão pampiana, como também ousaram no desafio de expor as transformações pelas quais transita o Bioma Pampa. Modificações identificadas pela pesquisa, característica basilar da Fundação Zoobotânica. Não por acaso nem por mera coincidência, firmado o compromisso entre o Estado do Rio Grande do Sul e o Banco Mundial, no intuito de desenvolver o projeto RS Biodiversidade, despontou, valorizando todas as demais executoras e mentoras, o trabalho da Fundação Zoobotânica, que conjuga os esforços do Museu de Ciências Naturais, do Jardim Botânico e do Parque Zoológico, todos integrados ao Sistema Ambiental do Rio Grande do Sul, sob a coordenação da Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Bem-vindo à metade sul do Estado meridional brasileiro, território da ocorrência restrita do Bioma Pampa. Não apeie, a não ser que seja para se refrescar nas sangas e dar o sossego merecido ao seu cavalo. Sem demora siga em frente, adentre, se aproprie, valorize, conheça, preserve, pertença sem se adonar, que o Pampa é livre e de todos.

Não esqueça: ao final da cavalgada, acaricie o cachorro que lhe acompanhou, sussurre gratidão ao cavalo, abra a algibeira e estenda um exemplar deste magnífico livro ao seu parceiro de andança. Ele se

verá como num espelho. Ele identificará cada contorno convivente de sua natureza. Ele lhe será grato e repetirá o convite: “Retorna sempre que quiseres ao Bioma Pampa”. Você entenderá o quanto ao Pampa pertence. Basta presentear-se a si mesmo com a grandiosidade referencial desta obra. Eis mais que um livro: um presente com o encanto do inesperado.

.....

José Alberto Wenzel
Presidente

Apresentação dos Organizadores

.....

Quando, ainda na década passada, iniciamos as tratativas com o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF) para preparação de um grande projeto com enfoque em sustentabilidade socioambiental, a escolha da área de atuação recaiu sobre o Pampa, por ser o bioma menos favorecido em termos de iniciativas de conservação no Rio Grande do Sul. Surgiu, então, uma dificuldade: o que é o Pampa? Quem conhece o Pampa?

Nesse momento ocorreu-nos a ideia de mostrar para um público mais amplo esse espaço geográfico único, mas ainda tão pouco conhecido e valorizado. Queríamos algo que retratasse de forma clara e palpável, ainda que com a devida dose de enlevo e emoção, esse “campo sem fim” e seu habitante mais ilustre, que é a figura quase lendária do gaúcho.

E assim galgamos o primeiro degrau dessa escada, com a organização da exposição fotográfica intitulada Nosso Pampa Desconhecido, composta por fotos do talentoso fotógrafo Adriano Becker. O título da exposição remete à intenção original da proposta, de apresentar o Pampa àqueles que não o conhecem e despertar uma consciência de pertencimento entre aqueles que já o conhecem ou nele vivem.

A exposição percorreu – e continua percorrendo – numerosos municípios do Rio Grande do Sul e também do exterior. Para nossa satisfação, as manifestações dos visitantes foram nos dando, a cada dia, mais e mais convicção de que inaugurávamos um caminho sem volta. A emoção de alguns deles, ao contemplarem imagens de belas paisagens do Pampa ou ao lembrarem com saudade dos lugares que ficaram para trás quando vieram morar na “cidade grande”, e a surpresa de outros, ao descobrirem que o Pampa tem muito mais belezas e diversidade do que podiam imaginar, deram-nos a certeza de que não deveríamos encerrar o trabalho por ali.

Algo mais precisava ser feito para mostrar ao mundo que o Pampa não é, como dito por alguns, um vazio

ecológico ou uma área degradada “que nem árvores tem”. Tampouco é uma terra sem valor, enquanto o gaúcho não é um “bairrista” que dorme lembrando lutas passadas. Assim, surgiu a ideia de produzirmos este livro.

Diversas obras abordando aspectos ambientais, econômicos e socioculturais do Pampa – ou, de uma maneira mais ampla, dos Campos Sulinos em geral – têm surgido nos últimos anos, produto do incremento das pesquisas e da maior atenção dada ao bioma pela sociedade. Isso nos levou a um novo desafio. Como construir uma obra que pudesse informar, conscientizar e sensibilizar sem repetir o que já foi feito até aqui? Então, convidamos algumas pessoas que, assim como nós, não poderiam permanecer caladas diante da rápida transformação pela qual passa o bioma e sentiam necessidade de externar seus saberes e sentimentos para falar desse pedaço do Brasil.

Juntos, construímos uma obra que aborda as paisagens, a biodiversidade, a cultura e as atividades produtivas do Pampa. Mostramos sua gente e seu cotidiano. Destacamos a pecuária a pasto nativo como vocação natural da região e grande trunfo para alcançar o seu desenvolvimento sustentável. Revelamos um Pampa que por vezes já deixa saudades ou apenas lembranças de épocas passadas, das quais nos dá testemunho o seu patrimônio arquitetônico. Retrata-mos um Pampa que, tendo-se formado ao longo de milhões de anos, agora é transformado a cada dia.

Todo esse trabalho tem um objetivo: despertar um novo olhar sobre o Pampa gaúcho. Nosso desejo é que cada leitor, ao admirar as imagens que retratam as riquezas do bioma e ao explorar os textos cuidadosamente elaborados por pessoas que o conhecem profundamente, sinta um pouco da realidade de vivenciar o Pampa e passe a conhecê-lo melhor e a valorizá-lo mais, tornando-se um aliado na luta pela sua conservação.

.....

Os Organizadores

Projeto RS Biodiversidade

O Estado do Rio Grande do Sul executou o projeto **Conservação da Biodiversidade como Fator de Contribuição ao Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (RS Biodiversidade)**, financiado pelo Global Environment Facility – GEF por meio do Banco Mundial – BIRD, com doação de US\$ 5 milhões e contrapartida do Estado de US\$ 6,1 milhões.

O projeto executou um conjunto de ações com objetivo de promover a conservação e a recuperação da biodiversidade mediante o gerenciamento integrado dos ecossistemas e a criação de oportunidades para o uso sustentável dos recursos naturais, com vistas ao desenvolvimento regional, promovendo a incorporação do tema nas instituições e comunidades envolvidas.

A coordenação geral esteve sob responsabilidade da Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e coordenadores técnicos dos órgãos coexecutores, FZB – Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, FEPAM – Fundação Estadual de Proteção Ambiental “Henrique Luiz Roessler”, EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Governo do Rio Grande do Sul e TNC – The Nature Conservancy do Brasil.

A valorização da cultura típica de uma região, aliada a seus elementos naturais, passa a integrar o conjunto de exigências fundamentais para garantir a qualidade de produtos e processos produtivos que estão cada dia mais presentes na vida das pessoas em todo mundo. Entretanto, a devida valorização de realidades locais só ocorre quando se desenvolve nas populações humanas um processo de pertencimento a esses locais e para tanto é fundamental que haja uma percepção real dos seus elementos formadores e suas interfaces.

Com o intuito de difundir as ações desenvolvidas pelo RS Biodiversidade para distintos públicos-alvo, houve por parte da Fundação Zoobotânica um esfor-

ço em levar as informações com seus resultados para diversas regiões do Brasil e exterior. Nesse contexto, a presente obra vem ao encontro deste objetivo, partindo da proposta de disseminar conhecimentos relacionados com a temática básica do projeto e suas interfaces com economia, ambiente, cultura e sociedade.

.....
Luiza Chomenko
Coordenadora do RS Biodiversidade na
Fundação Zoobotânica do RS

Prefácio

.....

É com grande satisfação que escrevo o prefácio para este lindo e importante livro *Nosso Pampa Desconhecido*. As belas fotografias e o correto texto ajudam a transmitir as belezas e os valores desse bioma ainda tão desconhecido e pouco valorizado. O Pampa representa um dos ecossistemas mais ameaçados e menos conservados no Brasil, no Uruguai e na Argentina. O mesmo é verdade em escala global, onde os Campos Temperados representam o macrobioma com menor esforço de conservação em todo o mundo.

O cenário internacional vive um momento muito especial, em que as lideranças públicas e privadas de todo o mundo aumentam os compromissos e esforços em defesa do planeta Terra e em prol da sustentabilidade das atividades humanas para o bem dessa e das futuras gerações. Destaco a aprovação da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, em setembro passado, pela Assembleia Geral da ONU, em Nova York, com seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com destaque para o Objetivo 15, que visa conservar, restaurar e usar sustentavelmente os ecossistemas terrestres; da Agenda de Sendai para Redução dos Riscos aos Desastres 2015–2030, aprovada em março de 2015, no Japão, na qual se reconhece a importância dos ecossistemas naturais na redução das vulnerabilidades aos desastres ambientais; do Objetivo de Neutralidade na Degradação das Terras, na Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação em Ancara, Turquia, em outubro passado; e do Acordo de Paris em dezembro último, no âmbito da Convenção sobre Mudanças Climáticas, em que cada país assumiu compromissos adicionais para a redução das emissões de gases de efeito estufa, incluindo aqueles relacionados ao uso das terras, inclusive compromissos de conservação e recuperação de ecossistemas visando ao sequestro de carbono.

lógica, que tenho a satisfação de dirigir, gostaria de destacar a aprovação, em 2010, do Plano Estratégico para Biodiversidade 2011–2020, com suas 20 Metas de Aichi de Biodiversidade e seus múltiplos programas de trabalho, que incluem o Programa de Trabalho sobre Biodiversidade das Terras Áridas e Subúmidas e a Estratégia Global para a Conservação das Plantas. Infelizmente, a última avaliação global realizada na 12ª Conferência das Partes, em Pyeongchang, na República da Coreia, em outubro de 2014, concluiu, com base no Panorama da Biodiversidade Global 2014, que apesar dos esforços recentes, o alcance das metas globais e nacionais acordadas necessita uma ampliação dos esforços. Nesse sentido, a COP12 aprovou um conjunto de decisões rotuladas de Caminho de Pyeongchang para a Implementação Reforçada do Plano Estratégico e Alcance das Metas de Aichi de Biodiversidade e decidiu priorizar para a próxima Conferência das Partes – a COP13, que ocorrerá em Cancún, México, em dezembro de 2016 – a temática da integração dos temas da biodiversidade nas políticas, planos e ações dos setores da agricultura, silvicultura, pesca, turismo e saúde.

O Brasil, apesar das atuais dificuldades econômicas e políticas, vem promovendo importantes avanços em prol da biodiversidade. Destaco a aprovação da nova Lei de Proteção da Vegetação Nativa em maio de 2012, que incluiu importantes marcos legais em defesa de todos os tipos de ecossistemas terrestres, entre eles o Cadastro Ambiental Rural (CAR), e a nova Lei da Biodiversidade aprovada em abril de 2015, que valoriza a pesquisa e o aproveitamento econômico dos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais associados, bem como fortalece os instrumentos para a promoção da repartição dos benefícios resultantes do seu uso. Em 2013, a Comissão Nacional da Biodiversidade (CONABIO) aprovou resolução com as novas Metas Nacionais de

Biodiversidade e, este ano, o Ministério do Meio Ambiente espera aprovar a nova Estratégia e Plano de Ação Nacional para Biodiversidade e o Plano de Recuperação da Vegetação Nativa no Brasil (PLANAVEG). Em dezembro passado, tive o prazer de participar, em Brasília, do lançamento do Catálogo Taxonômico Online da Fauna Brasileira, que vem se juntar ao exitoso Catálogo Online das Plantas e Fungos do Brasil, lançado em 2010 e atualizado em 2015. Destaco ainda o lançamento, em dezembro de 2014, de três Portarias do Ministério do Meio Ambiente, com as novas Listas Nacionais Oficiais (Listas Vermelhas) de Espécies da Flora, Fauna e Fauna Aquática Ameaçadas de Extinção.

Finalmente, gostaria de reconhecer os esforços em prol do Bioma Pampa realizados em anos recentes no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, incluindo os resultados alcançados pelo Projeto RS Biodiversidade, apoiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF) – o Mecanismo Financeiro da Convenção sobre Diversidade Biológica –; os avanços na pesquisa sobre a fauna e flora do Pampa realizados pelos pesquisadores gaúchos nas suas múltiplas universidades e institutos de pesquisa, incluindo a veterana e dinâmica Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; a continuidade na atualização das Listas Vermelhas de Fauna e Flora Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul; e os importantes e encorajadores resultados alcançados no âmbito da *Alianza del Pastizal*, incluindo os acordos voluntários com pecuaristas para promover a conservação do Pampa em propriedades rurais privadas e a promoção da certificação da carne oriunda dessas propriedades.

Gostaria de concluir com um voto de confiança e otimismo em relação ao futuro do Pampa, da sua biodiversidade e dos serviços ambientais associados, e dos seus valores ambientais, econômicos e culturais, e com um apelo a todo o povo gaúcho, às suas instituições, entidades de classe e governos, para redobrem seus esforços em prol da conservação, recuperação e uso sustentável desse bioma único, em benefício da atual e das futuras gerações.

.....
Braulio Ferreira de Souza Dias
Secretário Executivo da Convenção sobre
Diversidade Biológica
Montreal, Canadá, março de 2016



O que é o Pampa?

Glayson Ariel Bencke
Luiza Chomenko
Danilo Menezes Sant'Anna

Nossa noção de natureza preservada normalmente está associada à imagem de ambientes fartamente arborizados. Porém, ao sul das paisagens tropicais da América do Sul, aproximadamente a partir do paralelo 30º de latitude sul, há um vasto espaço geográfico onde as árvores limitam-se a formar uma moldura ao longo dos cursos d'água ou estão confinadas às áreas de relevo mais acidentado. Todo o resto constitui o domínio privativo das ervas: gramíneas e outras plantas rasteiras perfeitamente adaptadas às condições climáticas e aos solos da região, formando um complexo sistema de campos naturais.

O Pampa, como é conhecido esse território, é um dos seis biomas terrestres ou grandes regiões naturais do Brasil. É o único que se estende por um só estado, ocupando uma superfície de 178 mil km², que representa 63% do território gaúcho e 2,1% do território nacional.

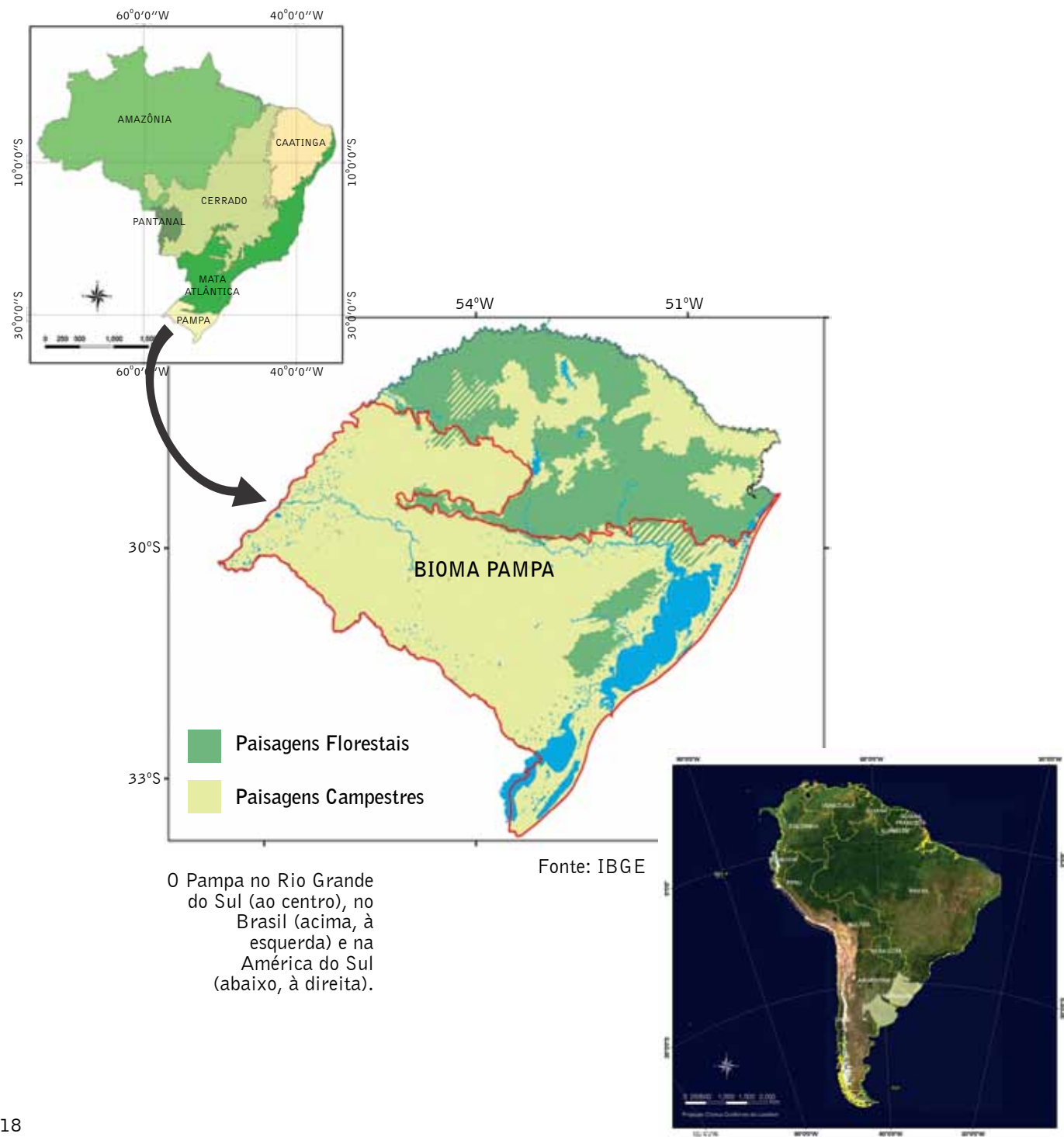
Mas o bioma não é exclusivamente brasileiro. O Pampa gaúcho faz parte de uma extensa região natural com mais de 750 mil km² que abrange todo o Uruguai, o centro-leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai, além da metade sul do Rio Grande do Sul. Essa região, denominada *Pastizales del Río de la Plata* ou, simplesmente, Campos e Pampas, constitui a maior extensão de ecossistemas campestres de clima temperado do continente sul-americano.

Globalmente, os campos temperados cobriam no passado uma área de 9 milhões de km², ou 8% da superfície terrestre, estando presentes em todos os continentes, exceto a Antártida. Na atualidade, formam o bioma mais alterado, mais ameaçado e menos

protegido do planeta, preço que pagam por terem sido, desde os tempos históricos mais remotos, um dos ambientes mais favoráveis ao estabelecimento humano e também um dos mais produtivos. Os campos temperados têm abrigado – ou historicamente abrigavam – algumas das maiores concentrações de herbívoros (tanto selvagens quanto domésticos) do planeta, ao mesmo tempo em que as paisagens campestres e muitas espécies de gramíneas, como o milho, o trigo, o arroz e a cana-de-açúcar, continuam provendo uma importante base alimentar ao homem. A maior parte desses ecossistemas foi profundamente modificada pela atividade humana e, em 2010, apenas 3,4% dos campos temperados do mundo estavam inseridos em áreas de preservação ambiental, comparados aos mais de 20% de florestas tropicais e subtropicais protegidas.

No Brasil, o Pampa foi oficialmente reconhecido como bioma apenas em 2004, alcançando *status* equivalente ao da Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal, Cerrado e Amazônia. Até então, estava vinculado aos chamados Campos Sulinos, como parte do Bioma Mata Atlântica. Essa distinção inseriu formalmente o Pampa na agenda ambiental nacional, contribuindo para a conservação do rico patrimônio natural e cultural da região e permitindo destacar, inclusive no âmbito da legislação, a importância, a singularidade e as potencialidades desse ambiente campestre único no mundo.

O Pampa sustenta uma vida silvestre peculiar e diversificada, composta em grande parte por organismos adaptados ao ambiente campestre. Há várias espécies



de plantas e animais endêmicas do Pampa, ou seja, que não existem em qualquer outra região do planeta. Essa biodiversidade, em seus diversos níveis de organização, é responsável pelo provimento de inúmeros serviços ecossistêmicos que contribuem para o sustento e o bem-estar humano, como a purificação das águas, o controle de pragas agrícolas, a estocagem de carbono (que contribui para a regulação do clima do planeta), o controle da erosão e a reposição da fertilidade do solo, além de ser uma importante fonte de recursos genéticos, principalmente de plantas forrageiras e ornamentais. O Pampa também proporciona paisagens de grande beleza cênica e alto valor para o turismo e o lazer.

Contudo, não basta apresentar o Pampa apenas como um espaço natural, de paisagem, vegetação e biodiversidade típicas. Qualquer definição que se pretenda dar a essa região será incompleta se não considerar a dimensão sociocultural. Com efeito, é impossível pensar no Pampa sem que imediatamente venha à mente a figura do gaúcho, o habitante natural da região, completamente integrado ao seu meio e hoje conhecido muito além das fronteiras do Rio Grande. O Pampa é o berço do povo gaúcho, cuja cultura e tradições foram construídas sobre os campos nativos de um território de fronteira flutuante e em íntima associação com a atividade econômica mais antiga na região: a criação extensiva de gado.

O ambiente natural do Pampa forjou o gaúcho, e este, por sua vez, moldou o seu meio, tendo o gado e o cavalo como coadjuvantes. Os traços culturais do gaúcho se manifestam na sua indumentária típica, no cancionero regional, em seus costumes, na culinária, na arquitetura e nas lidas campeiras, fazendo do Pampa uma verdadeira paisagem cultural. O gaúcho é o *comboy* dos campos do sul da América do Sul e traz arraigado todo um mundo de tradições e culturas.

O Pampa visto sob diferentes olhares

A palavra pampa provém da língua quíchua e significa planície. Jaime Caetano Braun, poeta e compositor gaúcho, assim descreveu o Pampa: “é a planície sem fim que vai do Rio Grande do Sul aos contrafortes dos Andes na taiga da Cordilheira. É o campo imenso – a pradeira, dos centauros campesinos,

rio-grandenses e platinos, titãs da raça campeira. Vem do Quíchua – e quer dizer, o campo aberto – a planura, o descampado – a lonjura, a várzea que se destampa. Nele a liberdade acampa e o civismo não estanca.”

O fotógrafo Leonid Streliaev, em seu olhar artístico apurado, refere-se ao Pampa como “o lugar onde se enxerga longe. É essa a característica do gaúcho, um povo que enxerga longe, através da infinita horizontalidade do Pampa. (...) Nos pampas não existe perto, tudo é longe, é distante. Essa silenciosa monotonia do Pampa é muito bonita.”

A própria denominação “gaúcho” envolve todo um simbolismo no que diz respeito às suas origens. Muitos historiadores, autores e poetas, entre eles Barbosa Lessa e Vargas Netto, resgataram em suas manifestações o surgimento dessa denominação. J. C. Braun assim a descreveu: “gaúcho talvez derive do termo quíchua “huachú”; talvez do “cachú” ou “cauchú” do linguajar araucano; não há registro do ano do seu aparecimento, nasceu como nasce o vento do próprio solo pampiano. O termo foi, a princípio, de cunho pejorativo e sinônimo efetivo de máulas e changadores, de ladrões e coureadores, que se cruzam ao léu, morando sobre o chapéu, sem lei – sem Deus – sem temores. Gaúcho – enfim – é o nativo do velho pago sulino, irmão “Del gaucho platino”, campeador americano.”

A integração do gaúcho com o seu meio é retratada de forma graciosa e simbólica na poesia de Ruy Ramos, político, advogado e tradicionalista itaquense: “Tronco e gaúcho nasceram no mesmo pampa deserto, pelearam de peito aberto, enfrentando vendavais: um no lombo dos baguais, outro na fúria do vento, sempre livres, ao relento, como centauros iguais...”

Já a integração cultural dos povos latinos que compartilham o Pampa fez surgir um vocabulário característico, composto por palavras cujas origens denunciam as distintas etnias que formaram o gaúcho. A formação do dialeto regional se deu basicamente por uma mescla de vocábulos hispânicos, lusos e indígenas. O escritor e filólogo Felipe Simões Pires mostra algumas dessas palavras, que com o passar dos tempos passaram a fazer parte do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul:

- Abichornado – crioulo – acovardado, apequenado.
- Áiga-te (âigale-te) – espanhol – interjeição de surpresa que enaltece o que foi ouvido; âigate.
- A la pucha (a la putcha) – espanhol – interjeição de surpresa que enaltece o que foi ouvido; âigate.
- Andar a/pelo cabresto – português – o mesmo termo que designa a condução do animal, indica que alguém está sendo conduzido por outro.
- Andar de rédea solta – português – também se referindo a pessoas, significa que alguém não sofre controle estrito de nada nem de ninguém; um momento de folga.
- Bagual – crioulo – cavalo que não foi castrado; homem.
- Balaquear – crioulo – gabar-se, mentir, conversar fiado; vanguardar-se.
- Barbaridade – português – barbarismo; tanto adjetiva como pode ser uma interjeição de espanto.
- Bate-coxa – português – baile, dança.
- Bombacha – espanhol platino – peça (calça) que caracteriza a indumentária gaúcha. Tem origem turca e foi introduzida na América pelos comerciantes ingleses, de presença marcante no Pampa platino.
- Buenacho – espanhol – muito bom, excelente; bondoso, cavalheiro.
- Campanha – português – planície rio-grandense; pampa.
- Castelhana – espanhol – indivíduo oriundo de Uruguai ou Argentino.
- Cevador – português – pessoa que prepara o chimarrão e o distribui entre os que estão tomando.
- Charque – espanhol platino – carne de gado, salgada em mantas.
- Chasque – quíchua – mensageiro, estafeta.
- Chiru (xiru) – tupi – índio velho, indivíduo de raça cabocla.
- Chucro (xucro) – quíchua – animal arisco, nunca domado; pessoa de mesmo temperamento ou sem empirismo, inexperiente.
- Cusco – espanhol platino, provavelmente já emprestado do quíchua – cachorro pequeno e de raça ordinária (ou sem); guaipeca.
- De orelha em pé – português – da mesma forma que o animal de sobreaviso ergue as orelhas, tal supõe-se faça o homem.
- Engasga-gato – português – ensopado feito com pedaços de charque da manta da barrigueira.
- Garupa – francês – a parte superior do corpo das cavalgadas que se estende do lombo aos quartos traseiros; também usado para definir a mesma área no corpo humano.
- Gaúcho – origem desconhecida – termo inicialmente utilizado de forma pejorativa para descrever a cruz ibero-índigena, hoje é o gentílico de quem nasce no Estado do Rio Grande do Sul.
- Gauderiar – espanhol platino – vagabundear, andar errante, sem ocupação séria; haragano.
- Gaudério – espanhol platino – vagabundo, desocupado, nômade; atualmente, é uma referência estadual ao povo da cam-

panha, simplesmente, como gaúcho.

- Guaiaca – quíchua – invenção gauchesca que se usa sobre o “cinturão europeu”; significa bolsa em sua língua original.
- Guaipeca – tupi – cachorro pequeno e de raça ordinária (ou sem), cusco.
- Guri – tupi – criança, menino; serviços que faziam trabalho leve nas estâncias.
- Haragano – espanhol – nômade, renitente; cavalo que dificilmente se deixa agarrar.
- Jururu – tupi – triste, cabisbaixo, pensativo.
- Macanudo – indicado como sendo espanhol platino – bom, superior, poderoso, forte, inteligente, belo, rico, respeitável; um adjetivo positivo de uso genérico.
- Mate – quíchua – bebida preparada em um porongo, com erva-mate e água quente; chimarrão.
- Minuano – indicado como sendo espanhol platino – vento andino, frio e seco, que sopra do sudoeste no inverno.
- Morocha – espanhol platino – moça morena, mestiça, mulata; rapariga de campanha.
- Nativismo – português – amor pelo chão onde se nasce e sua tradição.
- Orelhano (aurelhano) – espanhol platino – animal sem marca nem sinal; também serve para pessoas.
- Pago – espanhol/português – lugar onde se nasceu; como o gaúcho original era um nativo descendente de imigrantes e não pretendia deixar seu solo em hipótese alguma, o termo também designa, genericamente, a região da Campanha.
- Pampa – quíchua – vastas planícies do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, coberta de excelentes pastagens que servem para criação de gado; em quíchua, “pampa” significa “planície”.
- Paisano – português/espanhol – patricio, amigo, camarada; camponês e não militares.
- Pelo duro – espanhol – crioulo, genuinamente rio-grandense; também significa pessoa ou animal sem estirpe.
- Poncho – origem incerta, araucano ou espanhol – espécie de capa de pano de lã de forma retangular, ovalada ou redonda, com uma abertura no centro, para a passagem da cabeça.
- Puchero (putchero) – espanhol – sopão com muito vegetal e carne de peito, sem tutano e sem pirão.
- Querência – espanhol – o lugar onde se vive; derivado de “querer”, caracteriza o amor que o gaúcho tem pela sua terra.
- Tapejara – tupi – vaqueano, guia ou prático dos caminhos; gaúcho perito, conhecedor da região.
- Tchê – provavelmente espanhol – termo vocativo pelo qual se tratam os gaúchos; é o mesmo “che” (“txê”) do espanhol, que se consagrou com Ernesto Guevara, o “Che”.
- Topete – português/espanhol – audácia, arrogância, atrevimento; saliência da erva-mate que fica fora d’água na cuia de chimarrão.
- Tropeiro – português/espanhol – condutor de tropas, de gado.

Morro São Pedro, Porto Alegre, novembro de 2008.





Cerro do Tigre, Alegrete,
abril de 2008.



Serra do Caverá, entre
Rosário do Sul e Alegrete,
janeiro de 2010.



Lavras do Sul,
agosto de 2007.



Caçapava do Sul,
junho de 2015.



Noivinhas-de-rabo-preto
(*Xolmis dominicanus*)
Lavras do Sul,
dezembro de 2007.

Alstroemeria albescens
Morro São Pedro, Porto
Alegre, março de 2009.

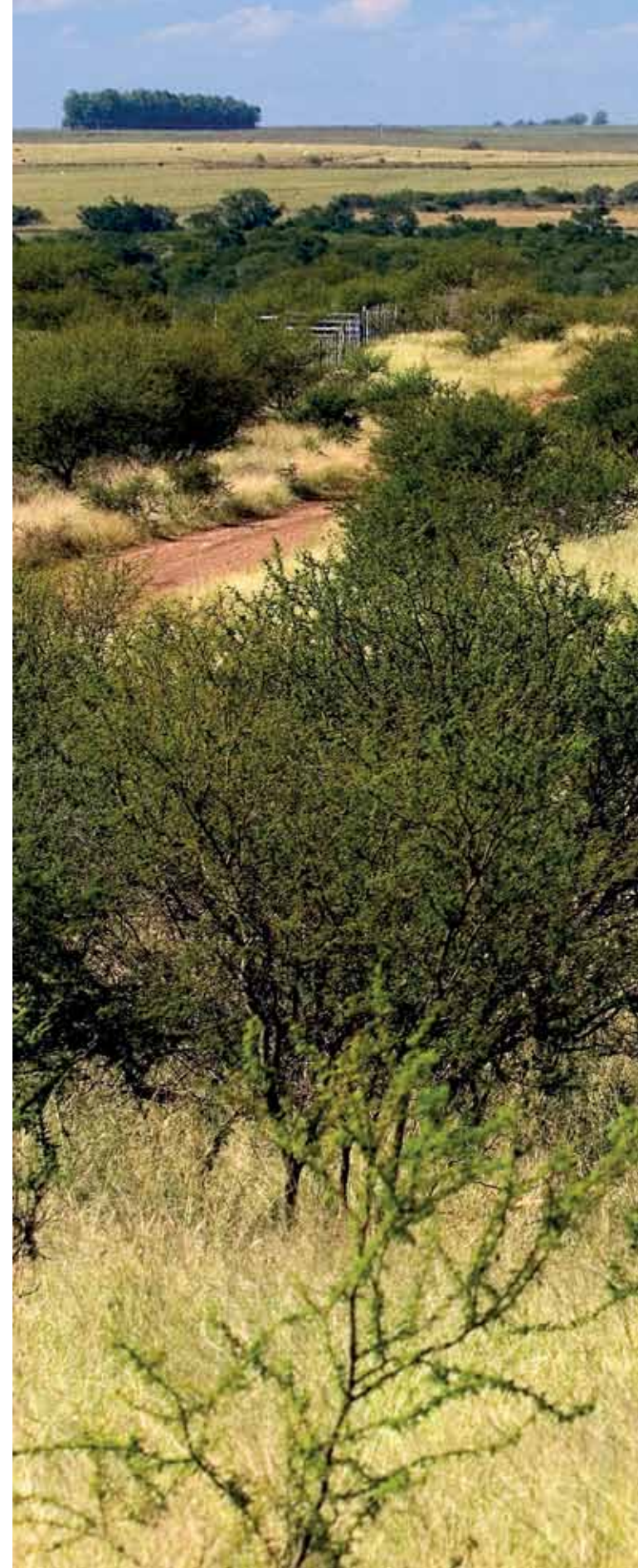


Interlúdio I

Geografia inspiradora

.....
.....
.....

Dirce Maria Antunes Suertegaray







O Pampa fronteiriço tem longa história no tocante à formação de sua paisagem. Caracteriza-se pelas planuras e pelos horizontes infindos, onde o campo prevalece entremeado de outras formas de cobertura vegetal, como espinilhos, corticeiras e o butiazal, maria-mole, capim-limão, gravatás, tunas e campos limpos, onde vivem emas, o quero-quero e o João-de-Barro... Raposas, tatus e capivaras.



É o Pampa pastoril e das
pequenas cidades. É o Pampa das tropas
e dos tropeiros, circulando pelos
chamados corredores, estradas vicinais,
por horas ou mesmo dias.
Acompanhados pelos seus cachorros,
protegidos com seus ponchos, desde cedo
nas lidas campeiras.



É o Pampa das coxilhas e dos relevos acidentados da Coxilha de Santana e da Serra do Caverá.



Sua paisagem se revela de todos os matizes, conforme a estação do ano ou a hora do dia. Ao final da tarde, quando o sol se põe no horizonte, as nuvens se revelam laranja ou amarelas. No horizonte vislumbram-se, através do reflexo dos raios solares, chamas de uma fogueira ou fogo de chão, que nos convida à prosa e ao chimarrão.

Seus campos mudam de tom. No verão, podem ser amarelos devido ao ressecamento do solo, muito raso em muitas áreas. Mas também no inverno se amarelam pelo frio e pela geada intensa.



Em tempos de primavera, o verde reaparece, o campo rebrota, as flores campestres se espalham, entre chircas e gravatás explode a vida. Bosques de eucaliptos, introduzidos pelos pecuaristas para abrigo do gado e alguma lenha, são, também, perceptíveis no horizonte, nada que perturbe a vida diversa do bioma. O gado criado solto engorda em ritmo de tempo lento e ao sabor da maior ou menor abundância de pasto. São infindos os horizontes, são grandes as propriedades. A cerca é o limite.





Há dias de muita chuva. Mudam as cores
no Pampa, um cinza esverdeado e
esfumaçado se revela por entre um dourado
pouco denso, cor de pasto ressecado.
O céu, de um cinza róseo, reflete o brilho
do sol, entre nuvens carregadas.

Ao amanhecer, o tropeiro vai à lida, junta o gado nas estâncias, desloca-o para outras paragens, poteiros ou matadouros. Céu nublado, sol à vista, vento frio ou sol que "racha". De fazenda em fazenda, de internada em internada, com qualquer tempo, no verão ou no inverno, com sol ou com chuva, ou mesmo com geada e vento minuano, a tropa se desloca.







“Despacito”, conversando, montados em seus cavalos, os tropeiros, peões de estâncias ou capatazes, seguem em frente em tempos de geada. O campo se torna branco, as lagoas se congelam, pelas baixadas e vales, entre coxilhas desnudas, lá se vão de volta ao pago, em busca de outras lidas.



A cavalgada é longa e atravessa muitos campos. Avista-se uma tapera (rancho abandonado no campo). Registro de mudança. Velhas taperas, moradas antigas em desconstrução, em meio a alguma fazenda, rodeadas de gado e vegetação. Espinheiros isolados, campos sujos, gado solto. Fenômeno de desterritorialização, de vendas de pequenos lotes, aglutinação, expansão de propriedades e redução da população que vive no campo.



É comum no Pampa, sobre cerros e coxilhas, o túmulo isolado. Expressão do desejo de muitos de seus moradores de serem enterrados em lugares altos, no domínio de suas terras. Trata-se de um símbolo de identidade com a terra e com a lida do campo. Por vezes são túmulos familiares, mas na grande maioria é de uma única pessoa, o dono daqueles campos. A poesia gaúcha revela esse desejo, em letra de Jayme Caetano Braun: “Não me enterra em campo-santo sob uma tumba ou jazigo, não me pões nenhum abrigo, enterra-me em campo aberto, só pela terra coberto... Que o gado durma comigo!”



Enfim, esse espaço fronteiro revela muitas paisagens. Seus limites se fazem por terra ou por água. Entre a fronteira do Brasil com a Argentina flui o tranquilo e profundo rio Uruguai, das pequenas e médias embarcações. Sua imagem, ao pôr do sol, se revela dourada, reflexo do sol poente.





Este espaço fronteiriço, mais interiormente, é banhado por outro grande caudal, o Rio Ibicuí, afluente do Uruguai. Rio de planícies extensas, ainda com presença de muita mata em suas margens. Apresenta-se como paisagem singular, planuras e morros de topo plano. Isolados ou em conjunto, configuram paisagens de uma estética surpreendente. Rochedos expostos, matas de encosta e colinas no horizonte compõem o conjunto de formas que, junto como os campos das planuras, configuram as paisagens do Pampa.



Paisagem do Pampa: monotonia que se rompe no espaço e no tempo

.....

Roberto Verдум

Em uma análise superficial, a paisagem do Pampa suscita à mente daqueles que são convidados a descrevê-la algumas referências que se cristalizam como marcas de um cenário regional: “um relevo uniforme, uma imensidão geográfica, uma horizontalidade em que terra e céu se confundem, uma silenciosa monotonia...”. Tais marcas revelam circunstâncias sob as quais os seres humanos perceberam, se apropriaram e forjaram o viver e o passar pelo Pampa, ao longo de suas histórias. São generalizações necessárias para nos situar na amplidão geo-histórica da região.

Desvendando-se a temporalidade do Pampa ao longo da escala geológica, percebe-se que nossos sentidos, ao elaborarem a paisagem, deixam de considerar as circunstâncias que se manifestam nos detalhes de sua conformação. O mosaico de conhecimento científico revela que, desde suas origens, que se confundem com as do próprio Planeta, há mais de 800 milhões de anos atrás, a paisagem do Pampa percorreu uma trajetória nada monótona.

Âncora ou “escudo” dessa paisagem que se molda ao longo do tempo, o denominado Planalto Sul-Rio-Grandense constitui, atualmente, as raízes de uma estrutura que guarda tesouros nas suas entranhas ruíniformes. Ali jazem evidências de antigos vulcanismos, desertos, geleiras, mares, lagos, praias e rios, que instigam a razão daqueles que se desafiam a compreender e a reconstituir o mosaico composto por fragmentos de uma natureza que não esconde a sua trajetória inconstante.

Atualmente, todo esse mosaico de temporalidade é esculpido pelos agentes intempéricos, que não se

regem por ritmos de calma e regularidade ao longo do ano e no passar deles. São chuvas torrenciais, secas, calores tórridos e frios quase glaciais, gerando a diversidade de materiais que formam os solos de diversos matizes. Sobre eles, a diversidade biológica revela-se no predomínio dos campos naturais e nas matas ciliares que acompanham as drenagens, como dendritos que guardam no seu padrão a memória da erosão contínua.

Os campos, à primeira vista homogêneos, são diversos em sua composição de plantas herbáceas e arbustivas. São numerosas famílias, gêneros e espécies vegetais em associação, denunciando o caminhar silencioso das plantas ditado pelas variações climáticas registradas durante a ocupação dos espaços. Elas avançam e retrocedem de seus refúgios de clímax tropicais e semiáridos do Cerrado, na Região Centro-Oeste do Brasil, ou das estepes da região do Monte, na Argentina, adaptando-se e resistindo às novas condições de clima úmido e solos arenosos ou pedregosos do Pampa.

Assim, entre as plantas dos campos pampianos são encontradas espécies que constituem relictos de climas do passado, mas também registros de adaptações biológicas, como se buscassem recriar as condições de seus meios originais. Essa dinâmica de formas e estruturas vegetais se expande por todo o Pampa, evidenciando que a combinação de clima, relevo e solos em diversas escalas gera adaptações e socializações entre plantas e animais que, ao olhar atento, fogem a qualquer monotonia.



Lavras do Sul,
agosto de 2007.



Santa Maria,
janeiro de 2009.



Manoel Viana,
abril de 2008.

Paisagem de lutas e de liberdade

A complexidade se intensifica quando se reconhece que, pouco a pouco, os campos foram sendo moldados e manejados pelos seres humanos para constituírem a base econômica que veio a se revelar como marca da paisagem pampiana: a pecuária extensiva. Assentada nos relevos das coxilhas, essa paisagem da pecuária em vales e colinas suaves se rompe com os relevos em forma de mesa – os cerros e as serras. Entre conquistas e derrotas em batalhas, os seres humanos que ali viveram denominaram os elementos da paisagem segundo a sua história. Esses elementos acabaram por tornar-se ícones, onde se alicerçam identidades locais e sentimentos de pertença: Vale dos Lanceiros, Cerro dos Porongos, Serra das Asprezas, Serra das Veledas, etc.

Um mundo adormecido

Na periferia sul e oeste desse núcleo geo-histórico do Planalto Sul-Rio-Grandense, a estrutura de uma borda de bacia sedimentar gigantesca, com mais de um milhão de quilômetros quadrados, conhecida como

Paraná, guarda evidências paleontológicas de uma megafauna e uma megaflore. É na Depressão Central ou Periférica que essa história ressurge, a partir da fase erosiva em que essas grandes estruturas hoje se encontram, pelas mãos daqueles que escavam as diversas camadas geológicas no interesse de reconstruir o grande mosaico da natureza. É a vegetação arbórea de pântanos soterrados e petrificados em rochas sedimentares durante milhões de anos, assim como fósseis que representam os ancestrais dos atuais répteis, anfíbios, aves e mamíferos. Com certeza, no futuro, novas paisagens do passado, soterradas sob as atuais colinas e vales da Depressão Central, surgirão para reafirmar a existência pretérita de pântanos, desertos e grandes sistemas fluviais ou lacustres.

São sobre essas paisagens do passado que os processos de erosão e deposição conformam o relevo atual. O arredondamento das formas das coxilhas e dos cerros, com o entalhamento dos vales pela erosão, gera e transporta principalmente areia, consolidando as amplas planícies aluviais. Estas são como anéis que circundam o Escudo: para leste, a planície do rio



Jacuí, que corre em direção ao lago Guaíba, e para oeste, a do rio Ibicuí, que escoia para o rio Uruguai. Dois grandes rios que já foram um só e que se pensa em unir novamente!

Paisagem onde se constroem marcas

A atual paisagem de coxilhas recortadas por alambrados que demarcam os limites das propriedades remonta ao estabelecimento da fronteira política entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina. Essas divisões são consideradas como a primeira forma concreta de demarcação fundiária do Rio Grande do Sul, a qual estruturou, também nessa porção do Pampa, a tradição da criação animal extensiva nos amplos espaços campestres. As propriedades rurais situadas nos quadrantes oeste e sul do estado, pertencentes à Campanha Gaúcha, ainda são a herança de uma tradição de criação extensiva de gado sobre imensas superfícies de terra. Essa prática pastoril, baseada em um substrato de vegetação herbácea nativa sobre solos arenosos ou pedregosos poucos profundos, impõe uma relação direta entre rentabilidade e número

de hectares explorados. Ainda hoje se reconhece essa repartição da paisagem nas propriedades rurais com centenas de hectares e forte tradição pastoril.

O primeiro rompimento dessa marca do Pampa como paisagem pastoril surge com as ondas de imigração alemã (1842) e italiana (1875), que consolidam um novo recorte visual do terreno em pequenas propriedades, baseado na economia de subsistência pela policultura. Assim, na atualidade, ainda se evidencia a existência de duas malhas que se sobrepõem à paisagem da Campanha: uma sociedade de criadores que desenvolvem suas atividades nos solos associados aos campos e outra sociedade de agricultores que exercem a agricultura sobre um espaço que, originalmente, era constituído de solos recobertos por florestas, em relevos de fortes declividades, a “serra” e suas “escarpas”, na borda entre a Depressão Central e os planaltos ao norte e ao sul. É nessas propriedades rurais que se visualizam os modelos de produção que combinam os cultivos de soja, milho, batata, feijão e fumo, bem como fruticultura e pecuária de corte e leite.

São Gabriel,
abril de 2008.



Quaraí,
abril de 2008.

O segundo rompimento dessa paisagem de campos de pecuária ocorre, sobretudo, a partir dos anos 1970, quando há uma mudança importante do sistema de produção, que hoje se consolida em quase toda essa paisagem. A expansão dos cultivos temporários na paisagem da Campanha permitiu que ela se tornasse uma importante área de produção de culturas agrícolas alimentares e industriais. Entre 1950 e 1970 houve o *boom* do trigo e, a partir dos anos 1970, o da soja. A introdução desses cultivos mecanizados sobre o relevo plano das coxilhas e cerros, em solos leves e de fácil manejo, cobertos pela vegetação herbácea típica do Pampa, criou uma nova paisagem onde até então predominava a pecuária extensiva.

O conhecimento sobre os limites e as fragilidades dos solos sob os campos nativos nos remete à forma como a sociedade ali instalada organizava e explorava o território em via de ocupação, assim como permite que se interpretem as degradações do solo observadas na atualidade. Nesse sentido, há o reconhecimento de fenômenos que sublinham a progressiva destrui-

ção das pastagens por processos erosivos e a falta de meios dos proprietários para propor soluções que venham a controlar esses fenômenos. As ravinas, as voçorocas e a acumulação de areias em forma de manchas – os “desertos” –, foram processos identificados e julgados como capazes de influenciar enormemente as condições de produção agrícola. No que se refere a sua origem, nos primeiros estudos realizados nos anos de 1970 e 1980, estabeleceu-se uma relação desses fenômenos de degradação com as duas principais atividades econômicas praticadas até então: a criação extensiva de gado e os cultivos do trigo e soja.

No entanto, hoje se reconhece a arenização (processo de formação dos areais) como uma dinâmica natural, associada às paisagens do passado recente, sob condições de climas mais frios e secos do que o atual. Por outro lado, também é reconhecido que certos areais estão relacionados à alta pressão agrícola exercida sobre a cobertura de pastagens nativas – ainda largamente dominantes – em solos arenosos.

Enquanto sobre as coxilhas e os cerros o olhar de-



nuncia as rupturas históricas que criam um mosaico heterogêneo sob forte influência da mecanização, nas amplas planícies aluviais a paisagem associada aos extensos cultivos de arroz irrigado reafirma, desde os anos 1920, esse cultivo como “natural” ao olhar do gaúcho e do viajante que habita e percorre a Campanha.

Mais recentemente, o plantio em larga escala de eucaliptos tem rompido a horizontalidade da paisagem e as estruturas socioeconômicas típicas, gerando intensos debates sobre a sua validade como opção socioeconômica e criando novas marcas na paisagem do Pampa.

Na borda leste do Planalto Sul-Rio-Grandense, a Planície Costeira é a mais jovem unidade que compõe o Bioma Pampa, do ponto de vista geológico e biológico. No entanto, o olhar já reconhece nela a apropriação e uso humano através da pecuária, dos cultivos de arroz irrigado, milho, fumo, olericultura e fruticultura, e, mais recentemente, da soja e da silvicultura. É a partir dos anos 1970 que se deu a implantação de sistemas produtivos integrados, como o ar-

roz, o fumo e a soja. O cultivo do arroz, consorciado com o gado bovino, está integrado a essa paisagem e tal consórcio é reconhecido como incorporador do elemento humano na identidade do Pampa.

No limite entre a Planície Costeira e o Planalto Sul-Rio-Grandense, destacam-se os cultivos de fumo, milho, fruticultura e olericultura. A silvicultura, na forma de monoculturas arbóreas em extensas áreas (acácia, eucalipto e pínus), tem, gradativamente, rompido com a horizontalidade da paisagem, gerando novas dinâmicas associadas aos agentes naturais, novas formas e novas rupturas na identidade humana historicamente construída.

São novas marcas de um Pampa em constante esculturação... Mosaicos de uma paisagem que são perdidos e outros que restam para compor a matriz em que se assentam nossas memórias e referências.

Santana da Boa Vista,
abril de 2008.



Bagé,
agosto de 2007.



Alegrete,
abril de 2008.





Pedras Altas,
abril de 2008.

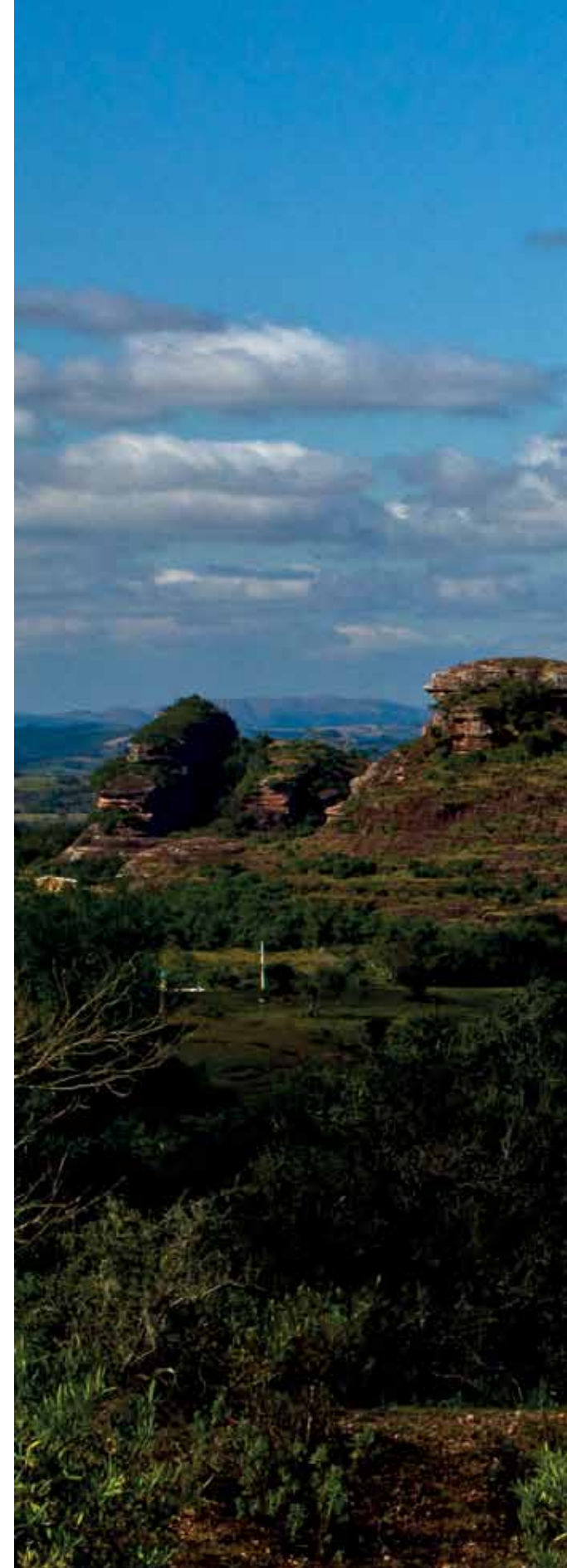


Rincão do Inferno,
Lavras do Sul,
agosto de 2007.



Uruguaiana,
abril de 2008.

Guaritas de Caçapava do Sul,
junho de 2015.







Biodiversidade

Glayson Ariel Bencke

O termo biodiversidade, ou diversidade biológica, expressa toda a multiplicidade e multidimensionalidade da vida, em suas mais variadas formas, manifestações, inter-relações e níveis de organização. A biodiversidade de um determinado espaço, seja ele uma região, país, bioma ou mesmo o planeta inteiro, compreende o conjunto das espécies de seres vivos que nele vivem – plantas, animais, fungos e microrganismos – e a variabilidade genética e morfológica contida nas populações dessas espécies. Compreende, também, as comunidades biológicas e os ecossistemas onde elas ocorrem, bem como a variedade de interações e processos ecológicos que os mantêm em funcionamento.

Por trás da aparente uniformidade do Pampa esconde-se uma surpreendente diversidade biológica, só recentemente revelada, graças à intensificação das pesquisas científicas sobre o bioma e ao aumento do interesse pela sua conservação ao longo dos últimos anos. Porém, para melhor compreendê-la e apreciá-la, é preciso deixar momentaneamente de lado nossa preferência quase inata pelas árvores e desviar o olhar para mais perto do chão, onde a vida no Pampa manifesta-se em todo o seu esplendor e plenitude.

Os campos constituem o tipo de vegetação natural predominante nas paisagens do Pampa. Versáteis e onipresentes, as gramíneas dominam esses ambientes e definem a sua estrutura, formando com outras plantas herbáceas menos abundantes uma cobertura vegetal contínua, frequentemente permeada de arbustos e subarbustos. Por estarem localizados em uma zona de transição climática, os campos do Pampa

gaúcho apresentam uma singular mistura de gramíneas estivais, características de clima tropical e com crescimento vegetativo no verão, como o capim-caninha (*Andropogon lateralis*), e hibernais, de clima frio e com crescimento vegetativo no inverno, como as flechilhas (*Stipa* spp.). Além disso, há muitas espécies endêmicas, ou seja, que não existem em qualquer outro lugar do planeta. Essa conjugação de fatores faz com que a diversidade de gramíneas do Pampa seja uma das maiores do mundo: somente nos campos do Rio Grande do Sul são mais de 400 espécies nativas.

Além das gramíneas, vários outros grupos de plantas se destacam pela variedade de espécies campestres. A família das compostas (Asteraceae), que inclui as margaridas, as carquejas (*Baccharis* spp.) e o mio-mio (*Baccharis coridifolia*), é a mais diversa e está representada por cerca de 480 espécies nos campos do Rio Grande do Sul. De leguminosas (Fabaceae) são conhecidas mais de 230 espécies, tais como os trevos (*Trifolium* spp.) e as babosas (*Adesmia* spp.) nativas, além do pega-pega (*Desmodium incanum*). Nos campos mais úmidos, as ciperáceas (*Cyperaceae*) são especialmente abundantes, ocorrendo pelo menos 145 espécies. Também as famílias das verbenáceas, cactáceas, iridáceas e malváceas, cada qual com dezenas de espécies no Pampa, são bem representadas.

Em seu conjunto, a flora campestre do Pampa gaúcho abrange cerca de 2.150 espécies vegetais, uma diversidade florística raramente encontrada em outros biomas campestres do planeta. Um único metro quadrado de campo nativo no Pampa pode

conter mais de 50 espécies diferentes de plantas! Muitas delas são economicamente importantes como forrageiras, a exemplo do capim-forquilha (*Paspalum notatum*), do capim-melador (*Paspalum dilatatum*), da grama-tapete (*Axonopus affinis*) e de várias leguminosas nativas. A grande variedade de espécies forrageiras e a coexistência de gramíneas estivais e hibernais tornam as pastagens naturais do Pampa particularmente adequadas ao uso pastoril. Em pastagens corretamente manejadas, o pasto nativo proporciona aos animais uma dieta natural variada, diferenciada e de alta qualidade, que influencia nas características sensoriais e nutricionais da carne produzida sob essas condições. As espécies forrageiras nativas do Bioma Pampa também representam um recurso genético extremamente valioso para o enriquecimento de pastagens em outras regiões, ainda praticamente inexplorado. As leguminosas, em adição ao seu valor forrageiro, são importantes por promoverem a adubação natural dos campos de pecuária a partir da incorporação de nitrogênio atmosférico ao solo.

Entre as plantas nativas do Bioma Pampa há ainda pelo menos uma centena de espécies com alto potencial para uso ornamental. Algumas são cultivadas e comercializadas há muito tempo, como o capim-dos-pampas (*Cortaderia selloana*). Diversas cactáceas nativas que habitam afloramentos rochosos em ambientes campestres têm sido, inclusive, alvo de extrativismo ou biopirataria e estão em risco de extinção, tamanho o interesse que despertam entre os aficionados. A grande maioria das espécies, entretanto, aguarda pesquisas de propagação e de viabilidade econômica para serem inseridas no mercado da floricultura e do paisagismo.

Mas a diversidade dos campos do Pampa é perceptível muito além de suas espécies vegetais. Não apenas um, mas vários tipos de campos podem ser reconhecidos no bioma, ainda que as diferenças entre um e outro possam ser sutis e que a variação fisionômica ao longo do ano ou em função do manejo pastoril possa ser mais evidente do que aquela entre tipologias similares. Esses diferentes tipos de formações campestres distinguem-se principalmente pela estrutura e pela composição da vegetação. Variam,

entre outros aspectos, a altura do estrato herbáceo (formado pelas gramíneas e demais ervas), o número de estratos ou camadas de vegetação, a quantidade de plantas lenhosas (arbustos, subarbustos e arvores), o percentual de solo descoberto, o hábito das gramíneas dominantes (se eretas e formando touceiras ou rasteiras e prostradas, formando estolões), a representatividade de outras famílias botânicas em relação às gramíneas e a razão entre gramíneas estivais e hibernais.

Um dos fatores físicos que mais influenciam na fisionomia dos campos é o tipo de solo. No Pampa, distintas formações geológicas e geomorfológicas, cuja evolução perpassa 2,5 bilhões de anos e remonta a diversas épocas da história do planeta, justapõem-se em uma superfície territorial relativamente reduzida. Submetidas a processos erosivos, esses substratos geológicos deram origem a uma grande diversidade de solos, cada qual com características próprias, que variam de acordo com a rocha de origem e a conformação do relevo, entre outros fatores. Assim, há solos rasos e outros profundos, arenosos ou argilosos, de origem granítica ou basáltica, de alta ou baixa fertilidade, com maior ou menor capacidade de reterem água etc. Além disso, fatores climáticos como temperatura, quantidade de chuvas e amplitude térmica, interagindo com as características topográficas e de solo, também contribuem para definir a fisionomia das formações campestres.

Como resultado, existe no Bioma Pampa um complexo sistema de formações vegetais ou fitofisionomias campestres, que compõem uma unidade ecológica com os campos existentes ao norte, nas partes mais altas e planas do Planalto Sul-Brasileiro (com os quais formam os chamados Campos Sulinos), e aqueles que se estendem ao sul e a oeste, através da fronteira com o Uruguai e a Argentina (formando os *Pastizales del Río de la Plata*).

O setor noroeste do Bioma Pampa, nas Missões e no Planalto Médio, corresponde à região de ocorrência natural dos campos de barba-de-bode, já quase totalmente transformados em lavouras de grãos. Esses campos caracterizam-se pela dominância de touceiras do capim barba-de-bode (*Aristida jubata*) no estrato superior, entre as quais cresce um estrato



inferior de gramíneas rasteiras, originando uma fisionomia com dupla estrutura. A maior parte das espécies presentes é de origem tropical, pouco exigente quanto à umidade, sendo as gramíneas majoritariamente de ciclo estival.

No extremo oposto do Pampa gaúcho ocorrem os campos gramíneos de solos profundos da Campanha Meridional (região de Bagé). Esses campos distinguem-se pela maior representatividade de gramíneas em relação a outras famílias botânicas e, em razão das temperaturas mais baixas, pela maior incidência de gramíneas hibernais (por exemplo, dos gêneros *Briza*, *Piptochaetium*, *Poa* e *Stipa*). Diversas espécies originárias de regiões mais frias situadas ao sul alcançam nessa parte do Pampa o seu limite norte de ocorrência.

Existem ainda, entre outras tipologias, os *campos de solos rasos* da Campanha, sobre terrenos de pouca profundidade e geralmente pedregosos, provenientes de rochas basálticas e com pouca capacidade de retenção hídrica; os *campos litorâneos*, de solos arenosos, caracterizados pelo predomínio de gramíneas baixas e pros-

tradas nos terrenos bem drenados e ciperáceas nas áreas alagadas; os *campos dos areais* da região centro-oeste do Rio Grande do Sul, sobre solos frágeis e pobres em nutrientes, que sustentam uma vegetação rarefeita; os *campos com espinilho* da Fronteira Oeste, pontilhados de arbustos e arvoretas, e os *campos arbustivos* e ricos em compostas, sobre solos graníticos do Escudo Sul-Rio-Grandense (Serra do Sudeste), que estabelecem um equilíbrio dinâmico com as florestas e as formações arbustivas, gerando mosaicos vegetacionais em uma região de relevo irregular.

Um exame mais atento e minucioso da vegetação campestre do Pampa revela que muitas de suas espécies nativas apresentam adaptações para reduzir a perda de água para o ambiente e suportar situações de restrição hídrica, como estiagens prolongadas e chuvas escassas, apesar da vigência de um clima brando na atualidade, com taxas pluviométricas relativamente elevadas e sem uma estação seca pronunciada. Essas adaptações, que incluem a presença de densa pilosidade ou de ceras e óleos impermeabilizantes nas partes expostas das plantas, assim como de folhas

Santa Maria,
abril de 2008.



Morro São Pedro, Porto Alegre, setembro de 2008.

espessas e reduzidas, têm sido interpretadas como evidência de que os campos da região são remanescentes (relictos) de uma época em que imperava um clima consideravelmente mais seco do que o atual, hipótese plenamente respaldada pela análise de amostras de grãos de pólen acumuladas ao longo de milhares de anos em depósitos de sedimentos orgânicos preservados em turfeiras.

De fato, dados paleoclimáticos de áreas do Pampa no Rio Grande do Sul e no Uruguai indicam que a região esteve sujeita a um clima mais frio e seco durante o último período glacial, desde pelo menos 22 mil até cerca de 12 mil anos antes do presente, e mais quente e seco entre 12 mil e aproximadamente 5 mil anos atrás. Condições mais úmidas e estáveis passaram a prevalecer somente após isso, permitindo uma expansão inicialmente lenta e depois acelerada das florestas ao longo dos rios. Contudo, durante todo o período coberto pelos registros, os campos mantiveram sua hegemonia como formação vegetal predominante no Pampa.

Outra evidência de que os campos pampianos ex-

perimentaram circunstâncias distintas das atuais ao longo de sua evolução é a grande incidência e variedade de órgãos subterrâneos em forma de bulbos ou tubérculos em suas plantas (rizomas, xilopódios, raízes tuberosas e outros). Esses órgãos, que servem como reservas de nutrientes e também portam gemas, aumentam as chances de sobrevivência da planta em situações de estresse ambiental ou constante perturbação, pois permitem que ela permaneça viva e rebrote rapidamente mesmo quando suas partes aéreas são perdidas. Os gravatás (*Eryngium* spp.), plantas espinhosas e em forma de roseta comuns nos campos do Rio Grande do Sul, são considerados especialistas em distúrbios, pois se regeneram de forma muito rápida a partir de seus rizomas enterrados, após a passagem do fogo. Diversas gramíneas rasteiras, como o capim-forquilha, são resistentes à remoção contínua de suas partes aéreas e ao pisoteio por herbívoros, recuperando rapidamente sua massa foliar.

Dessa forma, a matéria vegetal viva que está oculta sob o solo das pastagens nativas do Pampa é extremamente importante para a manutenção da produtivi-



dade e da capacidade de regeneração desses ecossistemas, além de ser uma extraordinária reserva estabilizada de carbono. Como a maioria das plantas nativas do Pampa é perene, ou seja, não perde suas folhas e demais partes aéreas durante a estação seca, para depois rebrotar na estação úmida, a presença de estruturas subterrâneas é indício de uma adaptação da vegetação campestre a um clima anterior mais seco e também evidência de que os campos do bioma evoluíram sob a influência de distúrbios como o fogo e o pastejo por herbívoros. Mas, se o clima atual é mais favorável às florestas, como os campos se mantêm na paisagem do Pampa até os dias de hoje?

Perturbação que gera diversidade

Como visto, no curso de sua evolução os campos da região pampiana estiveram sujeitos a regimes naturais de perturbação, determinados por fatores como as queimadas espontâneas e o pastejo por herbívoros nativos. Nos dias de hoje, em que esses regimes naturais de perturbação estão em grande parte ausentes, é o manejo pastoril o principal fator que determina

a fisionomia dos ecossistemas campestres, atuando conjuntamente com características locais de clima, topografia e solo.

Como evidência disso, tem sido verificado que a vegetação de áreas campestres onde não há a ação do gado doméstico ou do fogo perde diversidade ao longo do tempo porque certas gramíneas que formam touceiras altas se tornam dominantes nessas condições e não deixam espaço para plantas menores e menos vigorosas, que tendem a desaparecer. Em um estágio mais avançado na evolução desse processo de sucessão ecológica, a ausência do fogo, do pastejo e do pisoteio pelo gado permite a invasão e o adensamento de plantas lenhosas, levando, com o tempo, à substituição do campo nativo por outro tipo de vegetação e ao consequente desaparecimento de espécies estritamente campestres.

Portanto, o manejo com o gado doméstico substituiu em grande parte os agentes naturais de perturbação no papel ecológico de conter o avanço da vegetação lenhosa sobre as áreas campestres e de gerar heterogeneidade estrutural no ambiente, sendo essen-

São Gabriel,
abril de 2008.



Caminheiro-grande
(*Anthus nattereri*).

cial, nas condições ecológicas atuais, para a estabilidade dos campos e para a manutenção do equilíbrio entre as diferentes formas de vegetação natural na paisagem do Pampa. Por outro lado, o pastejo excessivo pelo gado causa a redução da cobertura vegetal do solo, a homogeneização da vegetação campestre e a eliminação de plantas de maior valor forrageiro.

Tal como a flora, a fauna campestre também evoluiu sob esses regimes naturais de distúrbio e tornou-se dependente de fatores que promovem a perturbação, estando certas espécies adaptadas a estágios específicos da sucessão vegetal. O caminheiro-grande (*Anthus nattereri*), por exemplo, vive em campos onde o pasto é relativamente curto e não há grande incidência de touceiras ou arbustos, ao passo que a corruíra-do-campo (*Cistothorus platensis*) habita capinzais densos e altos, com ou sem arbustos. Essas espécies de pássaros não são vistos lado a lado, mas podem compartilhar a mesma paisagem se diferentes pressões de pastejo gerarem heterogeneidade na vegetação, permitindo que as características de estrutura de *habitat* necessárias a cada uma delas se

expressem em um mesmo campo.

Assim, ambos os extremos – excesso e ausência de perturbação – diminuem a heterogeneidade ou diversidade estrutural da vegetação campestre, beneficiando certos organismos em detrimento de outros. A diversidade de espécies é maximizada quando os diferentes fatores e níveis de perturbação, variando no espaço e no tempo, criam um mosaico dinâmico de *habitats* na paisagem, capaz de satisfazer as necessidades das diferentes espécies da fauna e da flora campestres. Mas os campos não são os únicos ecossistemas do Pampa.

Diversidade de ecossistemas

O Bioma Pampa é um grande mosaico de diferentes tipos de fitofisionomias campestres, formações arbustivas e florestas, além de áreas úmidas, com predomínio dos primeiros. Em uma escala ampla, percebe-se uma forte vinculação da vegetação natural com o relevo, as áreas mais acidentadas sendo ocupadas por florestas e as mais planas pelos campos.

Por representar a porção norte do extenso território onde as formações campestres naturais se estendem de forma contínua no sudeste da América do Sul, em uma faixa de transição entre as zonas temperada e tropical do continente, o Pampa recebe marcante influência de biomas florestais situados ao norte. Já no final do século XIX, o botânico sueco Carl Lindman constatou ser difícil encontrar no Rio Grande do Sul “uma só milha quadrada” onde as árvores não se fizessem presentes de forma espontânea. São florestas de encosta, matas de galeria, capões de mato ou mesmo árvores isoladas.

Formando um prolongamento da Mata Atlântica, a vertente oriental da Serra do Sudeste ou Planalto Sul-Rio-Grandense já foi outrora recoberta pela floresta estacional semidecidual, hoje profundamente descaracterizada e fragmentada. Através dessa via de dispersão, vários elementos da fauna e da flora que atestam a origem dessa formação florestal alcançam – ou historicamente alcançavam – a Serra dos Tapes, já próximo ao paralelo 32° de latitude sul, demarcando o derradeiro limite da Mata Atlântica.

Em outras partes do bioma, as florestas de galeria, ou ciliares, distribuem-se ao longo das margens de rios e córregos, associadas à rede de drenagem. Como “pontas de lança” que testemunham o avanço das florestas sobre os campos do Pampa, esses ambientes lineares permitem que espécies florestais com distribuição ao norte adentrem as paisagens eminentemente abertas do bioma, incrementando a biodiversidade regional. Junto às margens dos cursos d’água, destacam-se nessas matas os sarandis arbustivos e o salso-crioulo (*Salix humboldtiana*), de ramos flexíveis e denso sistema radicular adaptados para suportar a força das correntezas.

Duas formações vegetais peculiares do Bioma Pampa são o parque espinilho (ou estepe parque) e os butiazais. O parque espinilho ocorre somente em uma área muito restrita do extremo oeste do Rio Grande do Sul e constitui uma extensão das formações de *espinal* que se estendem do nordeste da Argentina ao sul da Província de Buenos Aires, formando um grande arco que contorna o limite ocidental do Pampa. A vegetação tem o aspecto de uma savana





Palmar de Coatepe,
Quaraí, abril de 2008.

ou parque de arvoretas espinhentas e inclui várias espécies de plantas e animais muito características ou mesmo exclusivas desse ambiente, como o inhanduvá (*Prosopis affinis*), o algarrobo (*Prosopis nigra*), o quebracho-branco (*Aspidosperma quebrachoblanco*), as bromélias *Tillandsia durantii* e *T. ixioides* (cravos-domato), diversas aves e a formiga *Atta vollenweyderi*, que constrói gigantescos formigueiros com vários metros de diâmetro. Juntamente com os parques de pau-ferro (*Myracrodruon balansae*) da região das Missões, o parque espinhento testemunha a influência do Chaco semiárido na vegetação do sul do Brasil, que nas condições mais frias e secas do passado pode ter sido ainda mais acentuada.

Os butiazais, formados por agrupamentos de palmeiras campestres do gênero *Butia*, ocorrem como palmares discretos na região do litoral, na Campanha e nas Missões, estando hoje muito reduzidos em extensão. O butiazal do Coatepe, em Quaraí, de grande beleza cênica, é o único palmar de butiá-jataí (*Butia yatay*) no Brasil. Os butiazeiros foram muito explorados na primeira metade do século XX, para a pro-

dução da crina vegetal, com a qual se estofavam móveis e colchões. Apenas recentemente os múltiplos potenciais de aproveitamento dos frutos para a produção de alimentos, óleo e artesanato foram mais amplamente reconhecidos, surgindo como uma alternativa de geração de renda às comunidades rurais compatível com a exploração sustentável e a conservação dessas palmeiras.

A fauna do Pampa

A exemplo da flora, a fauna pampiana distingue-se pela notável diversidade de certos grupos e pela variedade de modos de vida de suas espécies. No Pampa gaúcho ocorrem pelo menos 480 espécies de aves. Um quinto desse total são aves campestres, ou seja, que vivem principalmente nos campos e dependem desses ecossistemas para completar seu ciclo de vida. As demais habitam outros ambientes, como os capões de mata, as florestas de galeria, as savanas e os diversos tipos de áreas úmidas que ocorrem entremeados aos campos na paisagem do bioma.

Levantamentos de aves realizados em proprie-



dades de pecuária extensiva do Pampa têm revelado que, dependendo da variedade de ecossistemas representados na paisagem, é possível registrar até 122 espécies ao longo de um dia de observações em uma área de apenas dois quilômetros quadrados. A maioria das aves do Pampa é encontrada na região em qualquer época do ano, mas há aquelas que apresentam hábitos migratórios e são observadas apenas em determinados meses, como a tesourinha (*Tyrannus savana*), presente durante a primavera e o verão.

O maçarico-do-campo (*Bartramia longicauda*) destaca-se pela extensão de suas migrações e por sua abundância nos campos da região da Campanha. Essa ave provém principalmente das pradarias do centro da América do Norte, onde procria, e passa os meses de descanso reprodutivo (setembro a fevereiro) no centro-sul da América do Sul, alimentando-se principalmente de insetos.

Os pequenos papa-capins do gênero *Sporophila* (caboclinhos) cobrem distâncias menores em suas migrações, raramente alcançando a região equatorial do continente, mas precisam encontrar capinzais se-

mentados ao longo de suas rotas migratórias, pois se alimentam essencialmente de sementes de gramíneas nativas. São cerca de nove espécies nos campos do sul do Brasil, onde ocorrem de novembro a abril.

Das quase cem espécies de mamíferos do Pampa, várias são estritamente associadas a ambientes campestres, como o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*), o gato-palheiro (*Leopardus colocolo*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o tatu-mulita (*Dasypus hybridus*) e diversas espécies de roedores subterrâneos que habitam dunas e campos arenosos, conhecidos como tuco-tucos (*Ctenomys* spp.) por causa do som surdo e ritmado que produzem.

Outros grupos de vertebrados também são bem representados na região pampiana. São listadas 66 espécies de anfíbios e 97 de répteis para o Pampa como um todo, mas esses números têm aumentado com a descoberta de espécies ainda não reconhecidas pela ciência ou cuja ocorrência no bioma não era conhecida. Os peixes anuais da família Rivulidae (sobretudo do gênero *Austrolebias*) são notáveis por seu

Tesourinhas
(*Tyrannus savana*).



Graxaim-do-campo
(*Lycalopex
gymnocercus*).

peculiar modo de vida. Esses peixes são encontrados no estágio adulto apenas por um breve período do ano, em charcos temporários rasos de várzeas e planícies inundáveis. Na vazante, quando os seus *habitats* alagados começam a secar, todos os indivíduos morrem e a geração seguinte é formada a partir dos ovos que foram deixados enterrados no lodo.

A biodiversidade de invertebrados do Pampa ainda é muito pouco conhecida, mas as pesquisas científicas têm revelado associações ecológicas e relações biogeográficas antes insuspeitadas, como a conexão das borboletas do gênero *Pampasatyrus* com ambientes campestres bem conservados, a notável relação de dependência mútua que as abelhas solitárias das famílias Andrenidae e Colletidae mantêm com certas plantas do bioma, a aparente resiliência das comunidades de aranhas aos efeitos do fogo em ecossistemas campestres e a surpreendente vinculação da fauna pampiana com aquela dos biomas secos do interior da América do Sul (Chaco, Cerrado e Caatinga).

Como visto, o Pampa não abriga animais de tamanho colossal ou grandes manadas de herbívoros

selvagens como outros biomas campestres do planeta. A despeito de sua expressiva diversidade, a fauna pampiana é composta por animais de porte bem mais modesto e, em geral, solitários. Mas não foi sempre assim.

Um passado glorioso

Registros fósseis revelam que uma rica e peculiar fauna de grandes mamíferos habitou os campos do Bioma Pampa até aproximadamente 8,5 mil anos atrás, durante o Pleistoceno e mesmo antes dessa época. Sendo em parte produto do isolamento à que a América do Sul esteve sujeita ao longo de sua história geológica, a megafauna extinta do Pampa encontra correspondência apenas parcial na fauna atual ou fóssil de outros continentes.

Fizeram parte das paisagens pampianas de outrora gigantescas preguiças-terrestres (megatérios), mastodontes com até sete toneladas, duas espécies de cavalos, camelídeos semelhantes às atuais lhamas, cervos maiores do que os de hoje, tatus gigantes, gliptodontes (animais encouraçados aparentados aos



tatus, mas com o tamanho de um fusca e os estranhos toxodontes, criaturas com o porte de um rinoceronte e pesando até 1,5 tonelada, sem equivalentes na fauna atual. Também havia predadores como o tigre-dentes-de-sabre e ursos.

Diversas linhas de evidência indicam que vários desses animais eram herbívoros pastadores associados a áreas abertas, bem adaptados a uma dieta de folhas abrasivas, particularmente gramíneas. Portanto, presume-se que a megafauna extinta tenha sido capaz de controlar a sucessão vegetal nos ecossistemas campestres em que evoluiu, por meio do pastejo e do pisoteio.

Embora ainda haja muita controvérsia no meio científico, análises recentes que avaliam em conjunto eventos de extinção em massa de grandes mamíferos em diversas partes do planeta apoiam fortemente a hipótese de que o desaparecimento da megafauna pleistocênica está relacionado à chegada dos seres humanos a essas regiões. Extinções mais severas estão ligadas a curtos históricos de coevolução entre humanos e a megafauna, como no Pampa gaúcho, onde

os primeiros indícios da presença humana datam de aproximadamente 12,5 mil anos atrás. Isso sugere que a baixa diversidade de grandes mamíferos encontrada hoje em muitas regiões continentais não é um fenômeno natural, mas sim antropogênico. Por um lado, não teria havido tempo para a evolução de estratégias de escape entre os animais da megafauna e, por outro, não se desenvolveu entre os colonizadores humanos do passado uma mentalidade de uso sustentável dos recursos disponíveis.

De certa forma, a introdução do gado doméstico nos campos do Bioma Pampa há quase quatro séculos pode ser considerada a retomada de um papel ecológico antes desempenhado pela megafauna. Porém, é provável que os herbívoros extintos do Pleistoceno exercessem uma pressão de pastejo menor do que a do gado doméstico na atualidade, visto que a biomassa (quantidade de matéria viva existente em um ecossistema ou população) calculada para a megafauna pastadora do Pampa é de 10,35 toneladas por quilômetro quadrado, bem abaixo da carga animal nos campos de pecuária de hoje, que

Butiás-anões (*Butia lallemantii*), Manoel Viana, outono de 2008.



Veste-amarela
(*Xanthopsar flavus*).

varia de 37 a 71 toneladas por quilômetro quadrado. Além disso, os bovídeos, que são responsáveis pela maior parte da diversidade de herbívoros nativos em outros biomas campestres do mundo, não invadiram o continente sul-americano a partir da América do Norte há cerca de 2,5 milhões de anos, como fizeram os cavalos. Assim, a evolução sob uma pressão de pastejo menor do que a atual pode ser uma das razões que explicam a relativa sensibilidade das pastagens do Bioma Pampa ao sobrepastoreio.

O uso do fogo para a caça pelos primeiros habitantes humanos do Pampa e a subsequente extinção da megafauna provavelmente levaram os campos pampianos a um novo estado de equilíbrio, com a substituição da vegetação rasteira de plantas herbáceas adaptadas ao pastejo e ao pisoteio por pastagens mais altas e entouceiradas, compostas por plantas tolerantes ao fogo. Mesmo assim, os campos vingaram até os dias de hoje.

Um futuro incerto

O ritmo acelerado em que os campos naturais do Pampa estão desaparecendo para dar lugar a áreas agrícolas ou de silvicultura lança sérias dúvidas sobre o futuro do bioma e de sua biodiversidade. O número de espécies ameaçadas de extinção que dependem de ecossistemas campestres tem aumentado nos últimos anos. Dados relativos à fauna indicam que o percentual de espécies campestres ameaçadas no Rio Grande do Sul passou de 13,6% para 17,9% entre 2002 e 2013, principalmente em consequência da alarmante redução das áreas de campos naturais. Das 86 espécies ameaçadas que ocorrem no Bioma Pampa, 19 são endêmicas do Rio Grande do Sul, incluindo 14 espécies de peixes anuais. Informações sobre a flora indicam níveis equivalentes de ameaça às plantas campestres.

Um estudo recente sobre o uso do *habitat* por aves campestres no Pampa mostrou que a maioria das espécies é prejudicada pela substituição de seu *habitat* por áreas agrícolas e necessita de altas percentagens de campos naturais na paisagem (80% ou



mais) para manter-se abundante. Embora ainda não se conheçam os limites de tolerância de outros grupos, na prática isso significa que apenas uma pequena parcela da biodiversidade do Pampa será conservada se a tendência atual de expansão agrícola sobre os campos do bioma continuar pelas próximas décadas. E com as espécies e os ecossistemas vão-se também os seus potenciais de uso e os serviços ambientais pelos quais são responsáveis.

No decorrer de sua longa trajetória evolutiva, os campos do Bioma Pampa resistiram a profundas mudanças no clima, à invasão de grupos humanos pré-históricos após a última era glacial, à extinção de seus maiores habitantes e à expansão das florestas a partir do norte. Resta saber se resistirão também à atual era do agronegócio, à expansão de espécies exóticas invasoras e às mudanças climáticas induzidas pelo homem. Nas condições climáticas atuais, o manejo pastoril tem desempenhado um papel-chave na manutenção desses ecossistemas singulares e desponta como a grande esperança para a sua conservação no futuro.

Jovem de arredo-do-gravatá (*Limnocittes rectirostris*).



Bromélias sobre
afloramento rochoso.
Caçapava do Sul,
junho de 2015.



Mimosa cruenta var.
cruenta. Morro Pelado,
Porto Alegre,
janeiro de 2009.

Interlúdio II

O paisano

..... ..
..... ..
..... ..

Álvaro Luiz Heidrich

Há um tipo humano que se associa à paisagem pampiana. O vaqueano, um tapejara. Se diz que é natural dessa paisagem, pertence ao Pampa. É aquele que se perde sem ter-se perdido. Vive de andança. Tem origem longínqua, imprecisa. Não se inaugura sua chegada, dado que se fez nesse espaço.

De tão presente, sempre que não representou os chegados e os donos de terras, foi chamado paisano. Sendo desse jeito, há que ter aspectos do Pampa que colaboram com sua identidade. Coisa que só se tem em grupo, em parceria, compartilhando a vida. O próprio Pampa proporciona a diferenciação do tipo social que nele vive, daqueles que não o conhecem ou que apenas o conhecem. A geografia da qual se fala é produto de seu viver nesse espaço.







Sobressalta, no espírito de quem compartilha esse mundo, o seu horizonte. O particular dele é que a vista se alonga. Mundo de espaços, de amplidão, de grande afastamento das coisas que se fazem ver. A distribuição se faz com fartura e se espalha em extensão. A imensidão deita poder sobre os atos. Daí que o homem não domina esse mundo com o fazer apequenado. É preciso se expandir. E, não havendo gentama para compor tal expansão, sua sina é varar pampa.

Com a falta de gente, não é terra da vizinhança. É da escassez do encontro. Há coisas que se aparentam perdidas, como o artefato que não reclama posse e o testemunho que a intempérie não deu conta. É como se não houvesse lógica de permanecer no Pampa, pois de tão aberto que é, tudo se oferece à ventania.





Há outro aspecto, ainda, que dá viço a tal visão: ora é muito plano, ora marcado com leveza de movimento. Quando se ergue relevo mais forte, ainda assim a linha suave tira uma nesga do quadro. O que se ergue, então, aparece imponente, tal qual é desmedida a planura estendida.



Impressionante também se apresenta o surgimento de outro andante, de uma gadaria que se apressa, quando se faz o movimento. A quietude que acompanha o espírito, então se evanesce.



Muito embora espelhe o vazio, o espaço é repleto de ocupação, desenhada pela andança do homem e do bicho, e a cartografia da cerca. Como se o arame escolhesse o que guarda, no farpado fica o chumaço. Porém, avistando-se no horizonte, a paisagem não respeita territórios.



Em meio a tamanha imensidão, o descanso da vista e da alma faz lugar onde se pode colher, acolher e recolher. Onde se pode apoiar o fazer miúdo, proteger-se do tempo e guardar memória. Muitas vezes é no sopé da colina ou na beira do capão. Se não há mudança natural, a construção, a taipa, o arvoredor ou o curral, inventam lugares. A querência é feita disso. É a maneira de se guardar da imensidão, da paisagem e do tempo. Marca o que se vê e o que se fala. A imensidão é feita da nuance, às vezes da marca mais bruta, de quem faz do Pampa a sua vida e da sua vida o próprio Pampa.



O elemento humano no Pampa: o gaúcho e sua história

.....

Fernando Adauto

O Bioma Pampa apresenta uma das mais belas paisagens do mundo. As pastagens naturais recortadas por matas ciliares exibem uma das maiores diversidades florísticas de ervas. São mais de um milhar as forrageiras, e as matas somam mais de cem espécies nativas. Com fauna rica e rarefeita, o forte do Pampa é o equilíbrio. Não há grandes árvores e nem grandes feras ou acidentes geográficos. A ondulação das coxilhas e o murmúrio das sangas criam uma paisagem bucólica, belíssima, cuja conservação é partilhada por bovinos, ovinos e equinos há quase quatro séculos, pois com sustentabilidade e eficiência, representam a atividade agropastoril mais antiga do continente.

Os cavalos e o gado introduzidos pelos colonizadores caíram no Pampa como um “maná”. O ambiente favorável multiplicou os rebanhos e as manadas xucras estimularam o surgimento do gaúcho que, a cavalo, sem fronteiras, aprendeu a obedecer aos limites estabelecidos pela natureza e pelo tempo.

No Pampa rio-grandense encontramos as melhores pastagens naturais do Brasil. São nossas principais internadas de boi. No século XIX, os imperiais somente dominaram os Farrapos quando passaram a invernar seus cavalos nessa região. Não é por acaso que os principais criatórios brasileiros de puro-sangue inglês estão aí. Nascidos aqui, disputam e ganham corridas no mundo todo. É o berço do cavalo crioulo no Brasil. É a terra do churrasco, onde a carne não necessita temperos, tem sabor inigualável, natural, produzida por um boi que pasta livre nas coxilhas e bebe água nas sangas.

O gaúcho foi forjado pelo ambiente. É o resultado de uma cultura que nasceu livre, sem fronteiras, sem limites legais ou étnicos. O gaúcho não é o marginal, o ladrão de gado, nem o proletário camponês que alguns pretendem nele identificar. No ambiente de liberdade sem limites em que nasceu, não havia classes sociais. No Pampa, a cavalo, vivendo do gado, todos contribuíram para a sua formação. Índios vagos, changueadores, guascas, gaudérios, peões, escravos, estancieiros, tropeiros, vaqueanos, soldados, caudilhos militares, charqueadores e outros tantos tipos participaram, à beira do fogo, na comunhão do mate amargo e do churrasco, onde todos são iguais e a liderança é a do melhor campeiro. A palavra “gaúcho”, inicialmente usada em tom pejorativo, terminou designando os habitantes do Pampa dos quatro países que o integram. No caso do Brasil, o gentílico denomina todos os habitantes do Rio Grande do Sul.

A impressionante e espetacular adaptação do gado no Pampa foi o fator responsável pelo surgimento do elemento humano gaúcho, o “centauro dos pampas”. A estância, hábitos, costumes e toda a cultura regional são decorrentes do ambiente pampiano.

O ambiente e seus habitantes

Sem dúvidas, a formação do gaúcho se deve às condições ambientais, à fertilidade da terra, seu relevo, diversidade florística, fauna rarefeita, seus habitantes nativos e, sobretudo, à introdução do gado pelos colonizadores.

As tribos indígenas da região eram, em sua maioria, nômades que viviam da caça e da pesca. Com seus deslocamentos constantes à procura de alimento, necessitavam de grandes extensões de terra por habitante para sobreviver. A baixa densidade da população indígena e o descaso das coroas espanhola e portuguesa com a região permitiram que cavaleiros e vacunos em estado selvagem se desenvolvessem aos milhares. Tanto portugueses quanto espanhóis estavam mais interessados em riquezas minerais para sustentar suas guerras do que em colonizar uma região de litígio de fronteira. “Chimarrão” é como passou a se denominar todo animal doméstico que, abandonado, revertesse ao estado selvagem e de liberdade, proporcionado pela excelência da vegetação natural.

Possivelmente, o Pampa seja a melhor região pastoril do mundo, superando a savana africana, as planícies da Rússia ocidental, os campos australianos e as pastagens meridionais e do oeste norte-americano. A Bacia do Prata, em ambas as suas vertentes, apresenta condições excepcionais para o desenvolvimento da pecuária de grande porte, ou seja, de equinos e bovinos. Em 24 de novembro de 1531, o português Pero Lopes de Souza, contemplando os campos do atual Departamento de Colônia, no Uruguai, registrou em seu diário: “Fui com dez homens a terra para ver se encontrava rastros de gente; não encontrei nada; apenas rastro de muitos animais, muitas perdizes e muitas outras caças. A terra é a mais formosa e aprazível que jamais pensei ver; não havia quem se fartasse de olhar a formosura de seus campos”.

O Cavalo

O cavalo é o grande destaque de todo o gauchismo. É seu principal símbolo. A história do gaúcho foi feita a pata de cavalo. Se o cavalo ajudou a conquistar o Novo Mundo e a avassalar os índios, também é verdade que permitiu a eles dominar as extensas planícies do Pampa. Sem conhecimento de equitação, tornaram-se exímios ginetes. Passaram a chamar os cavalos chimarrões de baguais, e as bagualadas eram domadas sem nenhuma técnica, pela força, com uma habilidade impressionante.

Possivelmente, os primeiros cavalos a chegar ao Pampa tenham sido trazidos por Dom Pedro de Mendoza, fundador de Buenos Aires, em 1534. Os primeiros a chegar à América vieram na segunda viagem de Colombo, em 1493, em número que ainda suscita divergências entre os historiadores. O certo é que, em 1580, havia muitos cavalos chimarrões no Pampa argentino. É possível que muitos tenham cruzado sozinhos as gargantas andinas do Chile para a Argentina. Também é certo que tanto os transandinos quanto os portenhos foram disseminados principalmente pelos índios. Na banda oriental do Rio Uruguai – Rio Grande do Sul e Uruguai –, os cavalos chegaram com os jesuítas a partir de 1626. Com a destruição das reduções pelos bandeirantes paulistas, após 1640, junto ao gado vacum ficaram chimarrões. Os ataques à Colônia do Sacramento pelos espanhóis e índios missioneiros, e o início das coureadas na banda oriental do Uruguai, com a participação de portenhos e santafesinos, muito contribuíram para a disseminação do cavalo nos campos do Rio Grande do Sul.

O cavalo integrou de tal forma a vida do gaúcho que todos, independente de sexo ou idade, passaram a usá-lo, para tudo. Dom Félix de Azara, bom conhecedor tanto do gaúcho platino como do rio-grandense, fez o seguinte comentário: “Muito repugna ao gaúcho toda a ocupação que não seja a cavalo. Quase não sabe andar a pé e, quando o faz, mesmo que seja apenas para atravessar a rua, mostra-se desgostoso e de má vontade. Quando se reúnem os gaúchos nas pulperias ou em outros locais, permanecem a cavalo, mesmo que a conversação dure várias horas. Quando vão pescar, é sempre a cavalo, até para lançar a rede na água. Para tirar água de um poço, atam a soga na cincha do cavalo e puxam-na sem botar o pé em terra.” As palavras de Azara mostram a integração entre homem e cavalo, apresentando-os, por assim dizer, como um só corpo. O homem a pé chamava a atenção, causava espécie, pertencia a outro mundo. Em algumas cidades pampianas até os mendigos pediam esmolas a cavalo. No Pampa, gente anda a cavalo. Quem anda a pé é cachorro!



Cacequi,
abril de 2008.

Lavras do Sul,
dezembro de 2007.





A introdução do gado

No sentido sociológico, pode-se dizer que o gado vacum é o pai do gaúcho. Sem gado não haveria o couro, origem e fundamento da civilização guasca do Rio Grande do Sul. Segundo Augusto Meyer, o vocábulo guasca passaria a sintetizar a própria idade do couro, tornando-se sinônimo do termo gaúcho.

Martim Afonso de Souza é apontado por Aurélio Porto como o fundador da pecuária brasileira. Em 1534, introduziu em São Vicente, hoje cidade de Santos, os primeiros gados brasileiros. Em 1555, os irmãos Cipião e Vicente de Góis tropearam de São Vicente para Assunção sete vacas e um touro. O pequeno contingente que se formou no Paraguai foi reforçado em 1569 pelo gado trazido do Peru por Felipe de Cáceres. Este descendia do trazido anos antes por Ortiz de Zárate. Com essas duas contribuições, uma vinda do Atlântico de São Vicente e outra do Pacífico, formou-se o rodeio paraguaio, base de todo o gado pampiano.

Juan de Garay, que ajudara Felipe de Cáceres na tropeada do Peru, fundou em 1573 a cidade de Santa Fé, na Argentina, e trouxe cerca de cem cabeças para a região. Com a fundação de Corrientes, em 1588, chegaram para a região aproximadamente três mil cabeças de gado vacum, cuja origem foram os gados que povoaram a mesopotâmia argentina, de onde vieram aqueles formadores do rebanho bovino do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Os gados primitivos eram de pelagem escura, colorados requemados ou oscos, de porte reduzido, com mais dianteiro do que posterior.

Cem anos depois de sua introdução em São Vicente, por Martim Afonso de Souza, o gado chegou aos campos rio-grandenses e uruguaios, a banda oriental do Rio Uruguai. A introdução do gado no Pampa rio-grandense se deve aos jesuítas espanhóis. Em 1626, a Companhia de Jesus, com sede em Assunção, criou na margem esquerda do Rio Uruguai, na bacia do Rio Jacuí, 18 reduções. Foi a essas reduções que o Pe. Cristóbal Mendoza se integrou após a longa e penosa fuga de Guairá, destruída pelos bandeirantes portugueses. E foi no verão de 1631/1632 que os padres Pedro Romero e Cristóbal iniciaram o trabalho de fundação da redução de São

Miguel, que se transformaria na mais exitosa de todas. Muito cedo compreenderam os jesuítas que as reduções, para terem êxito, necessitavam de estabilidade econômica. Não podiam depender apenas da agricultura, pois a região era periodicamente castigada por grandes secas e devastadoras enchentes. Examinando a excelência das pastagens, concluíram que tinham de ocupar os grandes vazios com gado. Na fuga de Guairá, tinham sido socorridos em Corrientes pelo estancieiro português Manoel Cabral de Alpoim, proprietário de muito gado. Os dois jesuítas, acompanhados de vários índios, bandearam o Uruguai e adquiriram mais de mil cabeças do já conhecido e amigo português. O gado foi pago empilhando as alfaías das igrejas. Pago com casulas, estolas, amitos, cálices, ostensórios, âmbulas, turíbulo, patenas e outros utensílios litúrgicos.

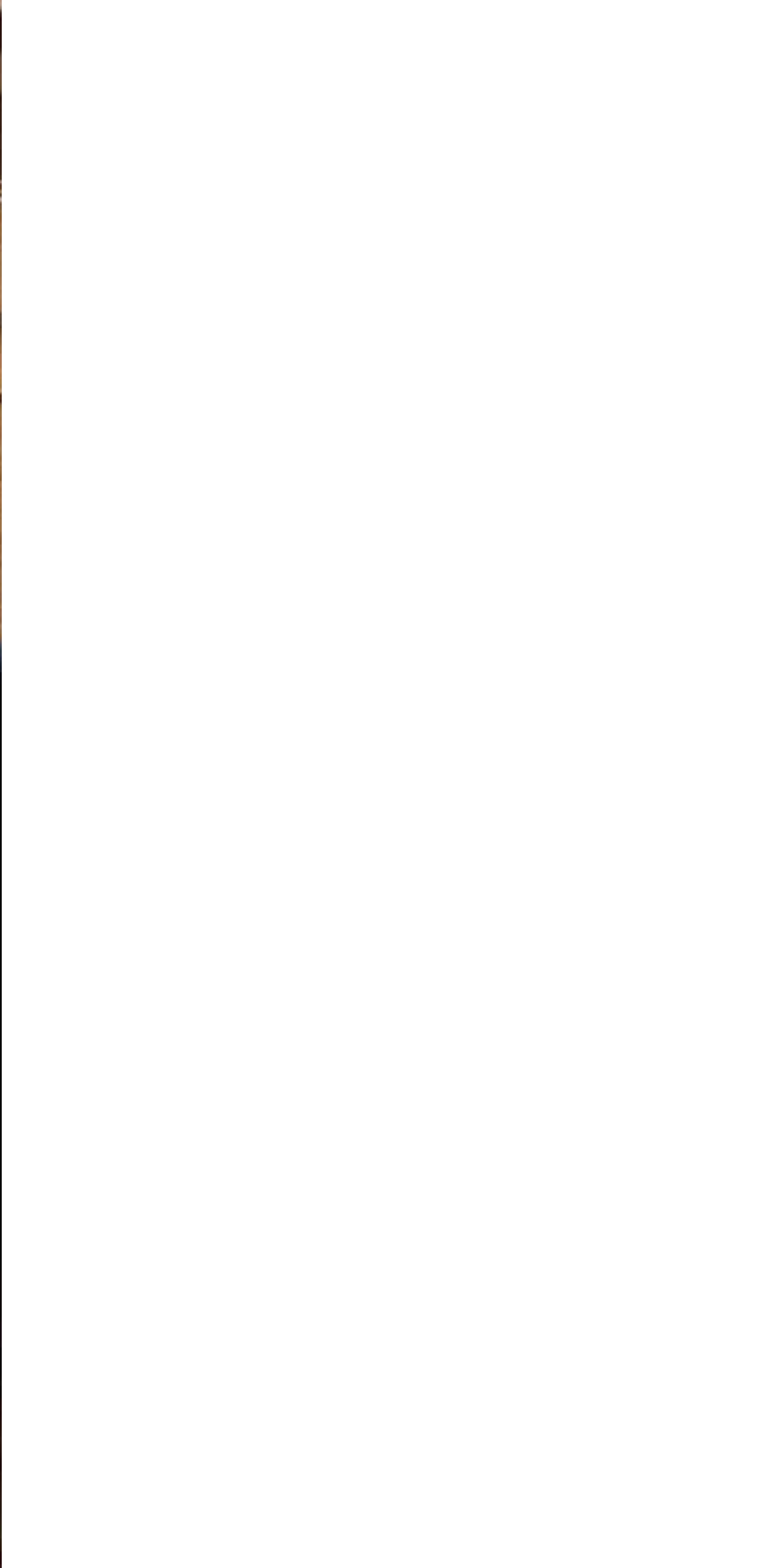
Atravessaram o rio a nado e empreenderam a mais importante tropeada de nossa história, motivo pelo qual o Pe. Cristóbal Mendoza é considerado o padroeiro dos tropeiros. O gado trazido foi distribuído entre as 18 reduções, indo 99 reses para cada uma delas. Pelas boas condições das pastagens, multiplicou-se rapidamente e, a partir de então, a carne passou a ser o principal alimento e o couro a matéria-prima para a maioria das atividades.

Os bandeirantes de São Paulo, à caça de índios para os engenhos, destruíram as reduções em várias investidas e, a partir de 1636, os gados foram abandonados. Multiplicaram-se chimarrões aos milhares, esparramando-se até as praias uruguaias. Foi o grande impulso para a formação da grande Vacaria do Mar.

Fernando O. Assunção, em sua espetacular obra sociocultural “El Gaucho”, diz: “Antes que el conquistador y el colonizador cruzaram nuestros campos y cuchillas, vadearam nuestros arroyos, escudriñaram en nuestras quebradas, el toro de pupila encendida ya lo habia hecho y el vacaje apacentaba, paría y nutria a sus hijos.” O mesmo autor inicia o capítulo sobre a introdução do gado com a declaração de um soldado português da Colônia do Sacramento, em 1762, em pleno ciclo do couro e em plena era do gauchismo: “A liberdade do País e abundância de carne, é atrativo para quem dos vícios se lembra e



São Borja,
abril de 2008.





Cacequi,
abril de 2008.



Lavras do Sul,
janeiro de 2010.

do Rei da Pátria e parentes se esquece.” Em poucas palavras, o soldado expressa o sentimento da cultura guasca, justifica o changueador nômade, o gaudério, e define o gaúcho em seu nascedouro.

O cachorro chimarrão

O cão selvagem somente apareceu após a introdução do gado. O Pampa chimarrão que aproximou o índio do cavalo em um grande avanço cultural, pela fatura de carne no campo também afastou o colonizador europeu de seu fiel amigo, o cachorro. Os cães domésticos, no Pampa, apartaram-se dos homens. Na impossibilidade de se manterem apenas com a caça miúda, passaram a atacar o gado *vacum* e cavalar. Reunindo-se em matilhas, cercavam o gado e atacavam principalmente suas crias, apesar da furiosa defesa das vacas e das éguas paridas.

Com as coureadas, novamente o cachorro se aproximou do homem, tornando-se muito útil nas matanças de touros. Vários deles, agarrados ao focinho de um touro, imobilizavam o animal, facilitando o trabalho de desgarrar e sangrar. Como nas coureadas a carne ficava por inútil, alimentavam-se “a la farta”. Bem nutridos, multiplicavam-se e seguiam os changueadores.

Com o fim das matanças e coureadas e a organização do campo em estâncias para produzir charque, o cachorro chimarrão passou a ser um grave problema. Em 1788, o Cabildo de Buenos Aires aprovou lei que obrigava a todos os habitantes, peões e agregados a participar de quadrilhas para exterminar cachorros chimarrões. Quem se negasse a participar na primeira e segunda vez era multado; na terceira negativa, era preso por dois meses. A afinidade do gaúcho com os cães sempre foi muito forte e as milícias para matar cachorros sempre foram hostilizadas, sobretudo pela gurizada, que vaiava o pessoal e os apelidava de “mata-perros”, dificultando o recrutamento de pessoas para a antipática tarefa.

O cachorro chimarrão em seu *habitat* “natural” praticamente desapareceu. Hoje, seus descendentes são domésticos, mas a perseguição a cães vadios que matam ovelhas continua até nossos dias. E o ditado campeiro diz tudo: “cachorro comedor de ovelha, só matando.” No Pampa, o predador do gado é o cachor-

ro. Mas tornou-se extremamente útil para caçar touros no ciclo do couro e hoje é utilizado no trabalho campeiro, por questões culturais.

A Colônia do Sacramento

A proliferação do gado chimarrão abandonado pelos jesuítas na margem esquerda do Rio Uruguai inicialmente passou despercebida às coroas espanhola e portuguesa. Somente décadas depois elas tomaram conhecimento desse gado, mais especificamente quando Portugal resolveu aproximar-se da região platina, com o intuito de realizar contrabando de escravos e participar do rendoso negócio das minas de prata de Potosí. Para tanto, objetivaram dominar as terras ao sul do Brasil até o Rio da Prata, local por onde era escoado o precioso metal para a Europa. Em 1680, os lusitanos fundaram a Colônia do Sacramento em pleno território hispânico, em frente a Buenos Aires. O novo povoamento português, como seria de se esperar, passou por frequentes períodos de beligerância. Para os espanhóis, representava não apenas o símbolo da ocupação territorial portuguesa, mas também o foco de muito contrabando e lucrativos negócios que o mercantilismo lusitano propiciava. Os portugueses negociavam tudo, com todos e, sabiamente, com os índios charruas e com outros inimigos dos espanhóis. Com oportunismo, passaram a se utilizar das riquezas naturais da região e, habilmente, aproveitavam a mão-de-obra que o Pampa produzia.

A Colônia do Sacramento foi o marco inicial da cultura gaúcha. O excepcional desenvolvimento dos gados e o mercantilismo lusitano, além de transformar os hábitos de vida dos indígenas, fizeram com que surgissem na região três importantes grupos socioculturais: os espanhóis e crioulos de Buenos Aires e Santa Fé, os tapes missioneiros e os paulistas e lagunenses, todos com importante contribuição na formação do gaúcho. O gado *vacum* e o cavalo foram a base fundamental e definitiva para dar personalidade sociocultural e econômica a essa região.



São Borja,
abril de 2008.



Marco da fronteira
Brasil-Uruguaí.
Santana do Livramento,
abril de 2008.



As tropas

A partir da fundação da Colônia do Sacramento, toda a gente que se fixava no Rio Grande vivia em função da pecuária. Navios carregados de couros eram remetidos para Portugal. Piratas franceses atracavam no litoral e negociavam com coureadores platinos. No início do século XVIII, as tropeadas do lado português, para Laguna e Sorocaba, e do lado espanhol, para as minas do Peru, ganharam destaque. Cristóvão Pereira de Abreu foi o grande pioneiro, principal responsável pelo estabelecimento do mercado de mulas de Sorocaba, da mesma forma que Córdoba e Salta se firmaram como mercados na Argentina. Foram os tropeiros paulistas os primeiros gaudérios verdadeiros. No seu permanente ir e vir transformaram em flutuante a fronteira entre Portugal e Espanha. As tropeadas eram autênticas epopeias, e de Colônia a Laguna se gastava setenta dias de marcha pela orla marítima.

O gaúcho

A colonização portuguesa influenciou mais a formação do gaúcho pampiano do que a espanhola, se considerados os atuais limites do sul brasileiro. Fernando O. Assunção inicia o capítulo de seu livro sobre a influência portuguesa dizendo que nos pagos rio-platenses se chama “português” àqueles que entram sem serem convidados. Tem a ver com a história. Os lusitanos chegaram ao Prata discretamente, sem convite, e definitivamente marcaram sua presença na formação sociocultural e econômica da região. No século XVII, todos os artesãos de Buenos Aires eram portugueses; no século seguinte, todos os comerciantes ao longo do caminho entre Buenos Aires e Mendonça também eram portugueses.

A concessão das sesmarias pelo império brasileiro, a partir do século XVIII, além de definir a fronteira, formatou o gaúcho. Transformou chagueadores em peões e caudilhos gaudérios em estancieiros. Substituiu a cultura guasca do ciclo do couro pela cultura da estância do ciclo do charque. As sesmarias foram distribuídas para militares portugueses e brasileiros, caudilhos dos entreveros de fronteira, e aos colonizadores açorianos. A estância gaúcha em muito foi influenciada pela disciplina militar e pela cultura muni-

cipalista portuguesa. O espírito de família açoriano, de obediência às leis e à hierarquia, de certa forma distingue os gaúchos rio-grandenses dos platinos.

Outra importante diferença do gaúcho rio-grandense é a influência do negro. O negro, pela sua habilidade com o cavalo e bravura na guerra, ganhou destaque na estância. Saint-Hilaire fez o seguinte registro sobre o escravo na estância: “Não há, creio, em todo o Brasil, um lugar em que os escravos sejam mais felizes que nesta Capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos, mantêm-se próximo deles e tratam-nos com menos desprezo. O escravo come à vontade, não é mal vestido, não anda a pé e sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, coisa mais sadia que fatigante.” A cultura da estância fazia com que o patrão trabalhasse junto com os escravos ou empregados, de igual para igual, dando o exemplo. E a peonada acompanhando. Sempre foi assim, tanto no trabalho quanto na guerra. É herança imutável desde os tempos das vacarias...

Enquanto o gaúcho platino recebeu maior contribuição do contingente indígena, o rio-grandense recebeu do contingente africano. A palavra “gaúcho”, que iniciou sendo usada em tom pejorativo, designando o gaudério nômade, aos poucos mudou seu significado, passando a identificar o campeiro, o heróico guerreiro de muitas guerras, o comandante justo e magnânimo, o político, todos pioneiros na luta pela república, pela abolição da escravatura e outros naturais anseios da sociedade brasileira. A palavra hoje é usada com certo ufanismo, com muito orgulho por todos os rio-grandenses e por todos os habitantes do Pampa.

Muitos dos conceitos da estância gaúcha vêm gradativamente sendo sufocados pela cultura que se vai criando das núpcias da terra com os imigrantes, mas hábitos e costumes identificam a gente gaúcha, e os CTGs, a prosa e as poesias encarregam-se de manter acesa a chama da tradição.



Lavras do Sul,
dezembro de 2007.



Maçambará,
abril de 2008.



Cacequi,
abril de 2008.



São Borja,
abril de 2008.

Hábitos e costumes

Pela sua origem nômade, o gaúcho primitivo não tinha casa. As primeiras estâncias eram muito pobres e a ostentação de poder era demonstrada nos aperos e nas pilchas. O cavalo, os arreios e as pilchas eram sua casa, cama, abrigo, equipamento para o trabalho e para a guerra. Não tinham utensílios de casa antigos e valiosos, mas muitos eram os cabos de rebenque de prata e ouro, cabeças de lombilhos ricamente revestidas, testeiras, passadores, argolas e cabos de faca trabalhados em prata ou ouro. A estância gaúcha somente ganhou relativo conforto na segunda metade do século XIX, com a valorização do gado e o conseqüente crescimento cultural do Pampa como um todo.

Os arreios

O gaúcho encilha o cavalo com muitas peças. Nômade, tropeiro, guerreiro, sempre teve que carregar, como um caracol, a sua casa. Por ordem de encilhar:

- o xergão de lã crua cobre o lombo da montaria, para evitar pisaduras das demais peças de couro;
- a carona de couro vai por cima do xergão, protege das argolas e evita que o suor do cavalo passe para as outras partes, principalmente para as malas de garupa;
- o lombilho (ou serigote, ou bastos, ou ainda sela; vários são os tipos desse arreamento) é o que dá forma aos arreios e permite ao ginete sentar mais comodamente;
- um travessão de couro prende com duas tiras de couro, chamados látegos, a cincha que, entre o peito e a barriga do cavalo, aperta os arreios;
- cobrindo o lombilho vão os pelegos, que servem para amaciar o cômodo e a cama; principalmente no verão, por cima dos pelegos, usa-se a badana, de couro de veado (macio e frio), que junto com os pelegos é apertada pela sobre-cincha, a qual, como diz o nome, fica por cima da cincha;
- presos ao lombilho vão os loros, tiras de couro que seguram os estribos; vários são os tipos de estribo, dependendo da função a ser executada; normalmente são de metal.

Os aperos

Os aperos de couro podem ser trançados, chatos, lisos ou ponteados. O buçal vai à cabeça do cavalo com o fiador; prende-se ao pescoço. Na argola do conjunto se apresilha o cabresto, que serve para prender ou puxar o cavalo. A cabeçada, como o nome diz, prende na cabeça o freio que vai à boca do cavalo. As rédeas, uma de cada lado, são presas ao freio e servem para governar a montaria. A peiteira, presa às argolas do travessão, evita que os arreios disparem para trás. O maneador, dobrado, vai à frente, atrás da cabeça do lombilho; ajeita os arreios e, desenrolado, prende o cavalo à sogá. É uma tira de couro cru, sovado, com aproximadamente 10 metros. Permite que o cavalo, preso a uma estaca cravada no chão, possa pastar. Fundamental antes dos aramados. O rabicho, preso ao lombilho, passa por baixo da cola do cavalo e impede que os arreios se desloquem para frente. A mancia é carregada presa ao lombilho e é usada para prender as mãos ou patas do cavalo. O laço, trançado com quatro ou seis tentos de couro cru, redondo, com aproximadamente 12 braças (20 metros), carrega-se preso com um tento atrás do lombilho e serve para laçar o gado. Com uma presilha, é preso à cincha para segurar o animal laçado. O sovéu normalmente é mais curto que o laço. Não é trançado. Com três tentos de couro torcidos, é mais usado para as lides que exigem resistência, de mangueira, nas domas, carneadas etc. É mais pesado e de tiro mais difícil. Por fim, o gaúcho não monta a cavalo sem um rebenque, mango, fusta, relho ou arreador. O rebenque, mais usado, é multifuncional. O arreador, com uma soiteira de até quatro braças ou mais, serve para repontar o gado, muito usado nas tropeadas.

Santana do Livramento,
abril de 2008.



As pilchas

Diz-se da vestimenta, da indumentária e outros objetos que, no corpo, o gaúcho carrega. O gaúcho não monta a cavalo sem chapéu. Quando se vê um ginete sem chapéu, costuma-se usar a seguinte expressão: “lá vem um louco sem chapéu”. O chapéu mais usado tem abas largas. De pelo de lebre, é impermeável, protege da chuva e do sol. O barbicacho passa por baixo do queixo do ginete e evita que, com o vento ou nas arrancadas, o chapéu se desprenda da cabeça. A vincha é um lenço ou tira de pano que é usada atada ao redor da cabeça, passando acima dos olhos. Evita que o suor entre nos olhos. Muito usada nas lides a pé, especialmente pelos esquiladores. O lenço atado ao pescoço é um hábito tradicional, tem várias origens. A mais recente identificava chimangos e maragatos, blancos e colorados. No inverno, de seda, abriga o peito e é muito agradável. Serviria para desviar a ação das facas em tentativas de degola. O cinto, ou guaiaca, carrega a faca enfiada, tem bolsas para o dinheiro, isqueiro e relógio, e coldre para o revólver. O gaúcho não vive sem faca; é um prolongamento do braço, da mão. Tem grande habilidade com o instrumento e se afeiço a ela como se fizesse parte de seu corpo. É um símbolo de identidade. A bombacha, abotoada nos tornozelos, não arregaça; folgada, facilita a montaria. Os bolsos fundos facilitam o carregamento dos avios de pitar e outros objetos. O primitivo chiripá é um pano quadrado que, amarrado à cintura, com as pontas caídas, ganha o formato do corpo. É bom para montar e não necessita de confecção. O tirador, normalmente de couro de capincho (capivara), é usado de lado, cobrindo a perna esquerda. Sua principal função é proteger a perna do laço nas lides a pé. A bota de cano longo protege do suor da montaria, da chuva, e serve para prender a espora. Primitivamente era usada a bota de garrão de potro. Cortava-se o couro da pata do cavalo na altura da marca e coureava-se até abaixo do garrão, do tamanho do pé. Sovada, com a ponta costurada, ganhava o formato do pé. São muitos os tipos de espora, de metal, prata, ferro. Com papagaios e rosetas de variado tamanho, servem para auxiliar o ginete na equitação. A espora acorda, arma o flete e potencializa o uso da perna nos diversos comandos.

O poncho é redondo, aberto somente na gola. De lã, é impermeável, usado para a chuva e para o frio. Normalmente é escuro e forrado com uma baeta vermelha. No Uruguai, chamam de poncho pátria; no Brasil, de poncho piloto. Nos dias de frio rigoroso, é o único abrigo que ataca o frio. Sem aberturas laterais, absorve todo o calor do cavalo. O pala é usado no inverno e no verão. No inverno, o mais comum são os bicharás de pura lã crua. A cavalo, se usa para o frio; não serve para a chuva. Na cama dos tropeiros, protege o corpo do poncho molhado. No verão, se usa pala de seda ou algodão, redondo ou quadrado, que serve de proteção contra o sol.

Hábitos tradicionais

- Não se usa chapéu dentro de casa.
- Não se escolhe a carne no espeto; o talho tem que ser certo.
- A cavalo, jamais se corta a frente de outro campeiro.
- Cruzando com alguém no campo ou na estrada, sempre se cumprimenta, mesmo que não se conheça.
- Nas campereadas, cada um deve guardar sua posição, seu lado, inclusive sua área em cada inverno.
- No Pampa, a variação do período de sol é muito grande. No inverno, é observado o trabalho de sol a sol, com um intervalo muito pequeno. No forte do verão, são aproximadamente 15 horas de sol. Quando começa a aumentar o dia, os campeiros começam a sestear. Quem “autoriza” a sesteada são as emas: somente é permitido sestear depois que no campo se encontram ovos dessas aves. A sesteada é um hábito salutar, permite trabalhar de madrugada e ao entardecer, favorecendo os campeiros, o gado e os cavalos. Atrapalhar a sesta no campo é uma maturrangagem imperdoável!
- Somente se devolve o mate depois de roncar a cuia. Não se come nem bebe nada na frente de outros sem convidar. A comunhão do fogão é total e não se admite nenhuma exceção.



Santana do Livramento,
outono de 2008.



Santana do Livramento,
abril de 2008.



Alimentação

Fazer fogo é cultural, no inverno e no verão. É a primeira tarefa do dia. Aquecer a água para o mate e colocar a carne para assar. Tradicionalmente, essa é a primeira refeição. A carne é consumida em todas as refeições, é o principal alimento, indispensável em qualquer situação. Além da carne, fazem parte do cardápio pampiano o pão, a canjica de milho ou trigo, batata doce, mogango, abóbora, arroz, feijão, leite e doce. O doce foi uma importante contribuição portuguesa. São de muitos tipos: de frutas, ovos, leite e outros.

Hoje, carne, feijão e arroz são os principais alimentos dos gaúchos rio-grandenses. No Pampa, o consumo de verduras é muito reduzido. Os campeiros fazem troça, dizem que “não são lebre pra comer verdura”. O mate é tomado pelo menos três vezes por dia, de madrugada, antes do almoço e antes do jantar.

Símbolos

Na descrição do gaúcho já foram identificados os seus principais símbolos: o gado, o cavalo e o churrasco. Cabe ainda destacar a carreta, carreta de bois, puxada por uma, duas ou mais juntas de bois, unidos com jugo aos moldes do Pampa. Carretas com toldo transportavam mercadorias do litoral para as estâncias, levando o desenvolvimento às regiões interioranas. Durante muitos anos, foram o único meio de transporte de cargas que ajudou a desbravar os campos.

No reino vegetal, pode-se destacar o capim santafé, que por muitos anos cobriu os ranchos. Também as corticeiras que embelezam os banhados e os umbus que, com altivez, enfeitam os horizontes dos pagos. Cabe reconhecer ainda a ema, que, sem voar, resistiu aos alambrados, e os cardeais, que coloreiam a querência, cantando a liberdade dos gaúchos.

Umbezeiro.
Uruguiana,
abril de 2008.





Santana do Livramento,
novembro de 2015.

Imagens do Pampa

•• •• •• •••• •• •• •••••• ••••
•• •• •• •••• •• •• •••••• •••• ••
•••• •• •• •• ••

Paisagem em Pedras Altas
Em quíchua, língua falada por diversos povos andinos, "pampa" significa "planície". Porém, no Pampa gaúcho há muito mais do que extensas planuras. Coxilhas, cerros, pequenas serras e relevos de contornos suavemente ondulados interrompem a monotonia da paisagem, configurando panoramas variados e de grande beleza cênica.







Alegrete

“Os pastos são, portanto, as riquezas naturais da Campanha, e para fazer-se uma ideia de sua superioridade, basta saber que os cavalos em alguns lugares têm que passar em certas ocasiões do ano por privações ou trato duro para ficarem delgados e leves para o trabalho.”
Carl Magnus Lindman, A vegetação no Rio Grande do Sul, 1906



Lavras do Sul
Mais de 480 espécies de aves habitam o Pampa gaúcho. O príncipe (*Pyrocephalus rubinus*), de plumagem escarlate reluzente, está entre as mais belas.

Gravatزال em Lavras do Sul
Encravados entre as coxilhas, os densos banhados de gravatás ou caraguatás (*Eryngium pandanifolium*) são ambientes muito importantes para a sobrevivência de diversas espécies ameaçadas de extinção.







Lavras do Sul

“A planura do chão, o tapete sem falha das gramas, a cor verde-paleácea (...) como que derrama o espírito de encontro ao horizonte descomedido, no qual se apoia o firmamento. As nuvens de bom tempo (...) completam este painel de tintas pálidas, formando um panorama de conjunto tão extenso, tão suave nas transições, (...) que sempre de novo ocorre a comparação com o oceano. A Campanha é um oceano, não de água, mas de grama.”
Balduino Rambo, A fisionomia do Rio Grande do Sul, 1956




Açude em Alegrete
A água é um recurso escasso no Pampa e o seu
correto manejo é vital para a sustentabilidade
ambiental e socioeconômica da região.



Antiga casa de fazenda restaurada, Herval
O precioso patrimônio arquitetônico do Pampa representa um bem cultural com imenso potencial turístico, mas ainda pouco valorizado e explorado no Rio Grande do Sul.



Casarão em São Gabriel
Perdidos na vastidão do Pampa, casarões repletos de lembranças são a herança de um ciclo de esplendor e testemunhos da pujança de uma região cuja história alterna períodos de opulência e de privação.



Uruguiana
Os tons terrosos da plumagem do
gavião-caboclo ou gavião-asa-de-telha
(*Heterospizias meridionalis*) estão em
perfeita harmonia com as cores
predominantes nas paisagens do Pampa.





Escoamento de produção na região do Cerro do Catimbau, Alegrete
“...a vegetação harmoniza o conjunto, estendendo-se como um tapete
geral (...) sobre a planície e os tabuleiros: é o elemento que comunica
unidade ao painel da Campanha.”
Balduino Rambo, A fisionomia do Rio Grande do Sul, 1956



Rosário do Sul

“O peão de estância que enfrentou o zaino e emalou *recuerdos* para domar saudade, também passou pras bandas da cidade, entonado de pilcha e de esperança. Eu não sabia, mas o peão também não voltaria, pois enormes vaga-lumes de ilusões rondariam as janelas dos galpões procurando o potro-liberdade, para prendê-lo, de alma e pensamento, no tronco de asfalto e de cimento de um brete chamado de cidade!”
José Luis Flores Moro, Pó de estrada.

Sesta em Santana do Livramento
"Quem vem de fora e depara
com um campeiro bem pilchado
não entende – atordoado –
tanta coisa em confusão.
Mas, ao ver peça por peça,
o forasteiro começa
a entender a tradição."
Barbosa Lessa







Ponte em Piratini

Da perfeita integração entre os elementos naturais e os construídos pelo homem surgem cenários idílicos, singelos, inspiradores, que nos trazem à memória paisagens distantes, como se no Pampa houvesse um pouco de cada parte do mundo.



Manhã de geada em Lavras do Sul

As geadas, assim como os solos rasos e as estiagens de verão, estão entre os vários fatores ambientais que condicionam a vegetação natural no Pampa, restringindo o crescimento de plantas lenhosas e deixando o caminho aberto para as gramíneas e outras ervas, em geral mais resistentes aos rigores do clima pampiano.



Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã, Alegrete
"Me perco, às vezes, contemplando a estrada que
se prolonga ao rumo do infinito; atrás, há um rastro
de ilusão passada, à frente, os sonhos de um viver
bonito."
Colmar Duarte, Estradas de vida e tempo



Pelas estradas de Alegrete
Na imensidão do Pampa não importam os caminhos nem como se faz para percorrê-los. O que realmente tem significado é o olhar em busca de um novo espaço... Sonho... E a continuação da visão na qual se perpetuam as vozes da natureza, numa eterna sintonia.



Palmar em Quaraí

O palmar de Coatepe, localizado em Quaraí, é o mais importante núcleo de butiás-jataí (*Butia yatay*) no Rio Grande do Sul. Essa frágil comunidade vegetal corre o risco de desaparecer por conta do pastoreio e do pisoteio do gado, que comprometem a sua regeneração natural.



Lavras do Sul
Uma jovem noivinha-de-rabo-preto (*Xolmis dominicanus*), nascida nos campos de pecuária extensiva da Serra do Sudeste, mostra que é possível compatibilizar atividades produtivas tradicionais praticadas de forma responsável com a conservação do *habitat* de espécies ameaçadas.



Plano Alto, Uruguiana

A ema (*Rhea americana*), maior ave das Américas, descende de uma linhagem muito antiga, cuja origem remonta ao período em que as massas continentais do hemisfério sul estiveram reunidas em um único supercontinente, o Gondwana, há mais de 140 milhões de anos.



Tropeada de ovelhas em Maçambará
Nas lidas campeiras manifesta-se um dos traços culturais mais marcantes do gaúcho: a grande ligação afetiva por seus animais, uma relação que envolve sintonia, respeito mútuo e cumplicidade.

Lavras do Sul
O porte altivo, o topete encarnado e o canto potente distinguem de imediato o cardeal (*Paroaria coronata*), um dos pássaros mais típicos e familiares do Pampa.







Lavras do Sul

O veste-amarela (*Xanthopsar flavus*), encontrado em ambientes de campos naturais, é uma das várias espécies do Pampa mundialmente ameaçadas de extinção e símbolo de iniciativas internacionais pela preservação do bioma.

Lavras do Sul
No Pampa existem numerosas espécies de plantas de grande valor ornamental, como a *Alstroemeria isabelleana*. Várias dessas plantas, especialmente as cactáceas, são alvo de biopirataria, sendo coletadas ilegalmente no estado para serem propagadas e comercializadas em outros países.







Cemitério de fazenda em Pedras Altas
Os cemitérios escondidos na imensidão dos campos constituem uma das visões mais pitorescas do Pampa. Perpetuando a lembrança dos antepassados, os "campos santos", como são conhecidos, unem o passado ao presente e representam uma das mais antigas tradições da cultura sul-rio-grandense.



Rincão do Inferno, divisa Lavras do Sul/Bagé
O Rincão do Inferno, onde o rio Camaquã serpenteia apertado por entre penhascos impressionantes, é uma das paisagens mais grandiosas de toda a Serra do Sudeste.



Sede de fazenda em Lavras do Sul
"Pelo olhar da janela a vista perdia-se pelo
campo vasto, verdejando o pasto, coxilha e
canhada até a beira do rio."
Gujo Teixeira, Enchendo os olhos de campo



Travessia do rio Ibicuí em Mariano Pinto, Itaqui
Longe dos grandes centros urbanos e de áreas industrializadas, o rio mais caudaloso do Pampa gaúcho – o Ibicuí – mantém-se até hoje relativamente limpo e preservado.



Quaraí

Um dos grandes predadores nos ecossistemas campestres do Rio Grande do Sul, a águia-chilena ou águia-moura (*Geranoaetus melanoleucus*) muitas vezes paga com a própria vida o preço de ocupar um alto posto na cadeia alimentar do Pampa. A perseguição humana indiscriminada, sob a justificativa de proteger os rebanhos, é uma das principais causas do declínio de suas populações.





Prosa de gaúchos em Piratini

O gesto amplo... o pensar tranquilo... o olhar ao longe... o silêncio contemplativo... são elementos inerentes à comunicação entre os moradores do Pampa. Tão eloquentes quanto palavras, convertem um simples reencontro em um singelo ritual de fraternidade.



Arquitetura

Andrea Marcilio Trentin

Ao percorrerem-se as magníficas paisagens do Pampa gaúcho, despontam, aqui e ali, ruínas centenárias em meio à natureza agreste, compondo o cenário cultural desse território. Não é apenas como região natural que o Pampa vem sendo esquecido. A riqueza arquitetônica dos grandes casarios, castelos, igrejas e outras construções, que conta a história de um povo guerreiro, também passa por seu momento de crise e se desvanece.

Esse acervo forma um conjunto harmônico com os campos que o envolvem, criando uma paisagem bucólica. Mas muito melhor seria se tivesse resistido incólume ao tempo e pudesse servir de fonte plena de pesquisa a historiadores e arquitetos, ou atrair turistas à região.

A influência da história

É perceptível ao visitante que viaja pelo Pampa a forte influência colonial açoriana sobre a arquitetura regional. São casas, casarios, estâncias, senzalas e diversas outras edificações.

A arquitetura colonial iniciou no Rio Grande do Sul no começo do século XVIII, quando, em decorrência do Tratado de Madrid, os portugueses vieram povoar a região missionária espanhola que mais tarde se tornaria a Colônia de Sacramento. Marcada por violentas batalhas, tal transformação custou numerosas vidas.

Por se tratar de uma região de fronteiras, a prioridade era ocupar e proteger o território conquistado. O maior perigo estava nas invasões por terra, visto que não havia florestas fechadas no Pampa, apenas

descampados. Por esse motivo, os primeiros ocupantes estrangeiros a chegar foram os militares. A partir daí, em razão das necessidades desses primeiros habitantes, foram chegando famílias para povoar a região, dando início à ocupação civil do território.

A posse das áreas se dava de acordo com o relacionamento que esses novos habitantes mantinham com os militares aqui instalados, fazendo com que os coronéis fossem requerendo terras para suas esposas e filhos, criando assim os latifúndios e, com eles, as primeiras edificações em estilo colonial na região.

Arquitetura das estâncias

Cada estância acabava por se tornar um sistema administrativo independente, onde o coronel trazia para trabalhar consigo, além de sua família, pessoas de confiança que pudessem assegurar a posse das terras e do gado frente aos invasores.

Para permitir uma ampla visão da propriedade, os prédios principais eram, em sua maioria, construídos em locais elevados e com vista privilegiada. O receio de invasões fez com que as primeiras edificações tivessem forte influência do estilo militar: residências sólidas e resistentes, com aspecto pesado, janelas pequenas e, em alguns casos, cercadas por muros. Estes, por sua vez, geravam pátios internos, servindo alguns à família e outros para acomodar os escravos, que assim eram separados do contato com seus senhores. As janelas dos dormitórios estavam voltadas para a área externa da fazenda, pois os escravos, mantidos em condições subumanas e submetidos a maus tratos, eram considerados uma grave ameaça em caso de rebelião.



Cerro Chato, Herval,
abril de 2008.



Parque Histórico
General Bento
Gonçalves. Cristal,
abril de 2008.



Pedro Osório,
abril de 2008.



Capão do Leão,
abril de 2008.



Piratini,
outono de 2008.

Em alguns casos, a parte destinada à residência da família era instalada em um segundo piso, cujo acesso se dava por uma escada externa. Além de tornar a moradia mais segura, isso aumentava a visão dos estancieiros para a propriedade. Esteticamente, provocava uma quebra de horizontalidade na arquitetura, acrescentando a escada como elemento decorativo.

Arquitetura nos centros urbanos

Não foi apenas nas estâncias que a arquitetura do Pampa floresceu e se manifestou. Cidadãos desprovidos de recursos e influência acabavam por se instalar em pequenos lotes, formando assim os núcleos urbanos. Grande parte das residências que hoje compõem os centros históricos do Pampa é constituída por casas-em-fita, assim denominadas por ocuparem totalmente a medida lateral dos lotes, compartilhando a estrutura do telhado e separando-se umas das outras por uma única parede. As casas se diferenciavam pelas cores e por elementos decorativos, ou pela presença de beirais um pouco mais largos, que protegiam de forma precária as fundações das residências contra infiltrações e, em parte, também as pessoas em dias de chuva.

Dado o tamanho reduzido dos lotes, as casas possuíam apenas uma porta e uma ou duas janelas, com exceção das residências dos estancieiros, que apresentavam mais de duas janelas e ornamentos que as individualizavam das demais. Na divisão interna das moradias, a sala ficava voltada para a rua e a cozinha para os fundos do lote; já os quartos, espaços conhecidos como alcovas, situavam-se no meio da residência, sem iluminação nem ventilação.

Não havia calçadas e as residências eram construídas alinhadas ao meio fio, ficando um espaço no fundo do lote para os jardins. As ruas não possuíam calçamento e, em alguns casos, os proprietários construíam uma espécie de laje, que servia como calçada. Às vezes faziam-se escadarias nas laterais das vias, para vencer desníveis do terreno.

Ainda nos centros urbanos havia os sobrados, residências de dois pisos, geralmente construídos por famílias mais abastadas, que em alguns casos eram donos de estâncias que vinham para a cidade mon-

tar um comércio ou simplesmente morar. Eram casas sofisticadas, tanto em ornamentos como em técnicas construtivas. O térreo destinava-se a duas finalidades: depósito de escravos ou casa de comércio. Todo o requinte da construção era reservado para o segundo piso, onde ficava a casa da família. Ali contava-se com alguns luxos extras, como piso em tabuão e forro em gamela, para ocultar a estrutura do telhado.

Arquitetura religiosa

A religião foi trazida ao Brasil com as Missões Jesuítas e teve um papel importante na arquitetura, tanto nas estâncias como nos centros urbanos que se formavam. Nas vilas, a igreja e o cemitério serviam de ponto de partida para o desenvolvimento das cidades, ostentando sua imponência e sinalizando o respeito à religião católica. Nas fazendas, era comum construir capelas e cemitérios particulares, onde se erguiam mausoléus feitos de materiais nobres e ricos em detalhes arquitetônicos, retratando a opulência e a pujança das famílias. Neles eram enterrados coronéis e familiares de primeiro grau, e, em alguns casos, seus parentes mais próximos.

Com o crescimento das cidades, há o surgimento das igrejas matrizes. A igreja matriz de Rio Grande, Catedral de São Pedro, foi a primeira igreja barroca a ser edificada no Rio Grande do Sul, no ano de 1755. Algumas igrejas eram construídas em pedra e outras em taipa, tendo suas fachadas adornadas com elementos decorativos. Além das igrejas matrizes, existem diversas capelas espalhadas pelas estâncias e povoados menores, com características próprias do período Barroco, como as formas geométricas básicas, os frontões triangulares e as fachadas marcadas pelo contraste da pedra com as superfícies brancas.



Santana do Livramento,
abril de 2008.

A influência do progresso

A partir da metade do século XIX, até o início do século XX, o estilo neoclássico começou a ter forte influência sobre a arquitetura das cidades. Por volta de 1870, ele se fundiu com o colonial, formando a arquitetura eclética e colocando um fim no período imperial. A transição marca o aparecimento das fachadas, elementos que lembram a arquitetura romana. São colunas, arcos, frontões e adornos típicos do estilo clássico, que ressurgem.

As cidades começavam, então, a receber infraestrutura e saneamento. Surge a preocupação com o planejamento urbano, dando às quadras traçados reticulares, ou seja, ruas planejadas levando em conta os eixos. Em razão do traçado urbano, criam-se os espaços públicos para uso geral da população.

A evolução das tecnologias permitiu que se ousasse mais na arquitetura. Passaram a se fazer notar características como grandiosidade, hierarquização de espaços e riqueza decorativa, principalmente nos detalhes. As técnicas construtivas também evoluíram e apareceram construções com ferro fundido e tijolos, conferindo versatilidade aos projetos.

A arquitetura da Campanha gaúcha também foi influenciada e favorecida pela proximidade com os países vizinhos. A facilidade de transporte, tanto marítimo, através do porto de Pelotas, como por via férrea, possibilitava a chegada de novos materiais e máquinas. Também permitia à classe dominante importar diretamente da Europa grades de ferro fundido, estátuas de adornos para fachadas, vitrais coloridos e muitos outros produtos para adornar os novos prédios.

Além dos elementos decorativos, os prédios apresentavam características como horizontalidade e fachadas simétricas. Surgiram as platibandas, para esconder os telhados e servir de base para fixação dos ornamentos. O poder financeiro das famílias era ostentado nos requintes das edificações, na riqueza e na quantidade de detalhes usados nas construções, transformando a arquitetura em uma manifestação de disputas de egos e vaidades. Pode-se atribuir a esse período grande parte da beleza arquitetônica erigida na região da Campanha.

Preservação do patrimônio histórico

O Pampa vivenciou um período de muita riqueza, desenvolvimento e progresso. Porém, por volta de 1910, com o declínio da indústria do charque – que movimentava economicamente a região – e com a abolição da escravidão, instalou-se uma crise financeira que levou à estagnação da Campanha. Os compradores de charque gradualmente desapareceram e os grandes fazendeiros iniciaram sua busca por novas fontes de renda. Pouco a pouco, a opulência do Pampa gaúcho exauriu-se, deixando o patrimônio construído obsoleto.

Felizmente, há hoje maior preocupação por parte da população e do Poder Público em preservar a história, atraindo turistas à região e movimentando outros setores da economia. Algumas edificações antigas, pertencentes a famílias tradicionais, são preservadas com a ajuda de um pequeno auxílio financeiro do governo, mas frequentemente acaba não sendo possível realizar todos os reparos necessários com as verbas disponibilizadas. Outros edifícios são públicos e, em perfeito estado de conservação, funcionam como museus, contando a história da região. Uma parte do acervo arquitetônico do Pampa, por outro lado, não resistiu aos impactos do tempo e do desuso, transformando-se em ruínas. Ainda assim, com sua beleza peculiar, segue embelezando a paisagem e compondo o cenário da região.



Itaqui,
abril de 2008.

Pedro Osório,
abril de 2008.





Pedras Altas,
abril de 2008.

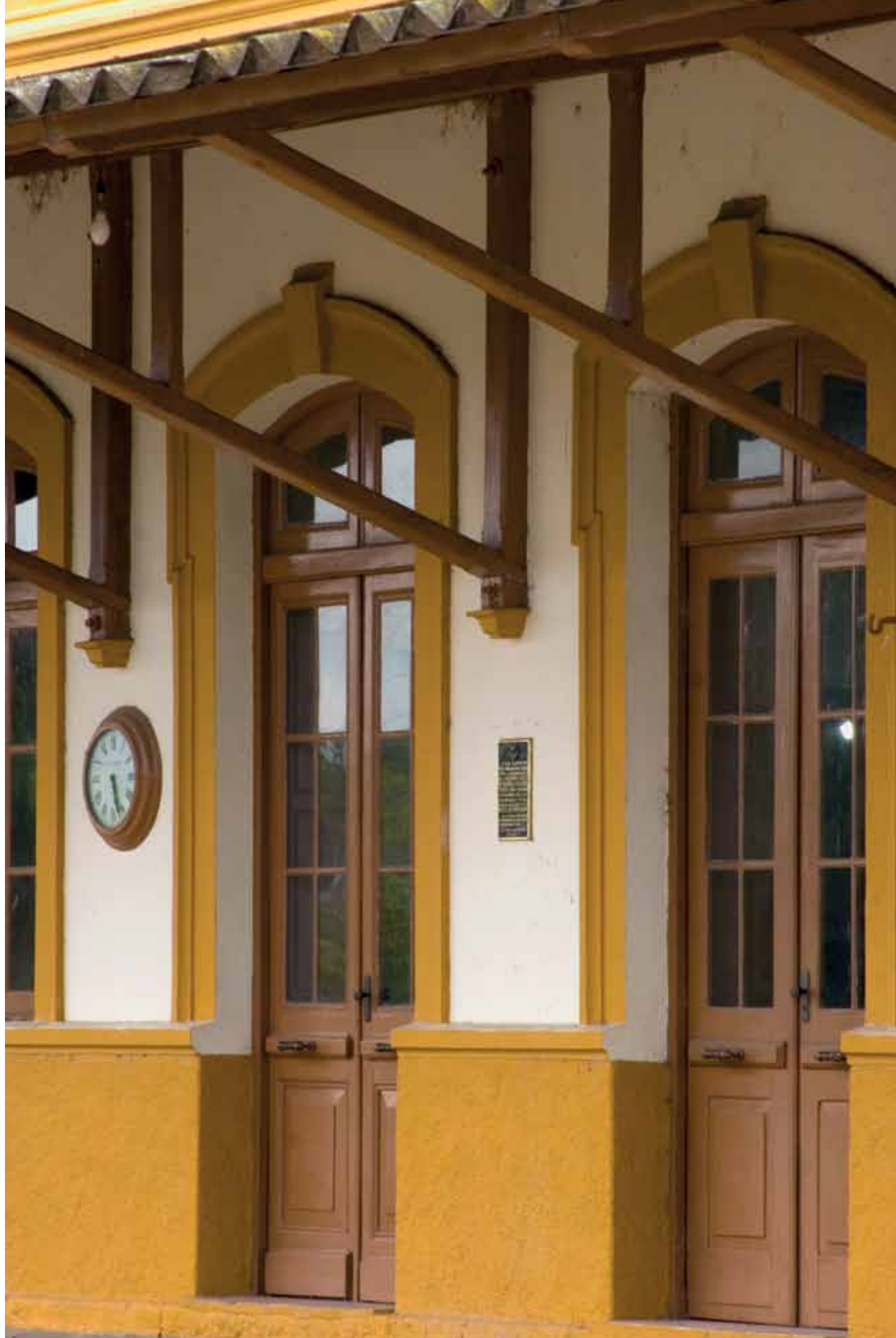


Herval,
abril de 2008.



São Gabriel,
abril de 2008.

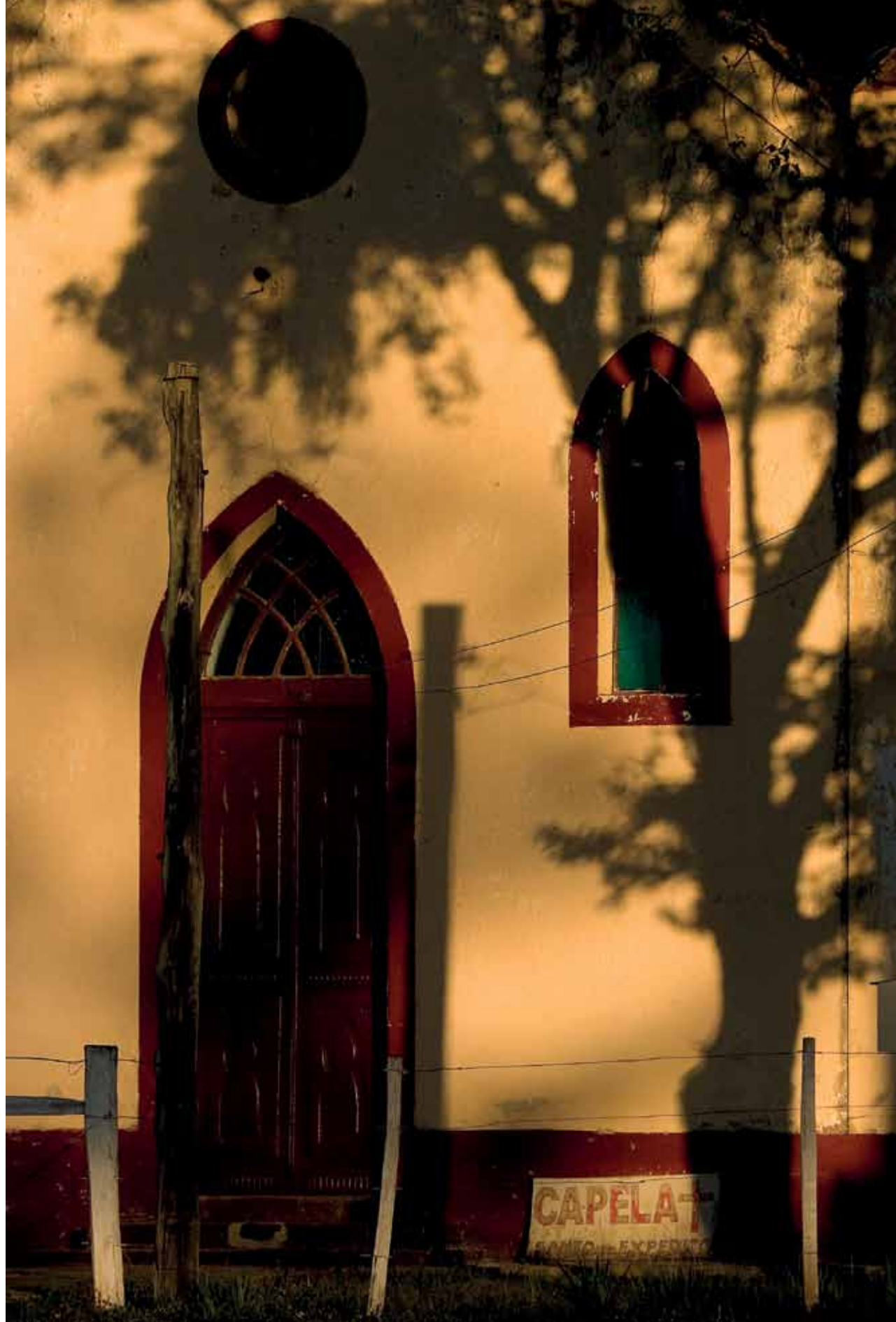
Cerrito,
abril de 2008.





Santana da Boa Vista,
abril de 2008.

Rosário do Sul,
abril de 2008.





Vila Plano Alto, Santana do Livramento, abril de 2008.



Pedro Osório,
abril de 2008.



Atividades produtivas

Danilo Menezes Sant'Anna

Poucas regiões do mundo permitem conciliar tão bem atividades produtivas e conservação ambiental como o Pampa. Assim como nos países vizinhos que compartilham o bioma, o Pampa gaúcho possui vocação natural para diversas atividades produtivas, mas especialmente para a pecuária extensiva. Tal vocação advém do clima relativamente ameno aos animais, do relevo suave e do predomínio de uma vegetação campestre natural, singular por sua diversidade. Em um mesmo metro quadrado do Pampa, coexistem múltiplas espécies de leguminosas e gramíneas de alto valor forrageiro, tanto de inverno como de verão, formando pastagens naturais com boa estabilidade produtiva e que dão sustento aos rebanhos de ruminantes domésticos, bem como aos herbívoros silvestres. São conhecidas mais de 450 espécies nativas de gramíneas e cerca de 150 de leguminosas forrageiras nos campos do sul do Brasil. Até hoje, essas pastagens naturais fornecem a principal base alimentar para a pecuária gaúcha.

A vegetação natural do Pampa formou-se ao longo de milhares de anos pela interação de fatores como o clima, os solos, o fogo e a ação de animais pastadores, processo que deixou como herança um ambiente campestre diverso e especialmente favorável aos herbívoros, hoje representados principalmente por bovinos, ovinos e equinos domésticos. Não por acaso, a atividade pecuária vem sendo desenvolvida há quase 400 anos no Pampa gaúcho, ensejando o surgimento de um modo de vida e de uma cultura peculiar ao tipo humano da região, o gaúcho.

Mas a adaptação das plantas campestres do Pampa

ao pastejo é fruto de um período muito mais longo de convivência com os herbívoros. Há registros fósseis da existência de grandes ungulados na região há milhares ou mesmo milhões de anos atrás, com hábitos de pastejo semelhantes aos dos animais domésticos atuais. Portanto, em razão dessa coevolução, a presença de ruminantes na atualidade pode ser considerada benéfica à vegetação campestre. Não é a simples incidência de distúrbios como o fogo e a herbivoria (pastejo) que descaracterizam os campos nativos do Pampa e causam sua degradação, mas sim a frequência e a intensidade com que esses fatores ocorrem. Graças à alta resiliência do campo frente aos impactos do fogo e do pastejo, adquirida no curso de sua coevolução com esses elementos, a degradação pelo uso excessivo ou inadequado das pastagens pode ser revertida em um prazo relativamente curto, desde que sejam adotadas práticas adequadas de manejo.

O superpastejo (excesso de animais nas pastagens em relação à capacidade de suporte), frequente nos sistemas de produção do Rio Grande do Sul, tem sido uma das causas da degradação dos campos naturais do Pampa, ao lado da expansão da agricultura de grãos e da substituição da matriz forrageira nativa por forrageiras exóticas, devido ao desconhecimento generalizado das potencialidades das pastagens naturais da região. Nesse contexto, não só as riquezas, mas toda a multifuncionalidade – econômica, produtiva, ambiental, cultural, turística e social – dessa complexa região pastoril tem sido negligenciada pela sociedade.



Cerro Chato, Herval,
abril de 2008.

Além da pecuária, a agricultura também encontrou ambiente favorável no Pampa gaúcho e se desenvolveu, assim como nos países vizinhos. A atividade agrícola teve expressivo crescimento nas últimas décadas e continua em franca expansão até hoje, o que tem gerado não só riquezas, mas também conflitos e dilemas em torno do uso sustentável e da conservação do bioma, incluindo a sua coexistência harmônica com a atividade pecuária. Técnicos, produtores, pesquisadores, governo e sociedade debatem o desenvolvimento sustentável da região, na busca pelo caminho para regrav e equilibrar as diferentes atividades econômicas e promover a conservação de fato do Pampa.

A silvicultura (de eucaliptos, pínus e acácia-negra), por sua vez, ocupa aproximadamente 700 mil hectares no Rio Grande do Sul e, tal como no Uruguai, teve um crescimento acentuado ao longo da última década, com o cultivo de eucaliptos no Pampa para produção de celulose. Contudo, a expansão foi aquém da anunciada, não alcançando a meta projetada de um milhão de hectares plantados.

A razão foi a crise econômica internacional que se iniciou nos Estados Unidos em 2008, a qual teve reflexos no mercado e nas empresas ligadas ao setor.

Diversas atividades que convivem harmonicamente com os ambientes campestres têm crescido no Pampa gaúcho sem trazer grandes impactos ao meio, seja pela pouca área que requerem, seja por utilizarem modelos que não alteram drasticamente a paisagem. A vitivinicultura e a produção de oliveiras, com suas cadeias agroindustriais associadas, são bons exemplos. Devido às condições edafoclimáticas propícias, tem-se hoje no Pampa a produção de vinhos, espumantes e azeites de oliva de qualidade comparável à das melhores regiões produtoras do mundo. Além disso, outros setores são beneficiados pelo desenvolvimento dessas atividades, como o turismo e a gastronomia, o que multiplica várias vezes os seus benefícios na direção do desenvolvimento sustentável da região pampiana.

A produção de energia também está em franca expansão no Pampa gaúcho. A matriz energética do Rio Grande do Sul inclui diferentes formas de gera-



ção, com maior ou menor impacto sobre o meio ambiente, como a termelétrica (carvão mineral), a hidrelétrica, a eólica e a solar, esta última ainda incipiente. A geração termelétrica tem sua expressão maior na Campanha, em Candiota, utilizando o carvão mineral extraído na própria região. A energia térmica também é gerada em parques da indústria siderúrgica e petroquímica na Região Metropolitana de Porto Alegre, que usam o carvão mineral extraído na região central do Rio Grande do Sul (Butiá e Minas do Leão).

A produção de energia eólica é a que se tem expandido mais pelo Pampa gaúcho. Essa atividade relativamente nova no bioma se iniciou há alguns anos na região do Litoral Norte gaúcho e hoje vem se disseminando por toda a região litorânea, zona sul (Santa Vitória do Palmar) e Fronteira Oeste (Sant'Ana do Livramento).

A geração de energia eólica tem estreita relação com o meio agropecuário, pois os aerogeradores são instalados em propriedades rurais e seus proprietários recebem valores pela alocação dos equipamentos

em suas terras. Após a fase de instalação do parque eólico, a rotina das propriedades rurais volta praticamente ao normal e a terra pode ser novamente utilizada para as atividades agropecuárias convencionais, sem grandes restrições. Dessa forma, a geração de energia eólica passou a ser mais uma atraente fonte de renda ao agropecuarista.

Porém, em cada caso, é necessário ponderar os impactos positivos e negativos dos parques eólicos. Certamente a geração de energia limpa, a renda auferida pelo produtor e pelas empresas geradoras, as melhores estradas rurais, a segurança local e a cadeia que se forma em torno dessa atividade são importantes fatores de desenvolvimento local. Além disso, a princípio, as torres de geração de energia permitem a manutenção da vegetação campestre nativa, o que é importante para a conservação do Pampa. Por outro lado, durante o processo de instalação dos parques eólicos, ocorre um trânsito intenso de máquinas e veículos, bem como a alteração e o revolvimento do solo nos locais de instalação das torres e vias de acesso. Tudo isso abre caminho para o alastramen-

Santana do Livramento,
novembro de 2015.



Manoel Viana,
abril de 2008.

to de espécies indesejáveis como o capim-annoni, planta exótica invasora que representa uma grave ameaça aos campos da região. Esse e outros impactos potenciais sobre a biodiversidade devem ser devidamente considerados quando da avaliação de cada empreendimento e medidas de controle e prevenção devem ser adotadas sempre que necessário.

Conflitos que impõem desafios

Os maiores conflitos em torno da conservação do Pampa relacionam-se à forma de exploração dos ambientes campestres do bioma. Esses conflitos se traduzem, por exemplo, na competição pelo uso da terra estabelecida pela expansão da atividade agrícola sobre áreas tradicionalmente ocupadas pela pecuária extensiva. A questão central não é a expansão em si, mas quais modelos de produção utilizar em cada ambiente e, por fim, como equilibrar as diferentes atividades de lavoura e pecuária.

O avanço do conhecimento permite hoje subsidiar a construção de sistemas integrados de produção, sustentáveis e que conservam a maioria dos recursos disponíveis, normalmente chamados de sistemas integrados de lavoura-pecuária-florestas (ILPF). Entretanto, não basta só fazer ILPF ou integração, pois é a forma como isso é feito que faz a diferença para que um sistema seja ou não sustentável e para conservar em maior ou menor grau os diferentes recursos disponíveis.

O arroz irrigado sempre representou a principal cultura anual de grãos no Pampa gaúcho, tanto pela extensão da área cultivada como pela sua repercussão na economia e geração de empregos. Praticamente todo o arroz irrigado do Rio Grande do Sul é produzido no Pampa. Aproximadamente 1,1 milhão de hectares são cultivados anualmente e a área plantada tem-se mantido relativamente estável nos últimos anos.

A estabilidade da produção orizícola deve-se principalmente ao fato de que praticamente toda a área cultivada é irrigada por inundação, não sofrendo, portanto, os efeitos da grande redução e variabilidade no volume de chuvas no Pampa gaúcho durante o período estival. Pelo contrário, as estiagens de verão tornam-se até benéficas à cultura na medida em que,

não havendo restrições hídricas devido à irrigação, tem-se a probabilidade de mais dias de sol e maior luminosidade, fatores importantes à produtividade do arroz. Além disso, o desenvolvimento de novas cultivares e tecnologias, a pesquisa contínua e a assistência técnica pública e privada têm contribuído para elevar a produtividade da cultura na região, sendo as médias obtidas no Pampa comparáveis às maiores registradas em outras regiões produtoras do mundo.

No caso da cultura da soja, segundo a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER/RS, a área plantada no Rio Grande do Sul aumentou 26% no período 2010/2011 a 2014/2015. Considerando as regiões administrativas da EMATER/RS de Bagé, Pelotas, Porto Alegre e Santa Maria, que juntas representam aproximadamente a área da Metade Sul do estado (Pampa), o aumento foi proporcionalmente muito maior, de 62%, alcançando 184% quando consideradas apenas as regiões administrativas de Bagé (Campanha e Fronteira Oeste), Pelotas (zona sul) e Porto Alegre (entorno da Laguna dos Patos e Região Metropolitana). Portanto, ainda que o regime de chuvas não seja adequado à cultura da soja, ela vem se expandindo a um ritmo acelerado sobre o Pampa.

É inegável que o aumento das safras de grãos no Rio Grande do Sul, assim como em todo o Brasil, tem sido positivo para o desenvolvimento das diferentes regiões e das cadeias do agronegócio, bem como para o incremento da economia e para o aumento do PIB gaúcho e brasileiro. Contudo, sendo uma cultura majoritariamente realizada sem irrigação, apesar da evolução tecnológica, de novas cultivares, do uso de plantio direto e do desenvolvimento de sistemas de integração lavoura-pecuária, entre outros avanços, o crescimento da atividade no bioma traz consigo o aumento do risco de quebras de safra, já que as chuvas estivais são irregulares e muitas vezes insuficientes.

O avanço da soja no Pampa gaúcho está ocorrendo sobre áreas de pousio de arroz irrigado (284.127 hectares na safra 2013/2014, segundo o Instituto Rio Grandense do Arroz – IRGA), pastagens de inverno, campos de sucessão de lavouras e campos nativos normalmente utilizados para a atividade pecuária,



Santa Margarida do Sul,
abril de 2008.



Lavras do Sul,
dezembro de 2007.



São Gabriel,
abril de 2008.

em especial a pecuária de corte. Nas regiões administrativas da EMATER/RS de Bagé, Pelotas, Porto Alegre e Santa Maria (essencialmente a área do Pampa gaúcho), foram plantados, na safra 2013/2014, cerca de 1,65 milhão de hectares de soja. Pode-se afirmar, portanto, que hoje já se planta mais soja no Pampa do que arroz, cultura tradicional da região.

Assim, considerando que tanto a área de arroz no Pampa como a área de soja na Metade Norte do Rio Grande do Sul têm-se mantido relativamente estáveis, ainda que com pequenas oscilações, a expansão da sojicultura tem ocorrido principalmente sobre os campos do Bioma Pampa. Cabe ressaltar que este avanço vem ocorrendo justamente nas áreas onde se localizam os maiores rebanhos bovinos e ovinos do estado, gerando tensões pelo uso da terra, em especial durante o período estival.

Apesar disso, nesse cenário de expansão agrícola, o rebanho de ruminantes do Rio Grande do Sul vem se mantendo estável (à exceção do ovino, que teve expressiva redução a partir da década de 1980, em razão da desvalorização da lã frente ao desenvolvimento e ao crescimento do uso de tecidos sintéticos derivados da indústria petroquímica). São cerca de 14 milhões de cabeças de bovinos, das quais entre 10 e 11 milhões são para corte e o restante para leite, e pouco mais de quatro milhões de cabeças de ovinos, além de equinos e caprinos.

Esses fatos apontam para um aparente paradoxo: o rebanho doméstico do Pampa gaúcho está estável enquanto as lavouras temporárias de verão se expandem rapidamente sobre as mesmas áreas ocupadas por esse rebanho. Em parte, talvez já tenha havido um ajuste de carga, com a retirada, concomitantemente à expansão agrícola durante duas ou três décadas, de cerca de 10 milhões de ovinos dos campos da região. O desafio, daqui para frente, passa a ser conciliar essas atividades sem que haja redução dos rebanhos, ou seja, até que ponto e sob quais modelos a agricultura pode ser desenvolvida sem prejudicar a pecuária, os sistemas de produção e o ambiente como um todo.

A escolha dos modelos produtivos é crucial quando se pensa em promover simultaneamente o desenvolvimento sustentável e a conservação do Pampa.

Para tanto, a inclusão da pecuária extensiva sobre campos nativos nos modelos agrícolas convencionais (sistemas integrados – ILPF) e nos sistemas produtivos é de fundamental importância, pois se trata da atividade agropecuária que mais conserva o ambiente no Bioma Pampa. Além disso, proporciona diversos outros benefícios ao meio, inclusive para as próprias lavouras, quando integradas.

Entretanto, apesar do conhecimento acumulado, a pecuária de campo tem sido vista como uma atividade atrasada, de baixa produtividade e baixa renda. Esse fato, aliado ao aumento da área infestada por capim-annoni (favorecido por práticas agropecuárias inadequadas e pelo superpastejo), é a principal causa da alarmante redução das áreas de vegetação nativa no Bioma Pampa – em especial das áreas de campo natural – ao longo dos últimos anos.

Pecuária: vocação natural do Pampa

As espécies vegetais campestres do Pampa, perfeitamente adaptadas às condições da região há milhares de anos, possuem um potencial produtivo ainda pouco explorado nos sistemas de produção. A vegetação nativa faz da atividade pastoril a vocação natural do Pampa. Em razão das características do meio, a pecuária extensiva possibilita a convergência de objetivos econômicos e conservacionistas no bioma, desde que respeitados alguns preceitos técnicos, como, por exemplo, o correto ajuste da carga animal. Cabe ressaltar, ainda, a importância da pecuária para a economia do Rio Grande do Sul e para a própria identidade cultural do gaúcho, que há quase 400 anos convive com a atividade pastoril.

A pecuária sobre campos nativos, portanto, tem um relevante papel na conservação do Bioma Pampa. Apesar disso, tem sido relegada a um segundo plano e considerada uma alternativa de renda pouco competitiva frente a outras atividades agropecuárias. Em grande parte, isso resulta da simples falta de acesso à informação e do não entendimento sobre o conhecimento disponível acerca das possibilidades de uso sustentável do bioma.

A baixa renda média produzida pelos sistemas convencionais de pecuária sobre campos nativos no Pampa gaúcho, mal planejados e inadequadamente manejados, tem levado a sua substituição por lavouras anuais ou por pastagens exóticas cultivadas. Além disso, os campos remanescentes também são disputados, em maior ou menor grau, por outros setores do agronegócio, tais como a silvicultura e a produção de bioenergia. Para piorar, a grande maioria dos produtores rurais e técnicos do setor considera que a baixa produtividade e rentabilidade dos modelos de produção pastoril comumente adotados nos campos nativos do Bioma Pampa representam o seu limite, não havendo margem para evoluir e restando como única saída a substituição da atividade ou do modelo de produção. E quando se pensa em intensificar e aumentar a produtividade da pecuária, normalmente são adotados modelos trazidos de outras regiões do país ou do mundo, que desconsideram totalmente a matriz campestre do Pampa como base produtiva, promovendo igualmente a supressão dos campos





naturais. Tais modelos se baseiam na substituição da vegetação campestre nativa por espécies forrageiras exóticas, tanto tropicais de verão – pânícuns e braquiárias, entre outras – como de inverno – aveia, azevém, trevos etc. –, introduzidas por técnicas que suprimem totalmente a vegetação do campo.

Dependendo da magnitude com que ocorre, a troca da matriz forrageira aumenta a instabilidade da produção de forragem ao longo do ano. Isso impacta diretamente o balanço forrageiro anual do sistema e restringe os tipos de pecuária possíveis. Vale lembrar que a maior parte da pecuária brasileira, à exceção da realizada nos campos da Região Sul e em algumas outras regiões de campos naturais como o Pantanal, desenvolve-se sobre pastagens cultivadas monoespecíficas, principalmente de capins do gênero *Brachiaria* e, em menor escala, do gênero *Panicum*. Essas pastagens inserem-se no contexto de biomas como o Cerrado e a Amazônia, e representam uma das maiores monoculturas do país (aproximadamente 100 a 120 milhões de hectares). Pela concorrência que estabelecem em razão do volume de produção, exercem grande pressão no sentido da substituição de matrizes forrageiras complexas como a que existe naturalmente no Pampa.

No entanto, ao mesmo tempo em que representa uma inestimável riqueza ambiental e econômica, a complexidade das pastagens naturais do Pampa, compostas por centenas de espécies forrageiras nativas, também representa um desafio à pesquisa e ao setor produtivo. Ela impõe a necessidade de se continuar a produzir, disponibilizar e pôr em prática um conjunto de conhecimentos específicos que permita lidar com essa complexidade e desenvolver sistemas produtivos que promovam o manejo sustentável dos campos. É justamente essa complexidade, aliada à tendência reducionista de simplificação dos sistemas pelo homem, que tem dificultado a aplicação em larga escala do conhecimento hoje existente acerca das pastagens naturais desse ambiente diverso.

Existe no Pampa um potencial de produtividade e diferenciação de produtos único no Brasil, que permite ao Rio Grande do Sul concorrer diretamente com Uruguai e Argentina na produção de carne e leite de qualidade e com alto valor agregado, produzi-

dos em ambientes de pastagens naturais, atendendo aos mais exigentes mercados do mundo, com volume e oferta constantes ao longo do ano, graças a esse ambiente diferenciado, onde forrageiras de inverno e de verão coexistem nas mesmas áreas de pastagens nativas. O Bioma Pampa é o alicerce que sustenta esse potencial, conferindo ao Rio Grande do Sul uma das melhores condições ambientais naturais do mundo para a produção de leite, carne e lã a pasto, em regimes extensivos de criação.

Basicamente, a competitividade de empresas e empreendimentos se constrói pela atenção a três dimensões: liderança em custos, diferenciação de produtos ou serviços e diversificação de mercados. Todas as três dimensões são igualmente importantes para que um produto tenha competitividade. Em atividades agropecuárias, com raras exceções, é comum dar-se atenção apenas à primeira dimensão, controlando e gerindo custos de produção. Contudo, a pecuária passível de ser desenvolvida nos campos naturais do Bioma Pampa é uma das atividades que mais facilmente pode agregar competitividade utilizando-se das três dimensões conjuntamente.

Considerando estritamente o potencial competitivo dentro do âmbito da liderança de custos, a pecuária do Pampa tem sido subestimada. O bioma já dispõe de tecnologias e conhecimentos para aumentar a produtividade, reduzir custos e aumentar a rentabilidade e eficiência global dos sistemas pecuários de produção como poucos modelos e regiões no mundo podem proporcionar.

Esse potencial competitivo se expressa ao ser possível diferenciar a produção do Pampa de várias formas, como, por exemplo, pelas qualidades nutricionais benéficas da carne, leite e derivados produzidos em pastagens naturais. Tais produtos possuem, entre outros componentes benéficos à saúde, uma elevada quantidade de ácidos graxos insaturados em sua constituição. Outros fatores que promovem a diferenciação incluem o bem-estar dos animais criados de forma extensiva, a sustentabilidade da produção pela utilização de uma maior proporção de recursos renováveis, os menores impactos ambientais da atividade e a grande capacidade que as pastagens naturais adequadamente manejadas têm de sequestrar carbono.

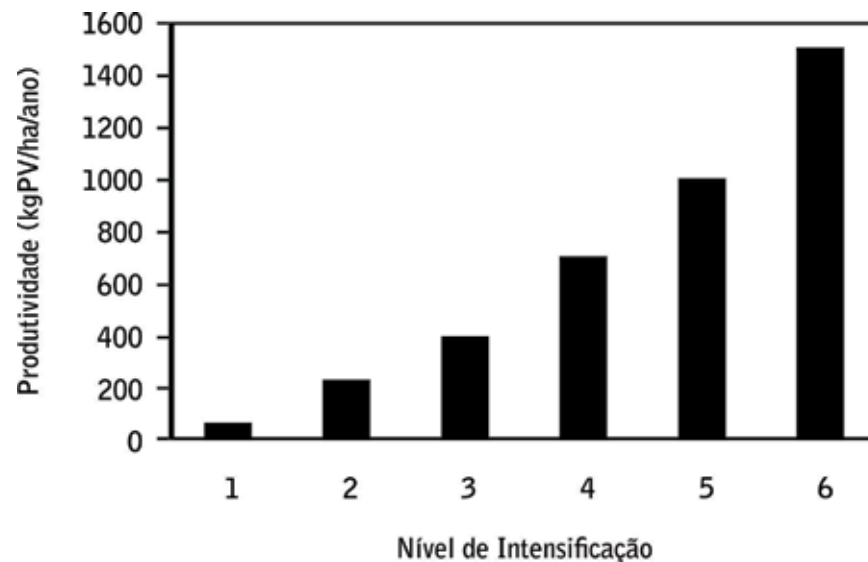


Figura 1. Diferentes níveis de intensificação do uso das pastagens naturais do Pampa em sistemas de pecuária extensiva de recria e terminação e seu impacto potencial sobre a produtividade: 1 – manejo predominante na atualidade; 2 – controle de carga animal em função da disponibilidade de forragem; 3 – idem anterior + correção e fertilização com P e K; 4 – idem anterior + N; 5 – idem anterior + introdução de forrageiras de inverno; 6 – idem anterior + irrigação (adaptado de Nabinger, 2006).

no atmosférico e retê-lo no solo.

Da mesma forma, controles sanitários oficiais rígidos e programas de rastreabilidade dos rebanhos habilitam os produtos regionais a diversos mercados, tanto internos quanto externos, o que confere segurança e estabilidade à cadeia de produção. Este conjunto de atributos e fatores associados proporciona maior renda ao produtor e a toda a cadeia pecuária, na medida em que dá acesso a mercados que remuneram melhor produtos com características diferenciadas. Desse modo, a pecuária pode estabelecer um equilíbrio competitivo em relação a outras atividades agrícolas no Pampa, compondo sistemas produtivos mais estáveis, integrados ou não com lavouras, e promovendo a conservação e o uso sustentável do bioma.

Porém, há um caminho a ser percorrido para que isso se torne uma realidade generalizada. Apesar de existirem bons produtores, a produtividade média da pecuária gaúcha ainda é baixa e a causa principal, além dos problemas sanitários e de manejo dos rebanhos, é a elevada carga animal utilizada (aproxima-

madamente uma unidade animal por hectare – 450 kg de peso vivo por hectare), que normalmente está acima da capacidade de suporte da maioria dos campos do Pampa gaúcho. Isso impõe aos rebanhos uma condição de restrição alimentar que limita a produção.

Existem conhecimentos e tecnologias que permitem atingir diferentes níveis de produtividade e aumentar a competitividade da pecuária baseada em pastagens nativas do Rio Grande do Sul, sendo essencial implementar processos de gestão e controle dentro das unidades produtivas para adequar as distintas alternativas às diferentes realidades. Parte desse conhecimento está sistematizado na figura 1.

O nível 1 representa a pecuária tradicional, de baixa produtividade, praticada sobre campos “rapados”, ou seja, com carga animal excessiva. Com técnicas simples de ajuste de carga, controle da oferta de forragem e diferimento estratégico, é possível atingir o nível 2. Mesmo nesse patamar, as plantas forrageiras nativas não atingem seu potencial máximo de cresci-

mento, em razão das limitações de fertilidade dos solos. Assim, com a correção da acidez nociva com calcário e dos níveis de fósforo (P) e potássio (K) com fertilizantes, pode-se atingir o nível 3 de produtividade. Ainda assim, existe potencial de crescimento a ser explorado, pois as gramíneas forrageiras respondem fortemente à adição de nitrogênio (N) no sistema. Com esse grau de intensificação, atinge-se o nível 4.

Apesar de as pastagens nativas do Pampa possuírem diversas espécies forrageiras de inverno (flechilhas, brisas, cevadilhas, cabelo-de-porco, entre outras), a grande maioria apresenta um predomínio de forrageiras nativas perenes de verão (grama-forquilha, capim-melador e outros). Com isso, a produção hiberna de forragem é reduzida. Uma vez corrigida a fertilidade do solo nos níveis anteriores, é possível introduzir, por sementeira ou mesmo plantio direto, sem remover o campo nativo, espécies de inverno como o azevém, a aveia e diferentes leguminosas. Isso complementa a produção forrageira e confere estabilidade à produção de forragem ao longo do ano, além de agregar qualidade à forragem ofertada aos animais. Desse modo, o nível 5 é atingido. É possível introduzir essas espécies sem a correção total da fertilidade do solo e aumentando-a gradativamente, ano a ano. As produtividades iniciais podem ser menores, mas ainda assim suficientes para cobrir os gastos.

As limitações que ainda existem no nível 5 de intensificação são de natureza hídrica, ou seja, o que restringe a expressão do potencial das plantas é o déficit hídrico, especialmente durante o verão. Esse déficit ocorre na maioria dos anos na região do Pampa, variando apenas em intensidade. Os experimentos de pesquisa e a experiência prática de alguns produtores mostram que, com a utilização de irrigação sobre as pastagens nativas, é possível aumentar o potencial produtivo para valores em torno ou até acima de 1.500 kg de peso vivo por hectare ao ano, o que corresponde ao nível 6 de intensificação.

Portanto, sem maiores desembolsos com insumos e somente com ajustes de manejo e de carga animal, é possível atingir produtividade em áreas de campo nativo de até 200 a 250 kg de peso vivo por hectare

ao ano. Para evoluir acima desses patamares, é necessária a adição de diferentes insumos que aumentam o desembolso por unidade de área, tais como sementes de forrageiras de inverno, fertilizantes e até mesmo água, no caso da irrigação. Contudo, o investimento é normalmente superado com larga margem pelo incremento das receitas.

Importante destacar que, no planejamento e na condução dos diferentes sistemas de produção pecuária, independentemente do nível produtivo e tecnológico, o ajuste de carga, o controle da oferta e da estrutura das forragens, bem como o planejamento forrageiro, são técnicas básicas e indispensáveis. Igualmente importante para manter a estabilidade da oferta de forragem durante o ano todo são as técnicas de diferimento estratégico, subdivisões planejadas das propriedades e, eventualmente, roçadas estratégicas para condicionar a estrutura das pastagens, ofertar um volume maior de folhas aos animais e promover um equilíbrio mais estável entre as diferentes espécies campestres presentes. Sem isso, não se consegue controlar adequadamente a oferta de forragem e nem realizar corretamente os ajustes de carga necessários em cada potreiro.

Essas ações estão ao alcance e sob o controle de técnicos e produtores, diferentemente de questões externas aos sistemas produtivos, relativas aos mercados. Ou seja, muita coisa pode ser feita “dentro da porteira” na busca por uma maior competitividade dos sistemas produtivos de pecuária no Bioma Pampa. O significado econômico dessas ações é demonstrado por simulações como a apresentada na tabela 1. Como pode ser visto, existe mais espaço para agregar renda ao sistema de produção via aumento de produtividade das pastagens do que por aumento de preços dos produtos.

É possível, como demonstrado, dobrar ou triplicar a produtividade média da pecuária gaúcha, que hoje gira em torno de 70 a 80 kg_{pv}/ha/ano, por meio dos sistemas produtivos possíveis no Pampa, com sustentação econômica. Dentro de sistemas produtivos ou propriedades específicas, as possibilidades de aumento de produtividade são muito maiores, da ordem de 10 vezes ou mais. Algumas pastagens nativas podem ultrapassar os 1.000 kg_{pv}/ha/ano com o uso

Tabela 1. Simulação da receita bruta de um hectare com pecuária de corte operando em diferentes níveis de produtividade e preços do quilograma de peso vivo (kg pv), mostrando a evolução da receita bruta derivada dessa relação.

		R\$/kg _{pv}	Aumento da Receita Bruta					
			% nível % 4,5	11,1	10,0	9,1	8,3	7,7
kg _{pv} /ha			4,50	5,00	5,50	6,00	6,50	7,00
Aumento da Receita Bruta		30	135	150	165	180	195	210
%nível	%70	70	315	350	385	420	455	490
42,9	42,9	100	450	500	550	600	650	700
50,0	114,3	150	675	750	825	900	975	1.050
33,3	185,7	200	900	1.000	1.100	1.200	1.300	1.400
25,0	257,1	250	1.125	1.250	1.375	1.500	1.625	1.750
60,0	471,4	400	1.800	2.000	2.200	2.400	2.600	2.800
75,0	900,0	700	3.150	3.500	3.850	4.200	4.550	4.900
42,9	1.328,6	1.000	4.500	5.000	5.500	6.000	6.500	7.000
50,0	2.042,9	1.500	6.750	7.500	8.250	9.000	9.750	10.500

(Adaptado de Sant'Anna e Santos, 2006)

detécnicas e conhecimentos como os descritos acima, comumente chamados de melhoramento de campo nativo. Ao relacionar essas produtividades com os preços dos produtos (tabela 1), vê-se que o potencial de crescimento da renda bruta de um hectare de pastagens naturais do Pampa é comparável à obtida por qualquer lavoura de grão tecnificada, e com riscos muito menores que qualquer atividade agrícola.

Cada vez mais os experimentos de pesquisa e os sistemas de produção que já utilizam esses conceitos permitem afirmar que os limites produtivos das pastagens naturais do Pampa ainda estão longe de serem atingidos. Então, por que essas tecnologias e conhecimentos disponíveis há tanto tempo não são utilizadas em mais larga escala? Basicamente, porque o meio técnico e produtivo – e, conseqüentemente, também os programas de transferência de tecnologias, extensão e assistência técnica –, em sua maioria, ainda não os incorpora. Portanto, é preciso atualizar, ampliar, qualificar e aprimorar os processos de

difusão do conhecimento, a fim de massificar o seu uso, tal como ocorre em outras áreas da agropecuária moderna.

O futuro

Muitas das soluções para o setor primário devem ser buscadas dentro das propriedades. Passam por uma profissionalização da gestão das empresas rurais, pela adoção de tecnologias adequadas a cada realidade e pela melhor gestão do conhecimento disponível. Iniciativas que, respeitando o meio ambiente, diferenciem a produção, melhorem a eficiência produtiva e econômica, e, ao mesmo tempo, proporcionem redução de riscos ao longo dos processos representam caminhos para o desenvolvimento sustentável das propriedades rurais e, conseqüentemente, da região e de toda a sociedade que nela vive.

A sociedade deve discutir os rumos que serão dados às atividades produtivas no Pampa. É preciso entender como os diferentes processos têm evoluído e por que o conhecimento disponível, principalmente a respeito da pecuária realizada no bioma, ainda não é utilizado pelo setor produtivo, identificando, desse modo, as barreiras que impedem uma transformação mais ampla e profunda que conduza ao desenvolvimento integrado do território e do povo gaúcho com o seu meio.

Santa Margarida do Sul,
abril de 2008.





Lavras do Sul,
dezembro de 2007.







O Pampa em transformação

Luiza Chomenko

O aumento da demanda por recursos naturais finitos vem causando drásticas alterações na biodiversidade em diversas partes do planeta, com efeitos variados. Segundo a Avaliação Ecológica do Milênio, conduzida pelas Nações Unidas, “nos últimos 50 anos, o homem modificou os ecossistemas mais rápida e extensivamente do que em qualquer outro intervalo de tempo equivalente na história da humanidade”.

A diminuição das propriedades funcionais e, conseqüentemente, da capacidade produtiva dos ecossistemas pode acarretar altos custos à sociedade. Um claro indício de que isso continua acontecendo é o constante aumento no número de espécies ameaçadas de extinção no planeta.

A situação no Pampa não é diferente. O bioma não atinge o nível de devastação, por exemplo, da agonizante Mata Atlântica, da qual resta menos de 12% da cobertura original, a maior parte em fragmentos pequenos e isoladas de florestas secundárias. Mas as taxas de conversão de campos nativos no Pampa são alarmantes e superam em muito as taxas de desmatamento na Amazônia. Estimativas de redução de áreas naturais baseadas em imagens de satélite indicam que apenas 41% do Pampa apresentavam cobertura vegetal natural em 2002, percentual que caiu para 36% em 2008. Isso significa que mais da metade da superfície do bioma já teve sua vegetação natural suprimida e que, somente nesse período, foram perdidos em média 360 km² – o equivalente a 36 mil campos de futebol – de cobertura vegetal nativa por ano, em sua maior parte campos naturais convertidos em lavouras de soja ou silvicultura.

Apesar das altas taxas de degradação, o Pampa é o bioma com a menor representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, representando apenas 0,4% da superfície continental brasileira inserida em áreas de proteção ambiental. A representatividade em nível regional é igualmente baixa. Apenas 2,6% do território gaúcho estão protegidos em áreas de preservação de domínio público e somente uma pequena parcela dessa área protegida corresponde a ambientes campestres.

O nível de proteção dado ao Pampa está muito aquém do recomendado. Em 2006, a Comissão Nacional de Biodiversidade – CONABIO estabeleceu como meta nacional para 2010 que pelo menos 10% de cada bioma terrestre brasileiro estivessem protegidos em unidades de conservação, com exceção do bioma amazônico, para o qual foi estabelecido um índice de 30%. Se forem consideradas as Metas de Aichi, estabelecidas no âmbito da Convenção sobre Diversidade Biológica, da qual o Brasil é signatário, o bioma está ainda mais longe de alcançar a proteção mínima estipulada: pelo menos 17% conservados em sistemas de áreas protegidas até 2020.

Esses dados mostram que as áreas de vegetação natural que restam no Pampa estão, em sua quase totalidade, em mãos privadas. Considerando que a substituição em larga escala dos campos nativos por lavouras de grãos, plantios de árvores exóticas ou pastagens cultivadas é um fenômeno relativamente recente na maior parte do bioma, esses dados também revelam que a mais antiga e tradicional atividade econômica da região, a pecuária extensiva, foi a

principal responsável pela manutenção dos ecossistemas naturais do Pampa até os dias de hoje.

Vetores da transformação

Historicamente, a economia do Rio Grande do Sul evoluiu tendo por base a pecuária, a agricultura e a exploração florestal, principalmente da araucária e de seus subprodutos. As principais culturas agrícolas são o arroz, a soja, o milho, o fumo, o trigo e diversas frutas. Com o crescimento da economia e do agronegócio, alavancado principalmente pelas *commodities* de exportação, o estado vem experimentando uma nova onda de expansão da fronteira agrícola, agora não mais sobre as férteis terras do Planalto, mas sobre as terras incultas do Pampa.

Na Metade Sul (Pampa), o principal modelo de ocupação esteve historicamente ligado à pecuária extensiva. Basta ver o progresso econômico que existia no tempo das charqueadas, que já por volta de 1780 eram conhecidas no Rio Grande do Sul, embora só muito mais tarde, no século XIX, o charque tenha passado a ser produzido em escala industrial, em Pelotas.

A partir da segunda metade do século XX, houve no Rio Grande do Sul um forte incremento da agricultura intensiva, principalmente para produção de grãos: o arroz, cultivado principalmente nas áreas de várzeas, além da soja, milho e trigo. Em várias regiões houve e continua havendo a introdução da fruticultura, dando origem a processos industriais que vem modificando o perfil de desenvolvimento local (vitivinicultura, oliveiras, além da produção de espécies nativas).

Enquanto a avicultura e a suinocultura experimentam constante expansão, inclusive com abertura de novos nichos de mercado em diversos países do mundo, a bovinocultura passou a perder espaço para o plantio de grãos. A esse respeito, é altamente destacada a marcante expansão de áreas de cultivo de soja e milho geneticamente modificados, que passaram a ocupar grandes áreas de campos nativos que antes eram de uso exclusivo de pecuária bovina.

Em fins do século XX e no início do século XXI, inaugurou-se um novo ciclo econômico no Pampa, com a chegada da silvicultura, principalmente de eucaliptos. Em poucos anos foram plantadas cente-

nas de milhares de hectares, destinados à produção de celulose para exportação.

Outras atividades, como a exploração de recursos minerais, a produção de energia elétrica, o extrativismo predatório, a introdução de espécies exóticas invasoras, a ocupação de áreas de preservação permanente (APPs) e o próprio processo de urbanização acelerado são ameaças graves às condições ambientais dos espaços naturais do estado.

Potencialidades reprimidas

O desconhecimento acerca dos impactos ambientais das atividades econômicas e dos limites de intervenção e exploração que os ecossistemas naturais suportam faz com que se julguem adequados ou ambientalmente inócuos alguns processos produtivos e modelos de desenvolvimento que, na realidade, são incompatíveis com a conservação da biodiversidade e, por consequência, com a manutenção dos serviços ambientais essenciais à sobrevivência e ao bem-estar dos seres humanos.

Muitas das atividades produtivas em expansão no Pampa, como a silvicultura e o cultivo da soja, vêm avançando sobre regiões com grande fragilidade ambiental, colocando em risco os recursos naturais e também a identidade sociocultural das populações humanas. Essa realidade demonstra claramente a falta de valorização das especificidades regionais do Pampa.

Em tempos de globalização e de nova ordem mundial, temas importantes como o dos serviços ambientais que os ecossistemas prestam são frequentemente desconsiderados ou menosprezados. No Pampa, diversos serviços que fazem parte do cotidiano das populações locais passam por uma crescente valorização no mercado internacional, mas ainda são pouco reconhecidos em escala local e regional. Entre eles estão o turismo (rural, ambiental e de observação da natureza), o sequestro de carbono atmosférico, o controle da erosão, a prevenção de enchentes, a reciclagem de nutrientes, a conservação da biodiversidade, a certificação de processos produtivos (por exemplo, a pecuária extensiva sobre campos nativos), a certificação de produtos com denominação de origem e a utilização de componentes da biodiversidade nativa como fatores de desenvolvimento (frutos, plan-



São Gabriel,
abril de 2008.





Santana do Livramento,
abril de 2008.



Alegrete,
abril de 2008.

tas ornamentais e abelhas sem ferrão, por exemplo). Além disso, é importante destacar a estreita relação homem/natureza no caso do gaúcho e do Pampa.

Em parte, essa desvalorização das potencialidades regionais está relacionada à falta de políticas de incentivo e apoio, principalmente junto ao setor rural, contribuindo para a migração de produtores em direção às cidades. Essa situação é mais grave quando se consideram setores ligados à agricultura familiar, uma vez que esses agricultores, por falta de incentivos públicos, passam a se ver marginalizados e acabam por vender ou arrendar suas terras a grandes empresas, muitas delas multinacionais.

Consequências da transformação

Esses novos modelos de produção, com a expansão de usos alóctones da terra em áreas onde historicamente se via o Pampa descrito em versos e prosa como o “lugar onde se vê longe”, vieram promover profundas mudanças e acirradas discussões no território. É fundamental compreender que, quando se fala em transformações no Pampa, não se está referin-

do apenas a aspectos econômicos e ambientais, mas também a mudanças sociais e culturais. Símbolos naturais como o cavalo, o gado, o folclore e o campo aberto passaram a perder espaço em razão do avanço da soja e da silvicultura em larga escala. A expansão da silvicultura e da agricultura intensiva também permitiu que houvesse um novo olhar sobre o Pampa, chamando a atenção de distintos setores da sociedade civil, em nível nacional e internacional, para o futuro do bioma.

Segundo Barbosa Lessa, “quando a cultura de determinado povo é invadida por novos hábitos e novas ideias, duas coisas podem ocorrer: se o patrimônio tradicional dessa cultura é coerente e forte, a sociedade só tem a lucrar com o referido contato, pois sabe analisar, escolher e integrar em seio aqueles traços culturais novos que, dentre muitos, realmente sejam benéficos à coletividade. Se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: ideias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnorteando os indivíduos, e fazendo-os titubear entre as crenças e valores mais antagônicos.”

Jussemar Weiss Gonçalves e Letícia de Faria Ferreira, em seu trabalho “O pampa, o cavalo, a pedra e o trabalho”, abordam as grandes transformações sociais que vêm ocorrendo no Pampa em consequência das mudanças de modelos de desenvolvimento. Com base em relatos de antigos peões de fazenda, observam que algumas profissões tipicamente pampianas estão à beira da extinção devido à introdução de novas formas de trabalho (tecnologias) ou de matérias-primas.

Entretanto, é interessante analisar a forma como alguns elementos dessa sociedade em transformação veem e vivenciam suas experiências. “É possível perceber nas conversas entre os gaúchos que já trabalharam como peões de fazendas em épocas passadas (anos 1960, 1970 e 1980) uma distinção entre o trabalho que era realizado no passado e o que é atualmente. As durezas que eram a falta de conforto, de luz elétrica, de água encanada etc., e as exigências dos afazeres são ressaltadas como um aspecto que marca a vida pregressa. No entanto, são positivamente recordadas as relações de amizade entre patrões e empregados, entre vizinhos e entre os trabalhadores de uma mesma região. A memória do lazer e das diversões ‘de antigamente’ é muito valorizada, pois, segundo relatam, alguns eventos como carreiras de cavalo, marcação de gado e bailes de campanha reuniam a todos que tinham como intuito apenas se divertir, sem violência e maiores separações de classes.”

De certa forma, esse novo modelo de desenvolvimento veio despertar um sentimento de pertencimento que estava esquecido na memória dos habitantes do Pampa. O Rio Grande do Sul começou a ver, de certa forma, o risco de perda da identidade “gaúcha”. Tal processo ensejou o ressurgimento de movimentos em defesa do Pampa e de sua cultura, sob a forma de manifestações sociais, ambientais e até mesmo culturais. Foi assim que surgiu, por exemplo, a canção “Herdeiros da pampa pobre”, de autoria de Heber Artigas Armua Frós (Gaúcho da Fronteira), que se tornou uma apologia à busca pelo Pampa que se perdia.

*Mas que pampa é esta que recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se desta pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes
Passam as mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas
Se for preciso, volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Herdei um campo onde o patrão é um rei
Tendo poderes sobre o pão e as águas
Onde esquecido vive o peão sem Leis
De pés descalços cabrestando mágoas
O que hoje herdo da minha grei chirua
É um desafio que a minha idade afronta
Pois me deixaram a guaiaca nua
Para pagar uma porção de contas.*

De acordo com a pesquisadora Gabriela Litre, o Pampa do Rio Grande do Sul, com a típica paisagem da Campanha gaúcha, “já sofreu significativas transformações quase meio século antes do que o Pampa argentino e uruguaio, devido à expansão da lavoura empresarial da soja. Após a década de 1950, terras vinculadas à pecuária tradicional cederam espaço para a lavoura de arroz irrigado e de soja em terras arrendadas (...) o que levou o Rio Grande do Sul à condição de “‘celeiro do Brasil’”.

Segundo essa mesma autora, “já em 1968, Pébayle percebia as profundas transformações territoriais originadas pelo avanço da lavoura sobre a pecuária extensiva e chamava a atenção sobre ela: (...) o *gaúcho brasileiro*, apesar de sua resistência aos golpes de força dos neo-agricultores e de sua fidelidade a um gênero de vida tradicional, não pode evitar o nascimento de uma vida regional diversificada, por encontrar-se ainda toda impregnada de espontaneidade, a nova tendência não deve ser menosprezada e os especialistas da organização do território, que se preocupam com razão com o caráter marginal da campanha, podem achar nela uma orientação.

Ainda na mesma linha de avaliação, G. Litre afirma que “nos anos 1970, o maior domínio territorial no

Rio Grande do Sul ainda se encontrava nas mãos de pecuaristas, embora suas atividades fossem eminentemente tradicionais. O processo de modernização da pecuária de corte somente tornou-se perceptível no início da década de 1990, quando ocorreu significativa transformação de seu sistema produtivo. (...) A partir de então, algumas empresas e pequenos grupos de filhos de estancieiros, vinculados a setores urbanos, formados em veterinária em sua maioria, começaram a introduzir um sistema de gerenciamento que representou uma mudança de paradigma na produção pecuária.”

Outro elemento importante a destacar é que também nessa época começaram a surgir os assentamentos rurais na Campanha, destinados ao MST, o que levou à mudança na economia, na organização do espaço rural e no perfil de sua população. A esses integrantes da reforma agrária, associaram-se os investidores de monoculturas de soja, milho, arroz e plantios de árvores exóticas, como pínus e eucalipto.

Mais recentemente, tem surgido um novo modelo de ordenação do trabalho, abrindo espaço para organizações sociais e inovações que apontam para rupturas do quadro institucional atualmente em vigor. A popularização do artesanato e os usos diversos de produtos locais (principalmente relacionados à lã e a elementos de biodiversidade nativa) têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida das populações humanas locais, ampliando o espaço ocupado pelas mulheres na economia e contribuindo para o desenvolvimento sociocultural das comunidades.

Em razão dessas mudanças em curso no Pampa, surgem “novos atores”, que G. Litre classifica em duas categorias: os “gerentes agropecuários”, que, com um capital mínimo ou inexistente canalizam fundos de inversão e atuam como unidades de gerenciamento e negócios, arredando terras e contratando serviços, e os “novos pecuaristas”, que realizam investimentos de maneira individual, combinando a agricultura com a pecuária, mas que, ao contrário do produtor tradicional, tem começado a enxergar a pecuária como uma atividade marginal que se desenvolve nos solos de menor qualidade ou sob confinamento – os *feedlots*.

É preciso levar em consideração que, ao longo da história do Brasil, processos monoculturais vêm sempre atrelados a padrões complexos de distribuição de

terras e de renda, principalmente quando destinados à exportação. Por outro lado, a criação de grandes conglomerados industriais multinacionais ligados à produção de alimentos e insumos diversos vem conduzindo à homogeneização da base de sustentação do setor produtivo, pois há interesse em otimizar os mecanismos de produção. Esse modelo de desenvolvimento induz à expansão das monoculturas e, conseqüentemente, diminui os usos múltiplos da terra, trazendo consigo a questão da biossegurança alimentar e da redução na oferta de alimentos variados e que demandam alta empregabilidade de mão de obra.

O crescente comércio agrícola internacional vem promovendo um fenômeno que ainda é discutido de forma muito incipiente no Brasil: a perda da “água virtual”. Juntamente com os produtos gerados (grãos, celulose etc), exporta-se também a água, a qual sai de regiões onde ela se encontra de forma natural e abundante e vai para locais onde é escassa. Tal “jogo político” ainda é abordado muito superficialmente em tratativas mundiais, pois se trata de um bem cada vez mais precioso, especialmente para os países que o detêm em abundância, mas que também precisam atender distintas demandas e prioridades (abastecimento humano, agricultura, produção de energia etc). É visível que esse comércio seguirá crescendo no futuro, junto com o esgotamento e a contaminação dos recursos naturais.

Em relação ao Pampa, o debate vem induzindo à criação de estratégias e políticas de estímulo a programas de gestão ambiental e econômica baseados no potencial da região, principalmente considerando as demandas internacionais por produtos ecologicamente amigáveis.

A mudança de postura é, em parte, um produto da globalização, que tem seus defensores, mas também tem seus críticos, por considerarem que ela “produz e reproduz socialmente a marginalização e a exclusão da grande maioria da população mundial” (Boaventura de Souza Santos). Ulrich Beck afirma que é possível superar as distorções sociais, econômicas e políticas a partir da criação de um mercado de oportunidades, destacando-se:

- a cooperação internacional, ampliando temas de responsabilidade socioambiental;



- a formulação de novo contrato social envolvendo empresas e consumidores;
- a definição de novos objetivos culturais, políticos e econômicos, chamando a atenção sobre perspectivas de inovações em mercados tradicionais e a ampliação de produtos ambientalmente amigáveis;
- as culturas experimentais, mercados-nicho e auto-renovação social, onde se criariam rupturas no processo de massificação de produtos, promovendo modelos alternativos de desenvolvimento que respeitem as alternativas regionais.

Outra questão relevante diz respeito ao papel dos meios de comunicação na divulgação das novas tendências e alternativas. Consequência imediata da ampliação do acesso à informação é a gradual mudança de postura da sociedade como ente consumidor, quando entra em jogo a questão da sustentabilidade futura. Ao se abordar a mudança das políticas setoriais internacionais nas quais o mercado produtor ligado ao setor rural se insere, é fundamental discutir e avaliar os interesses que se põem em jogo quando da entrada de novos modelos de desenvolvimento. Po-

der-se-ia questionar, por exemplo, qual a necessidade de alguns produtos que estão sendo produzidos hoje no Pampa para as regiões produtoras? Que conflitos ou benefícios são gerados nos campos econômico, social, ambiental e cultural?

A partir dessa perspectiva, o Pampa desponta como uma região economicamente promissora e de reconhecidas potencialidades, dadas as suas características. A valorização da cultura típica de uma região passa a integrar o rol de exigências para garantir a qualidade dos produtos e dos processos produtivos. Algumas experiências já vêm sendo desenvolvidas no sentido de estimular o uso de elementos da biodiversidade regional como fatores de desenvolvimento para as populações humanas e, com certeza, tem-se aí um campo ainda completamente aberto e com grandes oportunidades de expansão. Ainda há tempo de harmonizar a produção e o desenvolvimento da região com a conservação dos recursos naturais, da biodiversidade e da cultura do Pampa, mas o prazo está se esgotando. O primeiro passo é conscientizar a população do seu “pertencimento” a tudo que a rodeia.

Santa Margarida do Sul, abril de 2008.



Cerro Chato, Herval,
abril de 2008.



São Francisco de Assis,
abril de 2008.

Santana do Livramento,
novembro de 2015.





Rosário do Sul,
outono de 2008.





Sumário das imagens de abertura dos capítulos

..... ..



18: APA do Ibirapuitã, Alegrete, abril de 2008.



28:Uruguaiana, abril de 2008.



44: Alegrete, abril de 2008.



60: Sabiá-do-banhado (*Embernagra platensis*). Lavras do Sul, dezembro de 2007.



76: APA do Ibirapuitã, Alegrete, abril de 2008.



84: Cacequi, outono de 2008.



148: São Gabriel, abril de 2008.



168: Manoel Viana, outono de 2008.



188: Alegrete, outono de 2008.

Bibliografia

- ADAUTO, F. 2006. **Tropeando**. Porto Alegre: Ed. Proletra.
- AGUINAGA, J. A. Q. 2004. Dinâmica da oferta de forragem na produção animal e produção de forragem numa pastagem natural da Depressão Central do RS. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ASSUNÇÃO, F. O. 1978. **El Gaucho**. Montevideo: Dirección General de Extensión Universitaria.
- BECK, U. 1998. La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad. Barcelona: Ed. Paidós.
- BEHLING, H.; JESKE-PIERUSCHKA, V.; SCHULER, L.; PILLAR, V. P. 2009. Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o quaternário tardio. In: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) **Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 13-25.
- BENCKE, G. A. 2009. Diversidade e conservação da fauna dos Campos do Sul do Brasil. In: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) **Campos Sulinos: Conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 101-121.
- BOLDRINI, I. I. 1997. Campos do Rio Grande do Sul: caracterização fisionômica e problemática ocupacional. **Boletim do Instituto de Biociências da UFRGS** N° 56.
- BOLDRINI, I. I. 2009. A flora dos campos do Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) **Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 63-77.
- BOLDRINI, I. I. 2014. Conhecer para preservar. Encontro de Botânicos do Rio Grande do Sul, XV. Fundação Universitária de Rio Grande (FURG), Rio Grande, 28-31 de maio de 2014. **Anais...**
- BOLDRINI, I. I.; OVERBECK, G.; TREVISAN, R. 2015. Biodiversidade de plantas. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. (Eds.) **Os campos do sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos/UFRGS. Pp. 51-56.
- BOLDRINI, I. I.; SCHNEIDER, A. A.; TREVISAN, R.; SETUBAL, R. 2014. Flora campestre do Rio Grande do Sul: riqueza, endemismo e espécies ameaçadas. Encontro de Botânicos do Rio Grande do Sul, XV. Fundação Universitária de Rio Grande (FURG), Rio Grande, 28-31 de maio de 2014. **Anais...**
- BRAUN, J. C. 1998. **Vocabulário pampeano – pátrias – fogões – legendas**. Porto Alegre: Edigal.
- BURKART, A. 1975. Evolution of grasses and grasslands in South America. **Taxon** 24(1):53-66.
- CARVALHO, P. C. F. et al. 2006. Produção animal no Bioma Campos Sulinos. **Brazilian Journal of Animal Science** 35:156-202.
- CÉSAR, G. 2002. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- CHOMENKO, L. 2008. Um panorama sobre o cultivo de monoculturas de árvores. **IHU-Cadernos** 4(27): 28-42.
- COSTA, B.; QUOOS, J.; DICKEL, M. 2010. **A sustentabilidade da região da Campanha – RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: UFSM.
- CRUZ, R. C.; GUADAGNIN, D. L. Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. In:
- DEVELEY, P. F.; SETUBAL, R. B.; DIAS, R. A.; BENCKE, G. A. 2008. Conservação das aves e da biodiversidade no bioma Pampa aliada a sistemas de produção animal. **Revista Brasileira de Ornitologia** 16:308-315.
- EMATER – RS. 2015. **Relatório de acompanhamento de safras**. Disponível em <http://www.emater.tche.br/site/servicos/informacoes-agropecuarias.php#safra>. Porto Alegre.
- FARIÑA, R. A.; CZERWONOGORA, A.; GIACOMO, M. 2014. Splendid oddness: revisiting the curious trophic relationships of South American Pleistocene mammals and their abundance. **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 86(1): 311-331.
- FIDELIS, A.; APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; PFADENHAUER, J. 2009. A importância da biomassa e das estruturas subterrâneas nos Campos Sulinos. In: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) **Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 88-100.
- FONTANA, C. S.; BENCKE, G. A. 2015. Biodiversidade de aves. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. (Eds.) **Os campos do sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos/UFRGS. Pp. 91-97.

- GARDELIM, M. 1990. **Padre Cristóvão de Mendoza**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas.
- GONÇALVES, J. W.; FERREIRA, L. F. 2012. O pampa, o cavalo, a pedra e o trabalho. **Iluminuras** 13(30):192-199.
- HENWOOD, W. D. 2010. Toward a strategy for the conservation and protection of the world's temperate grasslands. **Great Plains Research** 20:121-134.
- IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). 2013. Relatório de qualidade do Meio Ambiente – RQMA: Brasil 2013. Brasília: Diretoria de Qualidade Ambiental/IBAMA. Disponível em http://www.ibama.gov.br/phocadownload/rqma/RQMA_.pdf.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2004. Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>
- IRIARTE, J. 2006. Vegetation and climate change since 14,810 14C yr B.P. in southeastern Uruguay and implications for the rise of early formative societies. **Quaternary Research** 65:20-32.
- LITRE, G. 2010. Os gaúchos e a globalização: vulnerabilidade e adaptação da pecuária familiar no Pampa do Uruguai, Argentina e Brasil. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília – UnB, Brasília e Université Sorbonne Nouvelle, Paris.
- MacFADDEN, B. J. 2005. Diet and habitat of toxodont megaherbivores (Mammalia, Notoungulata) from the late Quaternary of South and Central America. **Quaternary Research** 64:113-124.
- MacFADDEN, B. J.; CERLING, T. E.; HARRIS, J. M.; PRADO, J. 1999. Ancient latitudinal gradients of C3/C4 grasses interpreted from stable isotopes of New World Pleistocene horse (Equus) teeth. **Global Ecology and Biogeography** 8:137-149.
- MACHADO, J. D.; HEGEDŰS, P.; SILVEIRA, L. B. 2006. Estilos de relacionamento entre extensionistas e produtores: desde uma concepção bancária até o “empowerment”. **Ciência Rural** 36(2):641-647.
- MARASCHIN, G. E. et al. 1997. Native pasture, forage on offer and animal response. International Grassland Congress, 18. **Proceedings...** Saskatoon Paper 288, v. 2. p. 27-29.
- MARQUES, A. F. 1987. **Episódios do Ciclo do Charque**. Porto Alegre: Edigal.
- MARQUIORI, J. N. C. 2004. **Fitogeografia do Rio Grande do Sul: Campos Sulinos**. Porto Alegre: EST Edições.
- MEIRA, A. N. G. 2008. O patrimônio histórico e artístico do Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. 2011. Monitoramento do Bioma Pampa 2008-2009. Brasília: Centro de Sensoriamento Remoto, IBAMA.
- NABINGER, C. 2006. O Pampa e o desenvolvimento: considerações sobre seu potencial produtivo e econômico. *In*: Simpósio Cotrisal da Carne Bovina: gestão e produtividade, 4. São Borja, 30 e 31 de março de 2006.
- NABINGER, C.; CARVALHO, P. C. F. 2008. Avanços no manejo do pasto para produção bovina. *In*: Jornada Técnica em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva, 3. Porto Alegre: NESPRO, UFRGS. **Anais...**
- NABINGER, C.; SANT'ANNA, D. M. 2007. Campo nativo: sustentabilidade frente às alternativas de mercado. *In*: Simpósio de Forrageiras e Produção Animal, 2. Porto Alegre: UFRGS, Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia. **Anais...**
- NABINGER, C.; FERREIRA, E. T.; FREITAS, A. K.; CARVALHO, P. C. F.; SANT'ANNA, D. M. 2009. Produção animal com base no campo nativo: aplicações de resultados de pesquisa. *In*: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) **Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 175-198.
- NABINGER, C.; SANTOS, D. T.; SANT'ANNA, D. M. 2006. Produção de bovinos de corte com base na pastagem natural do RS: da tradição à sustentabilidade econômica. *In*: FEDERACITE (Org.). Pecuária Competitiva. Esteio: FEDERACITE, Livro XIV. Pp. 37-77.
- OVERBECK, G. E.; BOLDRINI, I. I.; CARMO, M. R. B.; GARCIA, É. N.; MORO, R. S.; PINTO, C. E.; TREVISAN, R.; ZANIN, A. 2015. Fisionomia dos campos. *In*: PILLAR, V. P.; LANGE, O. (Eds.) Os campos do sul. Porto Alegre, Rede Campos Sulinos/UFRGS. Pp. 30-41
- OVERBECK, G. E.; MULLER, S. C.; FIDELIS, A.; PFADENHAUER, J.; PILLAR, V. P.; BLANCO, C. C.; BOLDRINI, I. I.; BOTH, R.; FORNECK, E. D. 2009. **Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado**. *In*: PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.) Campos sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Pp. 26-41.
- PILLAR, V. P., MÜLLER, S. C., CASTILHOS, Z. M. S. & JACQUES, A. V. Á. (Eds.) **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

- PILLAR, V. P.; LANGE, O. (Eds.) **Os campos do sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos/UFRGS.
- PRADO, L. F.; WAINER, I.; CHIESSI, C. M.; LEDRU, M.-P.; TURCO, B. 2013. A mid-Holocene climate reconstruction for eastern South America. *Clim. Past* 9:2117-2133.
- PUERTO, L.; GARCÍA-RODRÍGUEZ, F.; INDA, H.; BRACCO, R.; CASTIÑEIRA, C.; ADAMS, B. 2006. Paleolimnological evidence of Holocene climatic changes in Lake Blanca, southern Uruguay. *J. Paleolimnol.* 36:151-163.
- QUADROS, F. L. F.; PILLAR, V. D. 2001. Dinâmica vegetacional em pastagem natural submetida a tratamentos de queima e pastejo. *Ciência Rural* 31(5):863-868.
- QUADROS, F. L. F.; PILLAR, V. D. P. 2002. Transições floresta-campo no Rio Grande do Sul. *Ciência e Ambiente* 24:109-118.
- REVERBEL, C. 1986. **O Gaúcho**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda.
- RIVAS, M.; BARBIERI, R. L. 2014. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do butiá**. Brasília: Embrapa.
- RODRÍGUEZ, C.; LEONI, E.; LEZAMA, F.; ALTESOR, A. 2003. Temporal trends in species composition and plant traits in natural grasslands of Uruguay. *Journal of Vegetation Science* 14:433-440.
- SANDOM, C.; FAURBY, S.; SANDEL, B.; SVENNING, J.-C. 2014. Global late Quaternary megafauna extinctions linked to humans, not climate change. *Proc. R. Soc. B* 281:20133254. <http://dx.doi.org/10.1098/rspb.2013.3254>
- SANT'ANNA, D. M. 2009. Modelagem bioeconômica para planejamento e tomada de decisão em sistemas agropecuários. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SANT'ANNA, D. M.; SANTOS, R. J. 2006. Tecnologias e competitividade dos sistemas de produção: existem oportunidades. *In: GOTSHALL, C.; SILVA, J. L. S. (Orgs.). Ciclo de Palestras em Produção e Manejo de Bovinos de Corte*, 16. Canoas: ULBRA. Pp. 5-47. **Anais...**
- SANT-HILAIRE, A. 1935. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Ariel Editora.
- SANTOS, B. S. (Org.). 2002. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, M. 2002. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp.
- SCHOLL, J. H.; LOBATO, J. F. P.; BARRETO, I. L. 1976. Improvement of pasture by direct seeding into native grass in Southern Brazil with oats, and with nitrogen supplied by fertilizer or arrowleaf clover. *Turrialba* 26(2):144-149.
- SEBRAE/SENAR/FARSUL. 2005. **Diagnóstico de sistemas de produção de bovinocultura de corte no Estado do Rio Grande do Sul**. Relatório. Porto Alegre: SENAR.
- SILVA, T. W.; DOTTA, G.; GRESSLER, D. T.; FONTANA, C. S. 2015. Habitat use by grassland birds in natural areas and soybean fields in southern Brazil and Uruguay. *The Wilson Journal of Ornithology* 127(2):212-221.
- SOARES, A. B. 2002. Efeito da alteração da oferta de matéria seca de uma pastagem natural sobre a produção animal e a dinâmica da vegetação. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SOUZA, B. S/D. **De todo o laço**. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole.
- SPALDIG, V. 1982. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Editora Nacional e Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- STRELIAEV, L. 2006. O Pampa: onde se enxerga longe. **IHU-ON-LINE**. UNISINOS.
- STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. (Eds.) 2014. **Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado.
- TESTA, A. 2004. **Rincón Gaucho**. Buenos Aires: Emecé.
- VIVO, M.; CARMIGNOTTO, A. P. 2004. Holocene vegetation change and the mammal faunas of South America and Africa. *Journal of Biogeography* 31:943-957.
- WEDEKIN, I. 2002. Os agriclusters e a construção da competitividade local. In: Congresso Brasileiro do Agrobusiness, 1. São Paulo. Disponível em <http://abag.sites.srv.br/site/home.asp>. **Anais...** vol. 2:43-55.

Sites consultados:

- MILLENIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT. 2005. <http://www.millenniumassessment.org/en/Reports.html>
- BARBOSA LESSA. <http://www.paginadogaicho.com.br/ctg/valor.htm>
- SIMÕES PIRES, F. Gaúcho, o dialeto crioulo rio-grandense. http://www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaucho.html

Agradecimentos

Este livro se tornou realidade graças ao apoio que recebemos de diversas pessoas e instituições desde a organização da exposição fotográfica **Nosso Pampa Desconhecido**, em 2008, a qual foi o embrião da presente obra. Expressamos aqui nosso profundo agradecimento a Margareth Vasata, da Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional, que ajudou a construir o Projeto RS Biodiversidade e foi fundamental para a efetivação da exposição fotográfica; aos integrantes da Unidade de Gerenciamento do Projeto (UGP) na SEMA, pela confiança e apoio permanente; aos diretores atuais e anteriores da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, que em sucessivas gestões nos incentivaram e deram o suporte institucional à continuidade do projeto; ao BIRD e GEF, pelo aporte de recursos financeiros; a todos os autores de capítulos, pela valiosa contribuição intelectual à obra; a Juliano Panizza Salomon Abi Fakredin, pelo auxílio em campo para a obtenção dos registros fotográficos; a Kelly Rhein Gerevini, pelo entusiasmo e parceria durante todas as fases de produção do livro; a Luciano de Azevedo Moura, pela revisão final do texto e pelo auxílio em fases anteriores do projeto; a todas as pessoas anônimas que figuram nas fotos deste livro, que com sua imagem e atitude nos possibilitaram retratar aspectos típicos do Pampa; aos proprietários das áreas visitadas, que permitiram acesso às suas propriedades para a obtenção de imagens. Por fim, cabe um agradecimento muito especial às nossas famílias, pelo estímulo dado em cada momento e pela paciência que tiveram em nossas ausências.

Este livro foi composto em Galliard e Batang e impresso no outono de 2016.
Tiragem: 3000 exemplares.

.....

O Pampa é uma região com características naturais próprias, que lhe conferem fragilidades e potencialidades específicas, à qual está intimamente vinculado um povo com uma forte tradição e identidade cultural: o gaúcho.

Este livro se propõe a mostrar a beleza desse espaço geográfico ainda pouco conhecido e valorizado, mas tão importante no contexto regional e mundial, por meio de fotografias que retratam com encanto e primor a paisagem, a biodiversidade, a cultura e o povo da região, assim como a relação do gaúcho com o seu meio.

O seu conteúdo, elaborado por autores que conhecem profundamente a região, aborda temas das mais diversas áreas do conhecimento, proporcionando uma visão integrada dos vários e peculiares aspectos do bioma.

Além de promover a valorização do Pampa e de apresentá-lo àqueles que ainda não o conhecem, esta obra tem por objetivo despertar o sentimento de pertencimento entre as pessoas que vivenciam ou usufruem esse território, conscientizando-as sobre a importância de conservar o rico patrimônio natural e cultural da região.

.....

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60378-12-8



9 788560 378128



GLOBAL ENVIRONMENT FACILITY
EVALUATION OFFICE



Banco Mundial

FUNDAÇÃO
ZOO
BOTÂNICA


RS
BIODIVERSIDADE



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

